

UNIVERSIDADE DE SOROCABA – UNISO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Gisleine Scatena Brançam

**“AS QUESTÕES DA CONDIÇÃO PÓS-MODERNA E A
FORMAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL: O CASO DA
UNIVERSIDADE DE SOROCABA.”**

Sorocaba/SP
2003

Gisleine Scatena Brançam

**“AS QUESTÕES DA CONDIÇÃO PÓS-MODERNA E A
FORMAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL: O CASO DA
UNIVERSIDADE DE SOROCABA.”**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Profa. Dra. Maria Lúcia de Amorim Soares.

Sorocaba/SP

2003

Gisleine Scatena Brançam

**“AS QUESTÕES DA CONDIÇÃO PÓS-MODERNA E A
FORMAÇÃO DO TERAPEUTA OCUPACIONAL: O CASO DA
UNIVERSIDADE DE SOROCABA.”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes Professores:

1o. Exam.: Wilson Sandano – Doutor – Universidade de Sorocaba

2º. Exam.: Viviane Maximino – Doutora –
Universidade do Vale do Paraíba.

Sorocaba, 28 de outubro de 2003.

Dedico esse trabalho ao Júnior e a Maria Eduarda, co-autores nos meus projetos de vida...

Agradecimentos

A Deus e aos meus pais, Sérgio e Madalena, pela possibilidade da minha existência.

A toda minha família que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho, em especial ao Junior, Maria Eduarda, Daniela e Rita.

A Profa. Dra. Maria Lúcia Amorim Soares por apostar em meu tema e se destacar enquanto modelo de uma insaciável pesquisadora.

A minha turma do curso de Mestrado pela oportunidade de realizar trocas de conhecimentos, experiências, afetos e dificuldades.

A coordenadora do curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba Rita de Cássia Miranda, pelos dados fornecidos.

Ao corpo docente do curso de Terapia Ocupacional pela possibilidade de reflexões e trocas quanto ao papel de educador.

Aos alunos do curso de Terapia Ocupacional pela disponibilidade em contribuir nessa pesquisa, bem como por todos os “questionamentos e angústias” que me provocaram.

Aos Profs. Drs. Wilson Sandano e Viviane Santalucia Maximino, pelas valiosas contribuições fornecidas na prova da qualificação deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho reflete sobre a formação do terapeuta ocupacional na condição pós-moderna. Segundo a Resolução CNE/CEs no.6/2002 das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional é necessário garantir ao aluno aspectos direcionados a crítica, a reflexão e a consciência do papel do terapeuta ocupacional enquanto agente facilitador, transformador e integrador junto à comunidades e agrupamentos sociais. Assim, esta pesquisa, com abordagem qualitativa, visa verificar se o curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba contribui para a formação de profissionais cientes da realidade humana na condição pós-moderna.

Em diversas disciplinas do curso ocorreram vivências com alunos. Estas serviram de instrumento para analisar como os alunos percebem os temas tratados, além de mobiliza-los para reflexão e crítica, assim escavando nas relações escolares a construção do conhecimento.

Os resultados indicam: vantagens quanto ao uso de vivências no decorrer do processo de ensino e aprendizagem; tensão entre a formação do aluno com base na racionalidade cognitivo-instrumental caracterizada pela informação da técnica e a formação com ênfase nas racionalidades estético-expressiva e moral-prática; ênfase dos alunos na importância da crítica, do uso da ética e da necessidade em dar continuidade ao processo de formação profissional na condição pós-moderna.

ABSTRACT

This work makes considerations about the modern education of the Occupational Therapist. According to the Resolution CNE/CEs dated June 2002 of the National Curriculum Standards for the Graduation in Occupational Therapy, shall be assured to the student the development of his critical view and reflective capacity as well as the conscience of his role as a facilitator agent, transformer and integrator in the communities and social groups.

The present research aims to verify if Occupational Therapy Graduation Course of the Sorocaba University reaches the above objective, through a qualitative approach.

Probations have been performed with students of several disciplines to evaluate how they realized the proposed subjects and motivate them to have a critical view and reflective approach.

The results of the research indicate: there are advantages including probation in the graduation program; tension were verified resulting from conflict between the technical approach characterized by the cognitive instrumental rationality and formative approach which emphasizes the esthetic-expressive and moral-praxes rationality; students recognition of the importance of the critical view and the ethic and the necessity of continuous professional education process.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAP. 1: QUEM SOMOS?.....	12
1.1 A Crise	12
1.2 A Condição pós-moderna.....	18
1.3 A Sociedade Depressiva.....	31
1.4 Repercussões	36
a) No caminho de Cindy Sherman.....	36
b) No caminho de Francis Bacon.....	42
CAP. 2: QUE PROFISSÃO É ESTA?.....	47
2.1 Histórico.....	47
a) Formação Profissional.....	50
b) Campo de Atuação.....	54
2.2 Representação social.....	57
2.3 A Imagem dos Alunos.....	61
CAP.3: QUAL É O PAPEL DA UNIVERSIDADE?.....	72
CAP.4 O CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL NA UNIVERSIDADE DE SOROCABA – Uniso.....	79
4.1 A Implantação do curso.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	93
ANEXO I.....	95
ANEXO II.....	102

INTRODUÇÃO

Para elaborar uma introdução devemos ter clareza em situar para o leitor o tema, a justificativa, o problema, a metodologia, enfim o processo da pesquisa. Porém, num primeiro momento, achamos fundamental fazer uma retrospectiva e contar a história de alguém que se inicia na difícil e gratificante tarefa de se tornar pesquisadora.

Ao refletir, talvez a mais sensata posição seja de que não é possível identificar o começo desse processo. Ele pode estar vinculado às expectativas dos pais construídas desde o nascimento; à educação recebida com base no respeito ao próximo; às conversas da tia que sugeria a profissão de “professorinha”; às inúmeras vivências ocorrida na formação de terapeuta ocupacional; à experiência de dez anos na clínica; à possibilidade de trabalhar enquanto docente no curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba; ao encontro com outros alunos, mestrandos e doutores do Programa de Mestrado em Educação da Uniso, e em especial ao contato com a pesquisadora Doutora Maria Lúcia de Amorim Soares. Quem sabe a somatória, não linear, desses fatores e de outros não lembrados no momento geraram o interesse pela pesquisa...

Pesquisar? O que? Como? São as primeiras dúvidas que surgiram. Mais uma vez, a sensatez e a experiência de uma orientadora, após indicar o filme “Colcha de Retalhos”, nos direciona: - “O que está ao seu redor, o que faz parte do seu cotidiano”. Novo e desafiante era o fato de se tornar docente em um curso de graduação. É isso que precisávamos estudar, pesquisar, refletir, elaborar. O tema passou a ser: A formação do terapeuta ocupacional na condição pós-moderna.

Partindo das experiências pessoais incluindo o processo de formação e das observações de outros terapeutas ocupacionais formados em diversas Universidades percebíamos diferenças significativas nas formas de atuação. Essas diferenças, muitas vezes divergência, ao nosso ver estavam relacionadas ao modo de entender o Homem, a Saúde/Doença e o Mundo, portanto ao papel que o terapeuta ocupava na sociedade.

Compartilhamos as reflexões da terapeuta ocupacional Heloisa Medeiros (2000, p. 62-63) ao afirmar que vivemos numa sociedade e por conseqüência em uma Instituição participando de uma organização, quer como agentes privilegiados ou subordinados, assumimos sempre um lado da história, um posicionamento em defesa a alguém ou a um ponto de vista. Assim temos uma função ideológica.

Ao nosso ver, a definição desse papel ou posição social que cada terapeuta ocupacional ocupa está vinculada a diferentes fatores como formação pessoal, conceitos morais e culturais, projeto de vida e em especial ao processo de formação profissional.

A formação profissional também remete os agentes nela envolvidos, implícita ou explicitamente, a um posicionamento quanto ao papel de um curso superior e à definição do que seja a produção dos futuros profissionais. A opção por definir a formação, tanto pelas demandas do mercado de trabalho, como pela intenção de formar profissionais críticos e investigadores da realidade que vão prestar seus serviços direciona a organização de um currículo. (DRUMMOND, 2000, p. 2)

Temos clareza que em todo processo da pesquisa ocorreu um duplo olhar, pois mesmo após a definição de que o objeto desse estudo seria a formação do aluno do curso de Terapia Ocupacional nos percebemos constantemente, questionando o papel do docente frente à formação universitária.

Assim o problema se caracterizou: o curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba contribui para a formação de profissionais cientes da realidade humana na condição pós-moderna?

Nossa hipótese era que: a estruturação curricular do curso de Terapia Ocupacional Universidade favorecesse a formação de um profissional crítico e reflexivo.

Os objetivos da pesquisa foram sendo definidos: conhecer as concepções de diferentes autores contemporâneos que estudam a sociedade atual, ao focar a crise, os paradigmas, a identidade do sujeito; pesquisar a história da Terapia Ocupacional e especialmente da formação acadêmica do terapeuta; questionar o papel da Universidade na atualidade; refletir a formação do terapeuta ocupacional na Universidade de Sorocaba.

No processo de pesquisa bibliográfica nos deparamos com autores que nos orientaram na identificação da realidade e o processo histórico como Kujawski, Harvey e Magalhães, bem como com autores que oferecem propostas de transformações entre eles Roudinesco, Kristeva, Soares e Boaventura, os quais contribuíram significativamente para a elaboração deste trabalho.

Utilizamos a pesquisa qualitativa com observação participante, objetivando obter dados descritivos a partir do contato direto do pesquisador com a situação estudada, assim enfatizando o processo mais do que o produto com preocupação centrada na identificação da perspectiva dos participantes. (BOGDAN; SARI, 1994)

Optamos por organizar o texto em quatro capítulos. Cada capítulo trata de uma temática específica e apresenta a (s) pesquisa (s) realizada (s) com os alunos frente ao assunto abordado. Com isso as vivências são demonstradas no decorrer do trabalho e não em um único capítulo.

No primeiro capítulo o tema central é a condição pós-moderna. Está dividido em quatro momentos: no primeiro é traçado um panorama histórico da crise da modernidade segundo as reflexões de Gilberto de Mello Kujawski. O segundo momento contém um panorama da atualidade sob a ótica de David Harvey, que a denomina “Condição Pós-Moderna”. A terceira etapa é direcionada para uma leitura da sociedade atual como reflexo do contexto, tendo como referência Elisabeth Roudinesco e Julia Kristeva, ambas psicanalistas. O quarto momento revela dois trabalhos, intitulados: No caminho de Cindy Sherman e No caminho de Francis Bacon, realizados com alunos do curso de Terapia Ocupacional, trabalhos que envolvem questões da contemporaneidade.

No segundo capítulo o enfoque principal é a profissão de Terapeuta Ocupacional. Está dividido em três momentos: o primeiro, com a finalidade de apresentar a história da profissão, salientando a formação profissional, o campo de atuação e as associações de classe. As referências teóricas vêm de Lea Beatriz Teixeira Soares e Liliam Vieira Magalhães, terapeutas ocupacionais. O segundo momento apresenta a representação social da profissão segundo referencial teórico da terapeuta ocupacional Sandra Galheigo. Já o terceiro momento demonstra a “vivência de mosaico” realizada com os alunos, em diferentes períodos do curso. O trabalho de mosaico tem com base a técnica descrita pelo terapeuta ocupacional Chamone, seus resultados espelham com se dá o processo de construção da imagem do terapeuta ocupacional no decorrer da formação.

No terceiro capítulo é feita uma reflexão quanto ao papel da Universidade no mundo contemporâneo. Aninham as teses defendidas por Boaventura de Souza Santos em seu livro: “Pela Mão de Alice - o social e o político na pós-modernidade” (1996), com ênfase nas propostas para a transformação necessária nas Universidades.

O quarto capítulo é dedicado ao curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba. O processo de implantação deste curso e a construção do projeto pedagógico atual são o primeiro momento. A análise do Projeto Político Pedagógico do curso e uma pesquisa realizada com alunos do último período do curso abordando a função da Universidade para o aluno são apresentadas no segundo momento. A referência teórica

para essa análise se dá a partir das propostas apresentadas por Boaventura Sousa Santos para a revisão das funções da Universidade.

As considerações finais apresentam algumas metas a serem implementadas na Universidade como um todo e em especial no curso de Terapia Ocupacional.

CAPITULO 1: QUEM SOMOS?

O presente capítulo tem como objetivo central questionar a contemporaneidade. Parte da análise social numa perspectiva do macro, entendido como contexto internacional globalizado, para o micro, definido como os alunos do curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba.

Como já informamos na introdução, o texto seguirá as reflexões de Gilberto de Mello Kujawski, de David Harvey, de Elisabeth Roudinesco e Julia Kristeva. Revela também trabalhos realizados com alunos do curso de Terapia Ocupacional, trabalhos que envolvem questões do mundo contemporâneo.

1.1 A Crise

Para entendermos a contemporaneidade consideramos fundamental uma retrospectiva histórica, não como busca de uma linearidade, mas sim um encadeado de acontecimentos cíclicos que ao existirem constituíram a modernidade, caracterizada hoje por uma crise.

Como embasamento teórico trazemos as idéias de Gilberto de Mello Kujawski apresentadas no livro “A crise do século XX” (1991). O autor inicia seu trabalho apresentando as características da chamada “bella époque” situada entre o final do século XIX e início do século XX e considerada o ponto culminante da modernidade, cujas propostas principais são:

- aquisição de bens como condição da maioria,
- “febre” da possessividade,
- ascensão da metrópole e ruptura com o campo,
- definição da rua enquanto local de status e de clareamento das diferenças sociais,
- identificação de heróis enquanto homens de ação, políticos, inventores e empresários,
- supervalorização da comunicação.

No auge da modernidade a crença na doutrina iluminista do progresso e na ascensão da burguesia pautadas na utopia política, artística, religiosa, técnica, industrial, comercial e publicitária estava instaurada. Robert Hughes pontua os avanços tecnológicos:

A velocidade com que a cultura reinventou a si própria por meio da tecnologia, no último quartel do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, parece quase sobrenatural. Em 1877, Tomas Alva Edson inventou o fonógrafo, a mais radical extensão da memória cultural desde a fotografia; dois anos depois, ele e J. W. Swan, trabalhando independentemente, desenvolveram a primeira lâmpada com filamento incandescente, a sensação da *Bella Époque*. Os primeiros vinte e cinco anos da vida do símbolo do artista moderno Pablo Picasso – que nasceu em 1881 –, testemunharam a fundação do século XX, tanto para a paz quanto para a guerra: a metralhadora (1882), a fibra sintética (1883), a turbina a vapor de Parsons (1884), o papel fotográfico couché (1885), o motor elétrico de Tesla, a câmara Kodak, o pneumático Dunlop (1888), o cordite (1889), o motor diesel (1892), o carro Ford (1893), o cinematógrafo e o gramofone (1894). Em 1895, Roentgen descobriu os raios-X, Marconi inventou a telegráfo sem fio, os irmãos Lumière desenvolveram a câmara de cinema, o russo Konstantin Tsiolkovsky enunciou o princípio de propulsão por foguete, e Freud publicou seus estudos fundamentais sobre a histeria. E assim foi: a descoberta de rádio, a gravação magnética do som, a primeira transmissão da voz, o primeiro vôo autônomo dos irmãos Wright (1903), e o ano milagroso da física teórica, 1905, no qual Albert Einstein formulou a teoria da relatividade espacial, a teoria do fóton da luz e a entrada na era nuclear com a climática fórmula de sua lei da relação da equivalência entre massa e energia – $E=mc^2$. Uma pessoa não precisa ser cientista para perceber a magnitude destas mudanças. Elas conduziram a maior alteração na visão que o homem tem do universo desde Isaac Newton. (apud. Buarque, 1995, p. 14-15)

Segundo Kujawski, a modernidade tem seu esgotamento – fim da *bella époque* – com a Primeira Guerra Mundial (1914, p. 18), quando constatou-se que, todos os avanços tecnológicos e a idéia de progresso não contribuíram para o aperfeiçoamento moral da humanidade. Essa desilusão gerou a crise da modernidade, quando crenças e padrões modernos estão em descrédito, não havendo nada para substituí-los:

...Desde que iniciada a crise do século XX, vivemos mergulhados no desespero total e nas suas conseqüências. Na política, na religião, na moral, no direito, nas artes, na ciência, na filosofia, no modo de vida, tudo tende ao extremismo e às simplificações mais unilaterais, redutivas e mutiladoras. Em política acredita-se que tudo se deve reduzir à questão econômica e à justiça social, ou à pureza da

raça, ou à violência do mando. Na teologia progressista, a “libertação” está na frente de todo o mais. Na moral, adota-se uma só mão, a permissividade. No direito predomina a norma formal e abstrata. Nas artes isola-se um elemento, por exemplo a palavra, na poesia, e proclama-se poesia é palavra. Na ciência e na filosofia tende-se ao racionalismo mais asséptico e esterelizante. No modo de vida, não há salvação sem a volta à natureza. Poucos se empenham em viver a vida e compreendê-la na multiplicidade fascinante de todos os lados. (Kujawski, 1991, p. 78)

Para Kujawski, estamos vivendo a crise universal, crise que gera as sensações de insegurança, estranheza, desamparo e caos. Estas são conseqüências das alterações funcionais do cotidiano, aquele que integra o indivíduo à comunidade através do habitar, trabalhar, conversar, passear e comer.

No habitar percebemos que o espaço privado está sendo invadindo pelo público em diversos âmbitos: em todos os locais como lojas, supermercados, farmácias e empresas encontramos câmaras e cartazes anunciando: “Sorria você está sendo filmado”. O cotidiano das residências está marcado pela supervalorização da televisão e dos computadores. A crise da habitação pode ser visualizada quantitativa e qualitativamente pela falta de moradia e pela ameaça de um convívio satisfatório: viver na cidade é conviver com o concorrente, com o assaltante e com um ritmo de vida acelerado que se restringe ao instantâneo, duração da medida eletrônica.

Quanto ao trabalho, o processo de automatização e informatização transformou o cotidiano em algo anônimo, mecânico e dissociado do produto, podendo ser executado por um homem ou um robô. Outra realidade decorrente da automatização é o desemprego, grande “fantasma” de inúmeros trabalhadores.

As conversas, que são momentos de perfazer nossa experiência própria com a experiência do outro, passam a ter menor freqüência e quando ocorrem apresentam a forma de noticiários de TV, são “sincopadas” e nem sempre condizem com a realidade. Exemplo bastante evidente são os “bate papos” pela internet.

Passear é a forma de estar efetivamente na cidade, porém quando esta cidade vivencia modificações constantes perdemos a referência e os significados interpessoais. A falta de um cotidiano no reconhecimento do contorno externo pode gerar uma ausência de identidade pessoal. É importante sermos reconhecidos pelo meio para assim podermos produzir uma historia individualizada e não massificada.

O comer, antes cercado de rituais, envolvendo escolha de temperos, preparo e degustação passa a ser deslocado de nosso cotidiano. Indivíduos de diferentes localidades comem coisas parecidas, seja por divulgação universal de diversas culinárias, seja pelo sistema de franquias que mantém a mesma arquitetura nos prédios e os mesmos cardápios nas mesas.

Todos esses aspectos alterados no cotidiano promovem a crise na identidade do homem contemporâneo, ou seja, a crise da familiaridade com o mundo:

O cotidiano se interpõe como um anteparo entre nós e a ferocidade do mundo, a crueza da circunstância, a ameaça do outro; converte o desconhecido no conhecido, e o estranhamento inicial em estranhamento na familiaridade do contorno. Em tempo de crise, o cotidiano, fragmentado e incerto, perde sua função, e o mundo volta a nos apresentar sua face sombria e ameaçadora. Tudo se faz profundamente inquietante. (Kujawski, 1991, p. 56)

Considerando que a prática terapêutica na Terapia Ocupacional tem como foco o cotidiano do sujeito, ou seja, a sua práxis, o questionamento das alterações neste cotidiano muito nos interessa. Acreditamos que o entendimento desse panorama descrito por Kujawski nos dará subsídios para a reflexão e qualificação da ação profissional.

Na tentativa de explicar as alterações do cotidiano Kujawski (1991) afirma que a crise, vivida na atualidade, consiste numa totalidade dinâmica, um circuito integrado pela interação de múltiplos segmentos, não se admitindo que um fator privilegiado – economia, política, religião, ou qualquer outro – responda, isoladamente, pela crise na sua totalidade. Porém, assinala que todos esses segmentos incidem no social.

O social, segundo Kujawski, é definido pela coletividade que se rege através de certos sistemas de usos, os quais criam e alimentam as instituições, pois socializam os indivíduos e regulam o comportamento humano diante da força ou da coação. Desde criança recebemos, juntamente com a língua materna, “as vigências” - crenças, usos sociais e opiniões públicas - que se articulam e formam nossa visão de mundo. Quando essas vigências sociais não estão coagindo os indivíduos da sociedade significa que o social está se deteriorando.

A insuficiência das vigências sociais dá lugar a tentativa de “fabricação” de vigências por parte de grupos ou facções particulares, associações de

celerados, de excêntricos, de marginais, ou de “salvadores” religiosos e seculares. Pululam estilos artísticos e modos de vida, tentativas políticas e religiosas, modas e mais extravagantes sugestões, incapazes de serem assimilados pela opinião pública como vigências sociais autênticas, destinados ao consumo transitório de minorias alienadas e espasmódicas. A crise é rica de florações de extravagância, sempre desesperadas e lamentavelmente estéreis. Os modos de vida e as modas postíços não substituem jamais a seiva generosa das vigências inspiradas na vitalidade social espontânea, a única realmente criadora. (Kujawski, 1991, p. 110)

Para Kujawski, as vigências são constituídas por um sistema de crenças que determinam a própria realidade e as relações de mando que disciplinam a sociedade. O autor se baseia nos conceitos de Ortega y Gasset ao afirmar:

A sociedade é um delicado equilíbrio ente massas e minoria... Massa designa não uma classe social, mas um tipo de homem anônimo... Minoria é o individuo qualificado, diferenciado, que exige o máximo de si mesmo, e que está presente em todas as classes.... A minoria lança moldes de comportamento, padrões de gosto, ... e as massas aderem... Quando se dá o caso de a massa, o homem não qualificado, o anônimo, não aceitar a natural hegemonia do melhor em seu gênero, do mais perfeito, ou mais lúcido, ou mais delicado, querendo ele mesmo impor suas normas, sabendo-se incapacitado para tanto, temos aí a famosa ‘rebelião de massa’. (Kujawski, 1991, p. 137)

Kujawski defende que a crise do século XX não inside só no social, mas também na história, pois o homem perdeu suas convicções, ou seja seu mundo. As crenças básicas do século XX, que estão abaladas, se relacionam com a nação, a razão, a ciência, a técnica, o progresso, a revolução e a paixão:

A nação se esvaziou como um balão furado, dessacralizada na sua história e na sua natureza. A razão pura atingiu o desespero dos seus limites, afrontada pelo seu irracionalismo cultural, ético, político, existencial, desmoralizada e desacreditada. A ciência, desde a crise dos fundamentos, perdeu e não recuperou sua legitimidade. A técnica degenerou em tecnocracia, precipitando o fim da história. O progresso foi desencantado, fragmentado, e o “progressismo” já não resiste a ironia e ao escárnio. A revolução mergulha no acaso, cansada de se trair a si mesma. E a paixão não tem no que acreditar, dissolvendo-se no manto do tédio universal que recobre um mundo cada vez mais cinzento. (Kujawski: 1991, p. 146)

Entendemos que Kujawski busca caracterizar o cenário contemporâneo ao apresentar a queda dos ideais Iluministas e suas conseqüências na organização da sociedade, no cotidiano e na história dos sujeitos. Porém discordamos do autor na medida em que este sugere que a melhor forma de organização social está alicerçada em vigências rígidas e totalitárias (elaboradas pela minoria) capazes de abarcar todos os indivíduos. Esse sistema de organização social existente na sociedade moderna produziu uma população de margem, excluída que muitas vezes se identifica enquanto clientela da Terapia Ocupacional.

Neste sentido as propostas de Boaventura Souza Santos (que serão apresentadas no capítulo 4) revelam outros caminhos alternativos para uma organização social baseada em comunidades interpretativas capazes de elaborar múltiplas vigências de acordo com as necessidades específicas de cada grupo. Talvez assim tenhamos a possibilidade de conviver com as diferenças e os sujeitos excluídos possam vivenciar um resgate ao bem estar e uma sensação de pertencimento na sociedade.

Nessa nova forma de organização social proposta Santos, o papel da Terapia Ocupacional que, como veremos no capítulo 2 teve sua origem com um caráter reabilitador/ adaptador dos sujeitos aos padrões preestabelecidos, poderá assumir outras funções de acordo com as necessidades emergentes.

De qualquer forma a ausência de crenças, vigências pouco adequadas à realidade da sociedade, excesso de violência, falta de familiaridade com o mundo e com o cotidiano fazem parte do contexto social e histórico no qual estamos inseridos enquanto cidadãos, terapeutas ocupacionais, docentes, alunos e clientes (1). Aqui já se tornam necessários alguns questionamentos: Estamos atentos para essa realidade? A formação do terapeuta ocupacional garante essa reflexão? Em quais crenças nos baseamos para compreender o mundo e as relações humanas, incluindo as relações de aluno/ professor e de terapeuta/ cliente? Como está organizado o cotidiano dos sujeitos nos diferentes papéis sociais?

(1) O termo cliente é empregado no texto em substituição ao termo paciente visando uma posição partidária a alguns autores da área da saúde que contestam a nomenclatura. Paciente pode favorecer a caracterização do sujeito como agente passivo no processo terapêutico.

1.2 A Condição Pós-moderna

O termo pós-moderno tem sido tratado com fervorosas discussões e controvérsias. Autores como Jean-François Lyotard e Jean Baudrillard afirmam que já estamos na pós-modernidade, enquanto outros como Hall e Guiddens consideram a atualidade como um estágio avançado da modernidade, justificando esse posicionamento pela não ruptura ou descontinuidade dos elementos postos na modernidade, principalmente no que se refere aos meios de produção capitalista, cada vez acelerado, radicalizado. Existem ainda autores como David Harvey e Frederic Jameson que definem este momento como condição pós-moderna ultrapassando a dicotomia moderno e pós-moderno na busca de uma análise do fluxo das relações interiores do capitalismo como um todo.

Para o momento, podemos dizer que ser pós-moderno é viver nas contradições geradas pela crise da modernidade...

Outro aspecto de divergência quanto as teorias pós-modernas pontuado por Connor (1993) refere-se ao enfoque dado para sua abordagem. Segundo o autor, existem duas vertentes: a primeira enfatiza as modificações ocorridas no campo da cultura e da arte e percorre internamente as narrativas nesse campo, ou seja, trata o surgimento do pós-modernismo a partir do modernismo; a segunda também identifica a pós-modernidade a partir da modernidade e tem como objeto de estudo uma corrente de idéias que emerge de mudanças sociais, econômicas e políticas, sendo que as alterações culturais e artísticas são tratadas dentro deste contexto.

Neste trabalho, optamos por abordar a contemporaneidade como Condição Pós-Moderna, utilizando essencialmente as idéias de David Harvey. Outros autores serão apresentados na medida em que contribuirão para uma reflexão do contexto sócio-econômico-político. Esse cenário, ao nosso ver, transforma e é transformado pelo sujeito que é o foco de atenção na prática da Terapia Ocupacional.

Harvey indica os anos 60 como época de aparição dos movimentos contraculturais e antimodernistas que exploram os domínios da auto-realização individualizada por meio de uma política distintivamente “neo - esquerdista”, de incorporação de gestos anti- autoritários e de crítica à vida cotidiana.

Entre 1968 a 1972 emerge o pós- modernismo com transformações na arquitetura, na literatura, no projeto teológico, na arte, e conseqüentemente na personalidade dos sujeitos, na vida social, econômica e política que, nesta concepção, não estão isoladas da evolução cultural.

Harvey pontua que na arquitetura, a mudança ocorre com a busca de um ambiente urbano mais satisfatório. No romance a passagem é do epistemológico ao ontológico e da perspectiva à autobiografia. A alteração do projeto teológico reafirma a verdade de Deus sem abandonar o poder da razão e amplia a diversidade das religiões. Surge o desconstrucionismo onde os textos deixam de ter uma significação unívoca. A cultura, a arte e a moda popular substituem a autoridade intelectual. A estética triunfa sobre a ética. O pragmatismo se torna a única filosofia de ação possível. Assim, no pós-moderno não existe uma visão unificada do mundo como se desejava na modernidade.

Para o autor as características essenciais do modo capitalista de produção são: o capitalismo é orientado para o crescimento, o crescimento em valores reais se apóia na exploração do trabalho vivo na produção, o capitalismo é tecnológica e organizacionalmente dinâmico. Assim, a condição pós-moderna pode ser entendida como conseqüência subjetiva das contradições objetivas produzidas pelo desenvolvimento do capitalismo, ou seja, para a preservação da ordem social capitalista, que apresenta como objetivo essencial o lucro. Nesta perspectiva criam-se novas tecnologias, novos espaços e localizações, novos processos de trabalho e novas formas de vida cultural:

O pós-modernismo surgiu em meio a este clima de economia vodu, de construção e exibição de imagens políticas e de uma nova formação de classe social. A existência de algum vínculo entre essa eclosão pós-moderna, a construção de imagem de Ronald Reagan, a tentativa de desconstruir instituições tradicionais do poder da classe trabalhadora (os sindicatos e os partidos de esquerda) e os mascaramento dos efeitos sociais da política econômica de privilégios deveria ser bastante evidente. Uma retórica que justifica a falta de moradias, o desemprego, o empobrecimento crescente, a perda de poder, etc., apelando a valores supostamente tradicionais de autoconfiança e capacidade de empreender, também vai saudar com a mesma liberdade a passagem da ética para a estética como sistema de valores dominante. (Harvey, 1996, p. 301)

Segundo Harvey, o capitalismo é um modo de produção revolucionário e de permanente transformação na busca de acelerar o acúmulo de capital. Sendo assim gerou

regime de acumulação e de regulação fordista que posteriormente foi substituído pelo da acumulação flexível.

Baseado na colagem, Harvey elabora a tabela “Modernidade fordista versus pós-modernidade flexível” (tabela 1) dividindo entre direita e esquerda os termos que caracterizam cada regime de acumulação e seus modos associados de regulação. Como uma forma divertida, o autor apresenta as oposições tanto entre os regimes quanto dentro de cada um deles objetivando demonstrar que não existe uma rígida distinção categórica entre modernismo e pós-modernismo, mas sim uma análise do fluxo das relações interiores no capitalismo como um todo.

O fordismo, identificado pelo capital fixo na produção em massa com intenção de provocar o consumo de massa promoveu “um novo sistema de reprodução de força de trabalho, uma nova política de controle e gerencia do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista.” (Harvey, 1996, p. 121)

Esse sistema de acumulação caracterizado por mercados estáveis, padronizados e homogêneos, solidamente alicerçado na materialidade e racionalidade técnico-científica vivenciou, de 1965 a 1973, seu período de incapacidade de execução. O aumento da superacumulação determinou a inflação.

A tentativa de frear essa inflação gerou uma crise mundial em 1973 com severas dificuldades nas instituições financeiras e nos mercados imobiliários. Acrescenta-se a isso o aumento do preço do petróleo e a embargação da exportação do Ocidente durante a guerra arabe-israelense (1973). Esses fatos determinaram um período de racionalização, reestruturação e intensificação do controle de trabalho, tornando a década de 1970 a 1980 um conturbado período de redefinição econômica, social e política.

Esse panorama, denominado por Harvey de acumulação flexível é dominado pela ficção, pela fantasia, pelo imaterial (particularmente do dinheiro), pela imagem, pelo instável, pelo instantâneo, pelo descartável, pela estética pós-moderna que celebra as diferenças, a fragmentação, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais.

A tabela que se segue coloca a modernidade fordista versus o momento de acumulação flexível, no qual vivemos:

Modernidade fordista

economia de escala/código mestre/hierarquia
 homogeneidade/divisão detalhada do trabalho
 paranóia/alienação/sintoma
 habitação publica/capital monopolista
 propósito/projeto/domínio/determinação
 capital produtivo/universalismo
 poder do Estado/sindicatos
 Estado do bem-estar social/metrópole
 ética/mercadoria-dinheiro
 Deus Pai/materialidade
 produção/originalidade/autoridade
 operário/vanguardismo
 política de grupo de interesse/semântica
 centralização/totalização
 síntese/negociação coletiva
 administração operacional/código mestre
 fálico/tarefa única/origem
 metateoria/narrativa/profundeza
 produção em massa/política de classe
 racionalidade técnico-científica
 utopia/arte redentora/concentração
 trabalho especializado/consumo coletivo
 função/representação/significado
 indústria/ética protestante do trabalho
 reprodução mecânica
 vir-a-ser/epistemologia/regulação
 renovação urbana/espaco relativo
 intervencionismo estatal/regulação
 internacionalismo/permanência/tempo

Pós-modernidade flexível

economia de escopo/idioleto/anarquia
 diversidade/divisão social do trabalho
 esquizofrenia/descentração/desejo
 desabrigados/emprendimentismo
 jogo/acaso/exaustão/indeterminação
 capital fictício/localismo
 poder financeiro/individualismo
 neoconservadorismo/contra-urbanização
 estética/dinheiro contábil
 Espírito Santo/imaterialidade
 reprodução/pastiche/ecletismo
 administrador/comercialismo
 política carismática/retórica
 descentralização/desconstrução
 antítese/contratos locais
 administração estratégica/idioleto
 andrógino/tarefas múltiplas/vestigio
 jogos de linguagem/imagem/superfície
 produção em pequenos lotes/social
 movimentos/alteridade pluralista
 heterotopias/espetáculo/dispersão
 trabalhador flexível/capital simbólico
 ficção/auto-referencia/significante
 serviços/contrato temporário
 reprodução eletrônica
 ser/ontologia/desregulação
 revitalização urbano/lugar
 laissez-faire/desindustrialização
 geopolítica/efemeridade/espaco

Tabela 1- Modernidade fordista versus pós-modernidade flexível, ou a interpretação de tendências opostas na sociedade capitalista como um todo. (apud. Harvey, 1996, p.304)

A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. (Harvey, 1996, p. 140)

Os poderes de flexibilidade e mobilidade permitem que o empregador exerça pressões mais fortes de controle sobre a força do trabalhador, implicando em aumento de desemprego, rápida destruição e reconstrução de habilidades, ganhos modestos de salários reais e retrocesso de poder sindical. Surgem os trabalhadores autônomos, as contratações de mulheres mal remuneradas, a queda da meia vida dos produtos, o sistema financeiro global e integrado com mercadoria e dívidas futuras (compensação de taxas de juros e moedas), o acesso as informações, aos conhecimentos científicos, técnicos e dos veículos de comunicações se tornam armas na batalha da competição.

Essas alterações no modo de produção capitalista refletem significativamente na forma de ser e estar do sujeito, ou seja, em sua personalidade, motivação e comportamento. Com base na definição de Lacan sobre esquizofrenia - agregados significantes distintos e não relacionados entre si - Harvey argumenta que o sujeito no início da modernidade tinha uma identidade unificada e estável, porém atualmente se apresenta como um ser esquizofrênico, fragmentado, composto de diversas identidades, muitas vezes contraditórias e não resolvidas. Reforçando essa idéia o autor apanha dois pensadores:

...Deleuze e Guattari (1984, p. 245) em sua exposição supostamente travessa, *Anti-Édipo*, apresentam a hipótese de um relacionamento entre esquizofrenia e capitalismo que prevalece “no nível mais profundo de uma mesma economia, de um mesmo processo de produção”, concluindo que “a nossa sociedade produz esquizofrênicos da mesma maneira que produz xampu Prell ou os carros Ford, com a única diferença de que os esquizofrênicos não são vendáveis”. (1996, p. 57)

Para Harvey o capitalismo favoreceu a passagem do sujeito alienado (termo definido por Marx frente ao processo de produção) para o ser fragmentado, descentrado (sem um “eu coerente”). O sujeito da modernidade podia se dedicar a projetos melhores que se estendiam no tempo em direção ao futuro, muitas vezes não atingidos, porém

idealizados, já na pós-modernidade as circunstâncias induzidas pela fragmentação, instabilidade nas séries de tempo presente puros e não correlacionados impedem a possibilidade de concentração no futuro, ou seja, o sujeito pós-moderno vive a ruptura da ordem temporo-espacial anterior. “Rejeitando a idéia de progresso, o pós-modernismo abandona todo o sentido de continuidade e memória histórica, enquanto desenvolve uma incrível capacidade de pilhar a história e absorver tudo o que nela classifica como aspecto do presente” (1996, p. 58).

Assim o autor conclui que os significados atribuídos à noção de tempo e espaço estão vinculados aos processos materiais de reprodução da vida social e, portanto variam conforme esses são estruturados.

A produção de símbolos (2) e imagens torna-se fundamental e deve ser mais rápida que a produção de mercadorias. Este é um aspecto vital para a concorrência entre empresas:

A aquisição de uma imagem (por meio da compra de um sistema de signos como roupas de griffe e carro da moda) se torna um elemento singularmente importante na auto-apresentação nos mercados de trabalho e, por extensão, passa a ser parte integrante da busca de identidade individual, auto-realização e significado de vida. (Harvey, 1996, p. 260)

Os materiais de produção e reprodução dessas imagens quando não estão disponíveis, tornam-se eles mesmos os focos de inovação. Quanto melhor a réplica da imagem, tanto maior pode ser o mercado de massa na construção desta imagem. Na Condição Pós-Moderna estrutura-se o papel do “simulacro”, ou seja, da simulação do real que ao designar um estado de cópia tão próxima da perfeição torna quase imperceptível a diferença entre a imitação e o original.

Simulacro é entendido por Harvey como simulação do real. Jean Baudrillard, outro estudioso da pós-modernidade, vai além ao afirmar que o conceito do social e suas teorias como classe, Estado e poder na atualidade também são simulacros.

As transformações podem ser percebidas como mecanismos planejados para garantir as necessidades do mercado. O populismo do livre mercado, por exemplo,

(2) O Símbolo caracterizado na condição pós-moderna pelo excesso que massifica os indivíduos e esvazia seu próprio significado será tratado na página 56 como recurso terapêutico do terapeuta ocupacional para o resgate das potencialidades do sujeito na busca de uma recolocação social.

propulsiona as classes médias aos shoppings, espaços fechados, protegidos e assépticos; e ejeta os pobres para as favelas pela falta de habitação. É evidente a contradição: as compras realizadas nos shoppings têm muito mais valor e maior preço do que as efetuadas no centro da cidade, embora não pare de crescer o número de camelôs que sobrevivem e buscam satisfazer as necessidades de consumo através de subemprego ao vender simulacros, uma possível alternativa para a falta de emprego.

Fato curioso que se refere ao subemprego e a negação do poder público para essa situação ocorreu no centro de Sorocaba. Na rua principal de acesso ao Terminal Santo Antônio funcionou, há alguns anos, um “camelódromo”, local de intensas negociações de simulacros – copias de fitas, cigarros, aparelhos eletrônicos, brinquedos..., onde trabalhavam aproximadamente 200 pessoas. Em 22 de janeiro de 2001, o jornal sorocabano *Cruzeiro do Sul* divulga a retirada dos camelôs desse local:

...A ação começou às 4h30 e surpreendeu os camelôs que não foram avisados de que as barracas seriam retiradas. Há dois anos, porém, eles vivem na expectativa de que seriam retirados, já que haviam sido avisados pela Prefeitura e negociavam a saída.

Dados oficiais divulgados ontem diziam que foram retiradas 220 barracas do local. Para isso, foram utilizados carretas, tratores, empilhadeiras e caminhões. Policiais militares e guardas civis interromperam as principais vias de acesso àquela região, como a rua Álvaro Soares, rua Comendador Oeterer e o viaduto dos Ferroviários, para evitar tumulto. Até as linhas de ônibus foram transferidas do Terminal Santo Antônio para o São Paulo a fim de evitar problemas caso ocorresse alguma manifestação.

Na área isolada, ninguém podia entrar, exceto os funcionários envolvidos na operação e a imprensa.

Uma a uma as barracas foram abertas e os produtos ensacados pelos fiscais da Prefeitura. “É bom que se deixe claro que nossa intenção não é de ficar com a mercadoria de ninguém”, comentou o secretário da Cidadania, Válder José.

Ele explicou que o material poderá ser retirado pelos camelôs mediante comprovação. Os produtos sem notas fiscais serão entregues à Receita Federal. Válder José também não diz para onde as barracas de ferro seriam levadas e onde os camelôs poderiam reclamar seus produtos. “Devemos essa semana anunciar onde eles devem retirar os produtos”, comentou. As barracas de madeira foram destruídas.

No dia seguinte, o *Diário de Sorocaba*, outro jornal local, além de divulgar matéria informativa sobre o episódio, apresentava na coluna *O Leitor Opina*, uma carta com o

tema: ‘Gente em primeiro lugar’ assinada por um dos candidatos a Prefeito na última eleição. Entre outras coisas o autor denunciava:

É muito inocente acreditar que essas pessoas irão deixar de existir por simplesmente terem sido tiradas daquele local. Suas necessidades de comer, vestir manter suas famílias vão continuar existindo e, com toda certeza, terão que procurar outros meios de sobrevivência.

...ao invés de na calada da noite expulsar pessoas de seus lugares de trabalho sem definir-lhes outro local está jogando essas pessoas no lixo e escondendo um problema social onde o seu partido que governa o País, o Estado e o Município é o principal responsável.

Situações como essas são cada vez mais freqüentes no cotidiano mundial. Decisões políticas são tomadas sem a preocupação com as suas conseqüências para uma parcela da sociedade economicamente desfavorecida. Algumas manifestações de oposição às ações são realizadas, porém sem muito êxito.

Para Harvey, a televisão funciona como meio de promover uma cultura de consumismo, mobilizando desejos universais e favorecendo a distração frente à incompetência e corrupção política. Como exemplo de publicidade, com uso de técnicas pós-modernas, as quais instigam desejos através da superposição de mundos ontologicamente diferentes sem relação necessária entre si. Harvey faz uma reflexão sobre o anúncio dos Relógios Citizen que introduz a arte de David Salle na propaganda. Observa que numa propaganda o relógio anunciado é quase invisível e que o corpo feminino é subordinado para inscrever uma mensagem comercial. (Ilustração 1)

Em um dos trabalhos realizados em sala de aula com alunos do quarto período do curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba (esse trabalho está apresentado em sua íntegra na página 42), foi apresentado pelos alunos a propaganda de um complexo protéico - Gelamin que, ao utilizar o corpo feminino como objeto comercial, passa uma mensagem das supostas vantagens do produto, apresentando o remédio com um mínimo destaque ao canto da figura. (Ilustração 2)

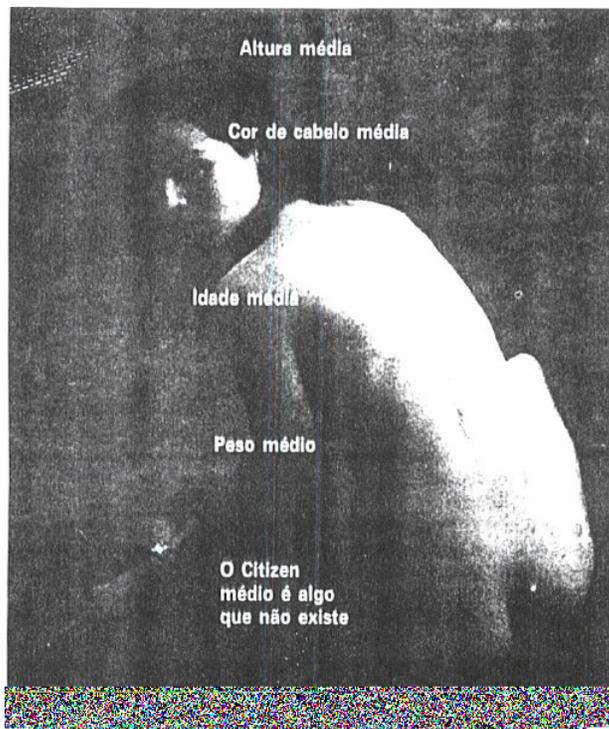


Ilustração 1- Um anúncio dos Relógios Citizen. O relógio anunciado é quase invisível.

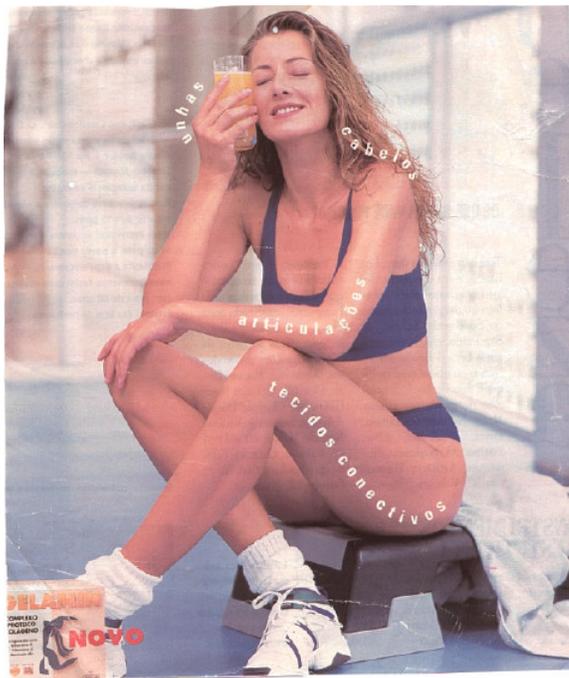


Ilustração 2- Propaganda do Gelamin. Produto com pequeno destaque.

O desenvolvimento acelerado de máquinas e tecnologia tornou-se prioridade em todo o mundo. A construção de estradas de ferro, auto-estradas, aeroportos, supersônicos, metrô, bem como a necessidade de aquisição de bens como telefones, televisores, eletrodomésticos, secretárias eletrônicas, computadores com comunicação via Internet adentrou em todos os espaços da vida doméstica, profissional e de lazer trazendo significativas mudanças em seu conceito.

Trivinho (1992) afirma que a tecnicização generalizada, em excesso, pode gerar efeitos perversos para os sujeitos que passam a se relacionar de modo absoluto com seus objetos maquínicos:

Indivíduos se relacionam de modo absoluto com seus objetos maquínicos, com seu automóvel (que não é mais máquina de locomoção, mas de circulação, pelo próprio encanto de dirigir para circular), com a TV ou -- o caso mais instigante -- com o computador ou com os jogos eletrônicos (que significa a generalização de estrutura do autismo pela informática) -- eis uma expressão pura e acabada da tecnicização generalizada e da proliferação e evolução das máquinas: o outro se perdeu como alteridade; em seu lugar, parece, insurge agora uma máquina. (Trivinho, 1992, p. 18)

O estímulo ao consumo e a idéia dos descartáveis toma conta das relações dos homens com os objetos e dos homens entre si, ao mesmo tempo que assistimos ao lançamento dos DVDS substitutos dos aparelhos de vídeos K7, com o pretexto de apresentarem melhores qualidades em imagem e som; observamos nos casamentos inúmeras separações e na adolescência a nova moda de “ficar” como substituição aos padrões do namoro e casamento “até que a morte os separe”.

Todo esse processo proporcionou a redução das barreiras espaço-temporais que alterou a existência e o cotidiano das pessoas imprimindo a característica da velocidade e intensificando as diferenças sociais. Nas palavras de Peixoto: “O capital é discriminatório, desmembrador, fragmentário, e gerador de desigualdades cada vez mais profundas.” (1998, p. 68)

Sob a superfície de idéias do senso comum aparentemente “naturais” acerca do tempo e do espaço, ocultam-se territórios de ambigüidade, de contradição e de luta. Os conflitos surgem não apenas das aparições subjetivas admitidamente diversas, mas porque diferentes qualidades

materiais objetivos do tempo e do espaço são consideradas relevantes para a vida social em diferentes situações. Importantes batalhas também ocorrem nos domínios da teoria, bem como da prática, científica, social e estética. O modo como representamos o espaço e o tempo na teoria importa, visto afetar a maneira como nós e os outros interpretamos e depois agimos com relação ao mundo. (Harvey, 1996, p. 190)

Com a redução das barreiras espaciais, a nossa sensibilidade foi ampliada frente ao que acontece nos espaços que o mundo contém. A acumulação flexível explora uma gama de circunstâncias geográficas aparentemente contingentes, reconstruindo-as como elementos internos estruturados em uma própria lógica abrangente, do capitalismo. Assim, as qualidades do lugar como oferta de trabalho, recurso e infra-estrutura passam a ser enfatizadas e a produção ativa é triunfo na competição entre os espaços. A certeza de espaço e do lugar absoluto foi substituída pelas inseguranças de um espaço relativo, sujeito constantemente a mudanças: “O mundo integrado do final do século XX é um mundo na verdade desintegrado, que separa os que usufruem da abundância, da riqueza e do luxo daqueles que estão imersos na mais gritante miséria, fome e sujeira”. (Buarque, 1995, p. 29)

A tensão histórica entre centralização e descentralização tem sido trabalhada agora de novas maneiras. Embora exista desvalorização por meio de desindustrialização, parece ser a solução do problema a superacumulação mediante o impulso para sistemas flexíveis e móveis de acumulação.

Essas mudanças não teriam sentido sem uma modificação radical da maneira como o valor é representado na moeda. A partir de 1973 a moeda se desmaterializou (não tem mais vínculo formal com materiais preciosos); as taxas de cambio nas diferentes unidades monetárias do mundo também tem sido extremamente voláteis; a inflação se tornou instável tanto entre os países como dentro deles. Em consequência disto, o dinheiro se tornou inútil como meio de acumulação de valor por qualquer período de tempo. Surgiram outros meios alternativos de acumulação como objetos de arte, antiguidades, imóveis. O colapso do dinheiro criou a crise do capitalismo avançado.

O foco central de valor no capitalismo está desmaterializado e inconstante, as perspectivas temporais estão em descrédito, é difícil situar em que espaço estamos vivendo quando se trata de avaliar causa e efeito, significados ou valores. Através das redes de

comunicação e dos mercados globalizados podemos ter acesso simultâneo a vários espaços, isso promoveu a aniquilação do espaço por meio do tempo que modificou de modo radical o conjunto de mercadorias que entra na produção diária. Para Harvey a implicação geral é de que, por meio da experiência das transformações do cotidiano, como na alimentação, nos hábitos culinários, nas músicas, na TV, nos cinemas é possível vivenciar a geografia do mundo vicariamente, como um simulacro. A interligação de simulacros de vida diária reúne no mesmo espaço e tempo, mercadorias de diferentes mundos. Porém o faz de modo que oculta as origens, os processos de produção, e as relações sociais implicadas na produção dos produtos.

Uma dessas mensagens “engraçadinhas” da Internet confirma e exemplifica essas idéias. Vejamos:

HINO NACIONAL BRASILEIRO ESCRITO POR UM PUBLICITÁRIO:

Num Posto Ipiranga, as margens plácidas,
 De um Volvo heróico Brahma retumbante
 Skol da liberdade em Rider fulgido
 Brilhou no Shell da Pátria nesse instante
 Se o Knorr dessa igualdade
 Conseguimos conquistar com braço Ford
 Em teu Seiko, ó liberdade
 Desafio nosso peito à Microsoft
 Ó Parmalat, Mastecard, Sharp, Sharp
 Amil um sonho intenso, um rádio Philips
 De amor e de Lufthansa à terra desce
 Inter formoso céu risonho e Olympikus
 A imagem do Bradesco resplandece
 Gillete pela própria natureza
 És belo Escort impávido colosso
 E o teu futuro espelha essa Grendene
 Cerpa Gelada!
 Entre outras mil é Suvenil, Compaq amada.
 Do Philco deste Sollo és mãe Doril
 Coca Cola, Bombri!

UOL: o melhor da Internet

Pensando no significado do Hino Nacional – canto de veneração ou louvor solene a Pátria - podemos questionar se essa paródia, caracterizada por uma sátira, não representa de fato a desvalorização do conceito de nação, dos padrões culturais, morais e éticos brasileiros. Via produtos elencados, surgem infinitas marcas que circulam no Brasil, mas são produzidas em diferentes locais. Estamos impregnados de imagens que circulam no mundo e perdem suas referências de origem.

Outro fato interessante, pontuado por Harvey, é que o contraste entre o verdadeiro e o falso se transformou a medida em que a moda, os manequins e as marcas de griff passam a ser supervalorizadas fazendo crescer o número de simulacros. Infinitas são as simulações do real:

Em suma, o capital continua a dominar, e o faz, em parte, graças ao domínio superior do espaço e do tempo, mesmo quando os movimentos de oposição obtêm por algum tempo o controle de um lugar particular. As “alteridades e resistências regionais” que a política pós-moderna enfatiza podem florescer num lugar particular. Mas, com muita frequência, estão sujeitas ao poder que o capital tem sobre a coordenação do espaço fragmentado universal e da marcha do tempo histórico global do capitalismo, que está além do alcance de qualquer delas. (Harvey, 1996, p. 218)

O conjunto de heranças culturais, relações sociais, vínculos pessoais, referência de ações coletivas e individuais, valores morais, éticos e estéticos foram drasticamente transformados. A ética do progresso domina e o mercado constitui uma sociedade cada vez mais desigual, uma economia cada vez mais destrutiva. O poder da técnica gera ações individuais e empresariais voltadas para o egoísmo, ameaçando a estabilidade ecológica e social. Vivemos a homogeneização cultural:

Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”. No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Este fenômeno é conhecido como “homogeneização cultural”. (Hall, 2000, p. 75)

Tudo hoje é “fast”, o tempo médio das pessoas é de um segundo e meio, busca-se constantemente a rapidez, os resultados instantâneos e desvaloriza-se o processo. Assim existe um descompasso entre tempo, desejo e processo. Essa realidade é evidente no cotidiano das pessoas que, cada vez mais, queixam de falta de tempo, da sensação de que precisam adquirir mais bens, conhecimentos, tecnologias, mas buscam formas instantâneas como cursos intensivos, compras de simulacros, etc para obter a satisfação imediata que raramente é alcançada.

Em referencia ao conhecimento Harvey denuncia que a necessidade do novo é constantemente evidenciada. Assim, o conhecimento superficial acaba sendo produzido. A imagem, o visual é extremamente valorizado, o conteúdo acaba tendo menor importância. A estrutura da narrativa que permeia a vida e as relações do sujeito também está alterada, começo – meio – fim já não é a ordem necessária, pode-se começar do final.

Diante das argüições de Harvey frente a condição pós-moderna que se caracteriza pelo lógica do capitalismo e retomando as idéias de Kujawski que considera o momento pela perda dos ideais Iluministas podemos constatar que o contexto atual sofreu significativas transformações, ou seja, nosso sistema de vida contém alterações que não podem ser desconsideradas, principalmente quanto se pretende estudar, entender ou trabalhar em prol da qualidade de vida do ser humano com enfoque em seu cotidiano.

Cabe-nos a consciência e o entendimento deste panorama, para posteriormente ampliarmos algumas reflexões no campo da formação do terapeuta Ocupacional, verificando se o curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba contribui para a formação de profissionais cientes da realidade humana na condição pós-moderna?

1.3 A Sociedade depressiva

À medida que contextualizamos a evolução do sistema capitalista e identificamos suas conseqüências no processo histórico e social, tecendo um cenário da atualidade, estamos em condições de atentarmos para as alterações da sociedade. Apesar das contradições explicitadas entre teóricos interessados pela atualidade observamos que, em geral, estes admitem e estudam as alterações vivenciadas pelo sujeito contemporâneo e seu modo de vida.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinha oferecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (Hall, 2000, p. 9)

Roudinesco (2000) define a sociedade atual como depressiva, pois apesar das declarações sociais estarem pautadas na emancipação, na igualdade de todos perante a lei: nos direitos humanos, no estatuto da criança e do adolescente; a verdade é que o sistema vigente acentua as diferenças. As imagens da universalidade não servem de identificação e, portanto cada um busca sua singularidade. A era da individualidade substituiu a subjetividade, dando ao homem a ilusão de liberdade irrestrita, de uma independência sem desejo e de uma historicidade sem história. O homem da atualidade se transformou no oposto de um sujeito, ao perder a sua subjetividade (3) ele se tornou dependente de uma significação normativa ligado a redes, grupos, coletivos e comunidades.

Inscrita no movimento de uma globalização econômica que transforma os homens em objetos, a sociedade depressiva não quer mais ouvir falar nem de culpa nem de sentimento íntimo, nem de consciência nem de desejo nem de inconsciente. Quanto mais ela se encerra na lógica narcísica, mais foge da idéia de subjetividade. Só se interessa pelo indivíduo para contabilizar seus sucessos, e só se interessa pelo sujeito sofredor para encará-lo como vítima. E, se procura incessantemente codificar o déficit, medir a deficiência ou quantificar o trauma, é para nunca mais ter que se interrogar sobre a origem deles. (Roudinesco, 2000, p. 42)

Segundo Roudinesco, a sociedade depressiva tende a romper a essência da vida humana. Inúmeras são as pessoas que, para evitar o medo da desordem frente a valorização da competitividade centrada nas conquistas materiais, optam pelo uso de

(3) Segundo Roudinesco: “a subjetividade não é mensurável nem quantificável: ela é a prova, ao mesmo tempo visível e invisível, consciente e inconsciente, pela qual se afirma a essência da experiência humana.” (2000, 52)

substâncias químicas ao invés de enfrentarem seus sentimentos, seus sofrimentos íntimos. O silêncio passa então a ser preferível à linguagem, fonte de angústia e vergonha. Haja visto o crescente número de queixas com prescrições psicofarmacológicas idênticas, bem como o aumento dos ditos tratamentos alternativos, espirituais, holísticos, que são procurados principalmente pela classe média.

Para a autora, “os países democráticos apresentam a tristeza da alma e a impotência do sexo” (2000, p. 25), pois vivem controlados pela política definida por Michel Foucault de biopoder, onde se pretende governar o corpo e a mente em nome de uma biologia erigida em sistema totalizante, e que assume o lugar da religião. Nessa perspectiva, a idéia de subversão social ou intelectual se torna ilusória cedendo espaço ao conformismo e ao higienismo:

Emancipado das proibições pela igualdade de direitos e pelo nivelamento de condições, o deprimido deste fim de século é herdeiro de uma dependência viciada do mundo. Condenado ao esgotamento pela falta de uma perspectiva revolucionária, ele busca na droga ou na religiosidade, no higienismo ou no culto de um corpo perfeito o ideal de uma felicidade impossível...” (Roudinesco, 2000, p. 19)

Exemplos que evidenciam essa questão do higienismo e do culto ao corpo perfeito estão relacionados ao crescimento das indústrias de cosméticos como a Avon e as brasileiras O Boticário e Natura, que expandem suas vendas com produtos inovadores capaz de auxiliarem no milagre da perfeição estética.

O Estado de São Paulo em 2 de abril de 2000, publica uma reportagem nas páginas do Caderno da Economia referente a história de desenvolvimento da empresa O Boticário. Iniciando suas atividades como Farmácia Especializada em Produtos Dermatocosmetológicos tornou-se uma franquia valorizada; ...“450 diferentes produtos e uma produção anual de 1,3 milhão de itens importados e montados em embalagens O Boticário, como lápis de maquiagem e batons. O aumento das linhas nos permitiu garantir os franqueados e crescer.”

Retomando as características da condição pós-moderna descritas por Harvey podemos afirmar que o culto ao corpo perfeito e o higienismo são situações criadas pelo capitalismo para viabilizar o consumo. O marketing dos produtos os apresenta como soluções para problemas, ou melhor, como saídas para sensações de vazio, insatisfação ou

insegurança. O consumidor assume essa idéia que passa a ser mais uma normalização do sistema e garante o aumento da produção da mercadoria assim como de sua divulgação entre diferentes espaços através das franquias, sistemas de importação e exportação... e o consumidor cada vez mais precisa de mercadorias e não se satisfaz com as mesmas.

Neste sentido constatamos que os sujeitos em geral sofrem com as alterações da atualidade causadas pelo capitalismo e evidenciamos a situação dos possíveis clientes da Terapia Ocupacional que podem apresentar: maiores dificuldades de aquisição de bens, ritmos diversos na realização das atividades cotidianas e um perfil estético nem sempre correspondente ao idealizado.

Segundo Roudinesco a normalização, o pacifismo, o discurso da moral humanitária, a negação do ódio, a substituição da política pela ética e do julgamento histórico pela sanção judicial são estratégias utilizadas para abolir a idéia do conflito social e manter o sistema capitalista. A atual era da evitação, que substituiu a era do confronto, é instituída em nome da globalização e do sucesso econômico:

Agora já não se trata de entrar em luta com o mundo, mas de evitar o litígio, aplicando uma estratégia de normalização. Não surpreende, portanto, que a infelicidade que fingimos exorcizar retorne de maneira fulminante no campo das relações sociais e afetivas: recurso ao irracional, culto das pequenas diferenças, valorização do vazio e da estupidez etc. A violência da calma, às vezes, é mais terrível do que a travessia das tempestades. (Roudinesco, 2000, p. 17)

Roudinesco adverte com segurança que a concepção do sujeito freudiano está sendo transformada pelo sujeito depressivo. O primeiro sujeito vive em constante conflito consigo mesmo confrontando questões do inconsciente com as disciplinares, ou seja, está ciente de sua liberdade, mas atormentado pelo inconsciente carregado de imagens, paixões e discordância e, portanto é possuidor da subjetividade (4). Já o segundo permanece na vida distanciado de si mesmo, de seus conflitos e assim, da verdadeira subjetividade.

Julia Kristeva anuncia: “deixamos a era do ‘sujeito’ para entrar na da ‘pessoa patrimonial’ ” (2000, p. 21), ou seja, o sujeito perdeu sua subjetividade em função da democracia pós-industrial que vivemos. Convivemos com o vazio de poder, ausência de

(4) A autora considera o conflito como núcleo normativo da formação subjetiva.

projetos, desordem que aparece como uma ordem normalizadora e falsificável.

Tomemos a posição do jurídico, da lei: não se fala mais em culpabilidade, e sim em periculosidade; não se fala mais em culpa (num acidente de automóvel, por exemplo), e sim em indenização e solidariedade; a idéia de responsabilidade-sem-culpa se torna aceitável; o direito de punir desaparece diante da repressão administrativa; a teatralização do processo desaparece em proveito da proliferação das técnicas de adiamentos. O crime é oculto e ao mesmo tempo proibido; em compensação, o espectador fica mais excitado quando pensa ter encontrado um culpado, um ‘bode expiatório’: vejam os escândalos em que se misturam os magistrados, homens políticos, jornalistas, empresários etc. O crime se torna então teatralmente midiático. (Kristeva, 2000, p. 19)

Todo esse sistema imprime a cultura do divertimento, da performance e do show, impedindo a cultura e a arte como revoltas tão necessárias à felicidade do sujeito (5). Segundo o referencial psicanalítico, a felicidade só existe ao preço de uma revolta, no sentido do retorno que visa a subversão, a mutação. Portanto, no plano social, a ordem normalizadora está longe de ser perfeita e só favorece a aparição dos excluídos. A ausência da cultura como revolta transforma a vida numa vida da morte, isto é, de violência física e mortal, de barbárie. Para Kristeva, somente a *experiência de revolta* seria capaz de nos salvar da robotização da humanidade que nos ameaça, mas a dificuldade de revolta está vinculada a falta de consistência do poder. Sem a clareza das leis não há possibilidade para transgredir e a ausência de valores do homem torna o homem uma “pessoa patrimonial”.

Vocês conhecem também o surgimento da perversão, mais ou menos complacente, como revolta contra a ordem nova e puritana. Em contrapartida, se a proibição está caduca, se os valores estão perdendo velocidade, se o poder é impalpável, se o espetáculo jorra sem contenção, se a pornografia é aceita e difundida em toda a parte, quem poderia se revoltar? E contra quem, contra o quê? Em outras palavras, nesse caso é a dialética lei/transgressão que se vê em dificuldade e corre o risco de se cristalizar em alguns espaços de repressão: como o mundo islâmico e seus fatwas. (Kristeva, 2000, p.55)

(5) A arte, na psicanálise, é considerada como forma sublimada da retomada na rebelião primária (revolta ao arcaico) segundo Kristeva (2000; 30).

Em síntese, as autoras contestam a condição de vida do homem contemporâneo e defendem a necessidade deste reencontrar-se com seu conflito para construir a verdadeira subjetividade e felicidade, ou seja, readquirir a cultura da revolta. Sugerem que retomemos o papel da crítica, capaz de estimular essa revolta. Aqui, um questionamento central pode ser traçado: A Universidade pode ser um local promotor de revoltas no sentido da mutação?

1.4 Repercussões...

Após percorrermos os conteúdos teóricos referentes a crise da modernidade, a condição pós-moderna e a sociedade depressiva, traçando paralelo com fatos e situações concretas evidenciadas no processo desta pesquisa podemos nos ater a reflexão realizada juntamente com os alunos do curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba.

Tendo em vista o nosso problema - A formação do terapeuta ocupacional da Uniso prepara os alunos para a sociedade contemporânea? – as pesquisas aqui apresentadas foram realizadas em diferentes disciplinas com o intuito de identificar como o aluno entende a sociedade atual, bem como de proporcionar-lhe uma reflexão deste contexto.

A escolha de trabalhar com os alunos através da arte foi baseada na nossa convicção de que os artistas Cindy Sherman e Francis Bacon produzem arte de forma crítica, viabilizando a experiência da revolta sublimada (vide página 35) que, segundo referencial psicanalítico de Julia Kristeva, é necessária à felicidade do sujeito.

a) No Caminho de Cindy Sherman

Segundo Pfeifer (2000), o ensino superior está repensando suas práticas pedagógicas na busca de formar profissionais competentes que possuam além do domínio das técnicas, procedimentos e dos conhecimentos teóricos científicos da área de especificidade, a capacidade de identificar e intervir em situações profissionais de forma crítica e reflexiva. Nesse sentido o aluno deve ser estimulado a não ser apenas reprodutor de modelos, mas sim criador de sua própria prática.

Assim, mesmo em aulas teóricas entendemos a importância de trabalhar com o aluno dados que favoreçam sua reflexão frente a situações problema existentes naquela realidade, contribuindo para a elaboração da crítica.

Durante o nosso planejamento para a disciplina teórica: Desenvolvimento Adulto, ministrada aos alunos do quarto período – segundo ano do curso de Terapia Ocupacional, alguns questionamentos nos ocorreram.

Esta disciplina tem carga horária total de 40 horas, sendo 02 créditos semanais e contendo a seguinte ementa: “Compreensão do ser humano numa visão biopsicossocial. Passagens previsíveis da vida adulta. Interferência da condição pós-moderna na qualidade de vida do adulto. Dor e Stress.”

De nossa reflexão frente a disciplina partiu a certeza de que além de tratar das alterações físicas e psicológicas previsíveis no adulto, era necessário contextualizar esse sujeito na atualidade, bem como identificar as conseqüências que a contemporaneidade trás à qualidade de vida do homem.

Ciente que este processo de reflexão é inesgotável, principalmente considerando a pequena carga horária da disciplina, propusemos diversas atividades com o intuito de instigar um primeiro questionamento.

Dentre os trabalhos propostos vale destacar a vivência fotográfica realizada com base nas obras de Cindy Sherman. Segundo David Harvey, a artista “é considerada uma figura de proa no movimento pós-moderno, que retrata a plasticidade da personalidade humana propiciada pela maleabilidade das aparências e da superfície”.(1996, p. 18) Ainda: o jornal Folha de São Paulo, em 22 de agosto de 1997, publicou uma página referente à sua exposição no Museum of Modern Art, o MoMa, de 69 fotos em preto-e-branco que remetem ao imaginário feminino do pós-guerra:

É a própria artista que concebe figurinos, cenários, maquiagem e o intenso trabalho de perucas – fundamental para a criação de suas sempre dramáticas heroínas. ...Com tudo isso em mãos, Sherman faz uma pós-moderna salada em que os ingredientes são cultura de massa, feminismo, clichês femininos, feminilidade, sensualidade, nostalgia e glamour. (Folha ilustrada, 22/08/97)

Aos alunos foi proposto fazer uso das idéias da artista, criação de cenário e figurino, para se auto- fotografar. Tema solicitado para a efetivação do trabalho: Quem eu gostaria de ser?

Cinquenta e cinco alunos participaram desta atividade. Esse material pode ser analisado por diversas óticas, mas devido à proposta desta pesquisa faremos um recorte no conteúdo. Embora se tenha clareza que a história de vida de cada aluno influenciou na escolha do personagem a ser fotografado, a ênfase será dada a influência cultural, ou seja, frente ao protótipo de ser humano idealizado pelo coletivo.

Categorizando... os resultados obtidos foram:

<u>Cantor/ ator (atriz)/ Personagem da TV:</u>	<u>Esporte:</u>	<u>Personalidades conhecidas:</u>	<u>Papel Social:</u>
Leo Gandelman	Ana Botafogo	Jaqueline Kennedy	Noiva
Sheila Carvalho *	Jogadora do Corinthians	Chiquinha Gonzaga	Mãe
Rita Lee	Amazonas	Anita Garibaldi	Palhaço
Feiticeira 70	Esgrimista	Princesa Diana	Pessoa nos anos
Jeanie (gênio) *	Leila (esporte)	Mulher reconhecida	Papai-noel
Ivete Sangalo	Jorge Negrette	publicamente	Médico
Ana Maria Braga	Ana Moser	Rainha	Musicista
Emma		Baronesa Sobral (Esther)	
Paqueta		Maria Helena Matarazzo	
Mel Bell			
Vandinha Addams			
Carla Visi			
Vitória (Spice Girls)			
Mr. M *			
Sandy *			
Filó			
Malu Mader			
Melc (Spice Girls)			

* indicado por dois alunos

<u>Etnia:</u>	<u>Religião:</u>	<u>Filosofia:</u>	<u>Política:</u>
Espanhola	São Francisco de Assis	Platão	Bill Clinton
Gaúcho	Afonso (padre)		
Cigana	Nossa Senhora das Graças		
Mulher hindu			
Gaúcha			

Agrupando as escolhas temos:

23 alunos optaram por representar ídolos da mídia como cantores (as), artista/ atores ou personagens da TV, (Ilustração 3); 8 apontaram pessoas reconhecidas e valorizadas no processo histórico, (Ilustração 4); 7 escolheram o esporte, (Ilustração 5); 7 definiram a importância dos papéis sociais, (Ilustração 6); 5 direcionaram para a etnia, (Ilustração 7); 3 determinaram a religião, (Ilustração 8); 1 pontuou a política, e (Ilustração 9) e 1 a filosofia. (Ilustração 10).

Assim, ao somarmos as pessoas valorizadas pela mídia como: cantores, artistas, personagens da TV, pessoas socialmente reconhecidas e ligadas ao esporte, constata-se que a valorização da performance, da imagem, do sucesso pela aquisição de bens e status social está em evidência para 38 alunos.

A pequena ênfase, 17 alunos, envolvidos com os papéis sociais, a etnia, a religião, a política e a filosofia também demonstram que os paradigmas da condição pós-moderna são outros e estão voltados para o estético. Como aponta Kujawski, as crenças da modernidade com base na nação, razão, ciência, técnica, progresso, revolução e paixão estão em decadência.

Nenhum aluno apresentou o trabalho fotográfico com base na arte da revolta proposta por Kristeva (vide página 35), ou seja, todos utilizaram a arte da performance, do show.

A preocupação com o figurino e com o acessório foi maior do que com o cenário. Em geral, os cenários aparecem de forma neutra (ver ilustrações páginas 40, 41 e 42) e com pouca caracterização. Nosso questionamento permanece: Se a transformação no cenário concreto da fotografia foi pouco tratada pelos alunos, como será a percepção, o

questionamento e a elaboração das necessidades de transformações no contexto prático desse futuro profissional? Ou seja, será que os alunos estão atentos aos cenários e contextos que circundam a atualidade?

Parece-nos que os alunos estão imersos no contexto social massificante e não apresentam críticas frente às imagens idealizadas e valorizadas pela mídia.

O dado mais importante é que nenhum aluno referendou a profissão de Terapia Ocupacional como ideal de vida. Apenas dois alunos citam e valorizam o papel de “cuidador” caracterizado nos papéis sociais: mãe e médico.

Esse material serviu de referência para debate com os alunos em relação aos conceitos preestabelecidos do contexto contemporâneo que incorporamos sem questioná-lo. Pudemos pontuar questões críticas e compreender os motivos da nossa clientela e da nossa profissão estar marginalizada, ou seja, excluída por não valorizar ou dispor de imagem e atributos idealizados.



Ilustração 3 – Jennie



Ilustração 4 – Chiquinha Gonzaga



Ilustração 5 – Ana Moser



Ilustração 6 – Noiva



Ilustração 7 – Gaúcho



Ilustração 8 – São Francisco de Assis

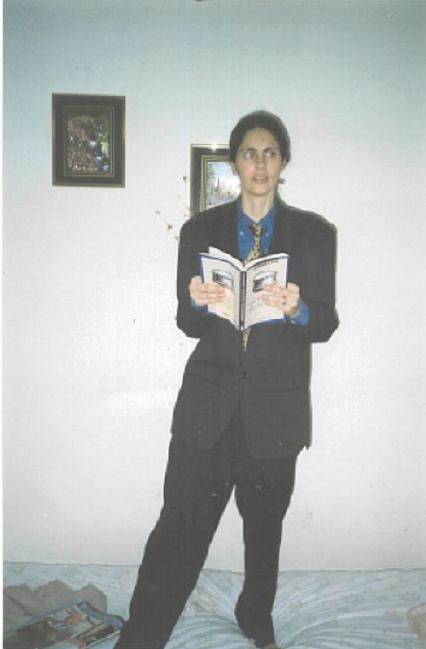


Ilustração 9 – Bill Clinton



Ilustração 10 – Platão

b) No Caminho de Francis Bacon

Segundo Pfeifer (2000, p. 106) “para a formação do terapeuta ocupacional reflexivo o currículo deve ter a prática como eixo central, o que permitirá o desenvolvimento do pensamento prático profissional”.

O curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba define em seu Projeto Político Pedagógico (Anexo II) que as aulas práticas estejam distribuídas durante os quatro anos do curso, tendo uma carga horária maior para os estágios que ocorrem no último ano.

As disciplinas de Prática em Terapia Ocupacional e Estágio Profissional, são espaços profissionais imprescindíveis para a formação do Terapeuta Ocupacional e obedecem a um esquema crescente de complexidade oportunizando o aluno de forma progressiva desde o primeiro período a tomar gosto pela profissão, vivenciando experiências que serão contextualizadas no estágio. (projeto político pedagógico-2000)

Assim a disciplina Prática em Terapia Ocupacional IV é uma das consideradas com excelência para o desenvolvimento da crítica e do papel profissional. No semestre da pesquisa foi ministrada a dez alunas, também do quarto período – segundo ano do curso de Terapia Ocupacional - com carga horária total de 80 horas, sendo 4 créditos semanais e contendo a seguinte ementa: “Observação e participação em programas de atividades com clientela atendida em terapia ocupacional (ênfase em formação e vínculo).” Estávamos em fase de laboratório preparatório (6) e, portanto anterior ao contato com a clientela com a qual estaríamos atuando - acompanhantes de crianças usuárias no Ambulatório de Saúde Mental de Sorocaba. A proposta de trabalho com a clientela estava voltada para a implantação de um grupo com finalidade pré-profissionalizante, já que a mesma queixava de dificuldades financeiras e ausência de uma profissão que favorecesse a efetivação em algum campo de trabalho remunerado.

Diante das discussões que surgiram no laboratório referente ao papel do terapeuta ocupacional, da relação terapeuta – cliente e da especificidade da clientela, achamos pertinente trabalhar com as alunas para delinear a imagem que as mesmas apresentavam em relação ao seu corpo/sentimento e ao corpo/sentimento do outro, através da vivência de uma atividade.

Entendemos que o corpo/sentimento produz e é produzido pelo contexto atual. Portanto novamente estamos tratando de sensibilizar o aluno para questões da contemporaneidade.

A metodologia utilizada foi:

- a) Elaborar em grupo dois painéis com imagens recortadas de revistas, sendo que um deveria conter corpos idealizados enquanto o outro deveria apresentar corpos que se caracterizassem como objeto de consumo.
- b) Observar a obra de Francis Bacon (Ilustração 11)
- c) Fazer um texto individual condizente ao seguinte questionamento: Em que me identifico com essa obra?

(6) O laboratório preparatório é realizado através de vivências de atividades e discussões, visando estimular o aluno para refletir frente as necessidades e realidade da clientela, bem como a identificação de sentimentos e conceitos do aluno que interferem na sua formação profissional.

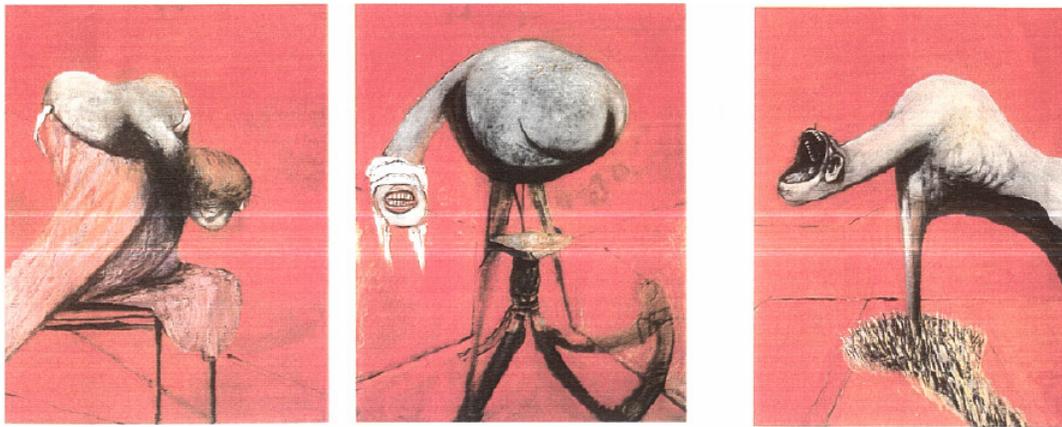


Ilustração11 - “Três Estudos para Figuras na Base de Um Crucifixo”(1944)

- d) Apresentar o texto ao grupo.
- e) Ler em grupo o texto de Nicolau Sevcenko extraído do Jornal da Folha de São Paulo em 15 de março de 1998. Esse artigo discorre sobre Bacon e a sua obra.
- f) Compartilhar todo o processo, traçando paralelo com a atualidade, os sentimentos vivenciados e as possíveis relações do trabalho frente à clientela.

O tríptico de Francis Bacon foi escolhido para trabalhar com as alunas, pois compartilhamos com a percepção de Nicolau Sevcenko frente ao autor:

Bacon é um dos artistas que neste século sondou mais profundamente os modos pelos quais nossa cultura condiciona a percepção do corpo humano. Ele cogita sobre como o nosso olhar opera sob um filtro de valores e experiências que seleciona o que se vê e o que está excluído de qualquer registro sensorial. Mais que isso, ele confronta a natureza histórica e política desse filtro, disposto a se livrar dele e descobrir o que jaz por trás dessa ética de aparências sanitizadas. Nesse sentido sua obra ameaça de modo desagradável nossos hábitos visuais e relutamos muito em nos reconhecer nela. (Folha de S. Paulo: 15/03/1998)

As obras de Bacon são respostas aos impasses da atualidade. Sua proposta é de transtornar as “convenções das aparências” através da pintura, produzindo a arte da revolta (ver página 35). No mundo contemporâneo, a arte da performance é trabalhada para alcançar um código abstrato e universal da visibilidade e reproduzir imagem com técnicas como fotografia e cinema, assim demonstrar corpos idealizados ou como objetos de consumo.

Segundo Sevckenko, “pretendendo sair desse circuito conformista, Bacon tentou ver o que havia por trás desse desfile das imagens consensuais, o lado escuro do grande painel visual do século 20. O que ele encontrou é exasperante.” (Folha de S. Paulo: 15/03/1998)

Bacon deparou-se com a violência focada intensamente no corpo humano através do controle, da disciplina, da destruição coletiva e da perda da dignidade da criatura humana. Por isso fez seus trabalhos deformando imagens humanas evidenciando os corpos e o espaço que os circunscribe.

Em entrevista Francis Bacon revela:

Desse modo, posso dizer que sempre fui acostumado a viver no meio da violência... que pode ou não ter tido um efeito sobre mim, é provável que tenha tido. Mas essa violência em minha vida, a violência no meio da qual vivi, acho que é diferente da violência em pintura. Quando se fala de violência em pintura, ela nada tem a ver com violência de guerra. Ela tem a ver é com a maneira que reproduzimos a violência da própria realidade. E a violência da realidade não é apenas violência simples no sentido dado; quando falamos que uma rosa ou uma coisa é violenta, é também a violência das sugestões dentro da própria imagem, que só pode ser transmitida através da pintura. Quando olho para você do outro lado da mesa, além de você, estou vendo também toda a emanção que está ligada a personalidade e tudo mais. E traduzir isso em pintura, como eu gostaria de poder fazer em um retrato, significa que isso aparecerá de forma violenta quando pintado. A gente vive quase o tempo todo coberto por véus... É uma existência velada. E às vezes penso, quando as pessoas dizem que meus quadros parecem violentos, que eu consigo de vez em quando levantar algum véu ou afastar algum biombo. (Sylvester, 1995, p. 81-82)

Dos textos solicitados às alunas, construímos as seguintes categorias:

Contraste: diferenças*, mescla.

Contato com o lado bom: belo, cor alegre, livre.

Contato com lado obscuro: sombras, desajeitado, deformidades, dificuldades, problemas*, espinhos.

Sentimentos: medo**, sofrimento, súplica, repressão, constrangimento, aflições, submissão, preso / confinado, ansiedade quanto ao futuro, solidão*, frieza, tristeza**, dor**, perda, frágil, desespero (grito)*, feio.

Partes do corpo humano: cabelo, pescoço, dentes, perna fina, costa, roupas, costelas, bocas*.

Uso da mente: pensativa, reflexiva, introspectiva.

Comunicação: às cegas***, chamar alguém, ouvir, choro, rindo.

Contato com o meio: cantos (lugares), acontecimento a sua volta, base*, sustentação, separado do contexto, centralizações (posições)*.

Contato com a incerteza: desconhecido, novo, estranho*, descoberta.

Consciência do movimento: aprimoramento, transformação, crescimento, processo, renascimento, nascimento, mudanças*.

Formas de estar no mundo: ser humano, animal**, pessoa, esculturas, família.

Formas de se relacionar com o mundo: ver de cima para baixo, falsa realidade = maravilhosa / regular, fingir, a frente das situações, força para lutar, soltar-se pelo próprio esforço.

* - indicação para palavra repetida por outra aluna.

Na categorização dos textos identificamos que as alunas pontuaram temas que envolvem a dualidade existente no ser humano – lado bom e lado obscuro; contraste – dados estes que nos permitiram refletir a essência do ser humano.

Através das categorias: partes do corpo humano, comunicação e formas de se relacionar no mundo pudemos discutir a relação terapeuta/cliente não alicerçada de forma vertical / hierarquizada, mas sim horizontal e com semelhanças.

Frente aos temas: sentimentos, contato com as incertezas e formas de estar no mundo, os debates foram direcionados às dificuldades dos sujeitos, seus conflitos e a tendência contemporânea de evitá-los (ver página 34).

Os itens: uso da mente e consciência do movimento nos remeteu a discussões quanto ao processo terapêutico que pressupõe reflexões para posterior transformação.

E finalmente, o tema contato com o meio proporcionou a reflexão do mundo contemporâneo e suas conseqüências para a qualidade de vida do ser humano.

Assim podemos concluir que a vivência dessa atividade permitiu às alunas uma ampla reflexão frente ao seu corpo/sentimento e conseqüentemente ao corpo/sentimento do outro. Viabilizou-se um olhar para a imagem corporal que está além das “convenções das aparências” estabelecidas na condição pós-moderna onde o corpo é apresentado como objeto de idealização ou de consumo.

CAPITULO 2: QUE PROFISSÃO É ESTA?

Após as reflexões tecidas no primeiro capítulo com intuito de contextualizar a contemporaneidade, podemos direcionar nosso tema de pesquisa à Terapia Ocupacional. Para tanto estaremos dividindo o capítulo em três momentos: o primeiro tem como finalidade apresentar a historia da profissão salientando sua origem, reconhecimento e estruturação enquanto graduação, delimitação de campos de atuação tendo com referencial teórico Lea Beatriz Teixeira Soares, Maria Eloísa da Rocha Medeiros e Liliam Vieira Magalhães, terapeutas ocupacionais. No segundo momento, apresentaremos a representação social da profissão segundo a ótica da terapeuta ocupacional Sandra Galheigo. Já o terceiro contém as vivências realizadas com os alunos em diferentes períodos do curso e os resultados frente ao processo de construção da imagem da Terapia Ocupacional.

2.1 Histórico:

Frente ao estudo proposto neste trabalho, focado na reflexão da formação dos alunos de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba, faz-se necessário um levantamento histórico desta profissão no âmbito internacional e nacional. Cientes de que o contexto político, econômico e social interfere nas vigências da sociedade estaremos buscando as possíveis correlações destes com a evolução e/ou involução da profissão na modernidade e na condição pós-moderna.

Do mesmo modo, ao analisarmos historicamente o próprio conceito de Saúde podemos observar que ele também se altera de tempos em tempos, em função de uma lógica social e, com isso, também se alteram os pressupostos e as práticas das profissões da Saúde. Ou seja, alteram-se as sustentações epistemológicas, as fundamentações teóricas e os modos de intervenção destas profissões conforme mudam os valores e as configurações dos poderes políticos nos contextos em que estão inseridas. (Medeiros, 2000, p. 62)

Como referencial teórico-histórico faremos uso dos significativos trabalhos das terapeutas ocupacionais: Léa Beatriz Teixeira Soares e Liliam Vieira Magalhães,

acrescidos do documento elaborado pela Comissão de Especialista de Ensino de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (Portaria 226- 28/06/95- SESu/MEC).

Encontramos nos relatos de Soares (1991) que o surgimento, nos Estados Unidos, da Terapia Ocupacional aconteceu na segunda década do século XX, ou seja, durante o pico da produção industrial quando houve a necessidade de reabilitação dos incapacitados pela guerra mundial para reabsorção no trabalho produtivo.

Já no Brasil, o processo inicial da profissão ocorreu nos anos 40 para ocupação de doentes em instituições asilares de psiquiatria ou tuberculose. Essa clientela ficava períodos de hospitalização prolongada e, portanto rompia a conexão com ritmo, hábitos e as relações sociais. Assim, introduziram-se atividades recreativas, de auto-cuidado, profissionais e de conservação do espaço institucional, que visavam à ocupação dos internados.

A função de aplicar atividades a internos de instituições asilares recebeu diferentes denominações como: Laborterapia, Ergoterapia, Terapia Ocupacional e Praxiterapia. Esses conceitos se confundem, mas segundo referências de Lídia Brunetto em “Terapia Ocupacional – correlação teórico-prática” (1975) (apud Soares, 1991) a Ergoterapia e a Laborterapia são propostas a internos que apresentassem iniciativa, responsabilidade e capacidade de permanência no trabalho, ou seja, que estavam em fase final do tratamento. A técnica e o produto final dos trabalhos são considerados como fundamentais para se adquirir produtos que deveriam ser comercializáveis. Toda a produção interna servia para prover as despesas da própria instituição.

Segundo Lindermann (apud Brunetto,1975), a passagem da laborterapia à terapia ocupacional deu-se nos Estados Unidos a partir da Primeira Guerra Mundial, quando o emprego de atividades artesanais foi preconizado para a recuperação de incapacitados. No entanto, segundo análise materialista histórica desenvolvida por esse trabalho no capítulo anterior, o gerador deste fato social (cf. Cap.III:108- 11) foi a necessidade de absorção da parcela do exército de reserva no momento de expansão econômica nos Estados Unidos e as pressões sociais dos veteranos de guerra por autonomia financeira e valorização social. (Soares, 1991, p. 142)

A Terapia Ocupacional englobou os conceitos da Laborterapia, Ergoterapia e Praxiterapia ampliando as possibilidades de atuação ao fazer uso de atividades como:

exercícios físicos, músicas, jogos e brincadeiras com objetivos mais específicos. Outro fator diferencial é que a primeira passou a ser realizada com todos os doentes desde o início das manifestações patológicas, trabalhando com as possíveis habilidades e estimulando nas atividades de auto-cuidado, lazer e produção.

Constatamos então, que a Terapia Ocupacional surge no período de decadência da “bella époque” apresentado por Kujawski (ver página 12) onde a ilusão da modernidade tem seu esgotamento com a Guerra Mundial. Neste sentido a profissão recebe a tarefa de reabilitar indivíduos incapacitados da guerra para o trabalho e ocupar doentes crônicos em hospitais de longa permanência, portanto para a manutenção da produção industrial, ou seja do capitalismo.

Segundo Soares (1991), objetivando alcançar as condições ideais para ingresso da mão de obra incapacitada no mercado de trabalho, o paradigma que a sustentava a primeira etapa da Terapia Ocupacional era o estudo da ocupação. As atividades eram planejadas num crescente, do simples ao complexo.

Porém na década de 30, a crise econômica gerou mão de obra excedente tornando desnecessária a recuperação dos incapacitados. Para a redefinição das suas funções a Terapia Ocupacional vinculou-se a saúde adquirindo os padrões de especialização em evidência na medicina.

Vale salientar que esse momento, caracterizado pela modernidade na saúde é marcado pelo avanço tecnológico.

Para Soares (1991, p. 145) esse período gerou na saúde o parcelamento e a sofisticação de suas práticas permitindo o assalariamento da categoria médica, o aumento do consumo de atos “médicos”, a industrialização dos insumos “médicos” e a hierarquização das práticas da saúde.

Nesse panorama a Terapia Ocupacional busca seu “lugar ao sol”... Para garantir sua sobrevivência teve que se associar e se adequar às novas concepções da medicina e passou a se especializar. Dessa forma a Terapia Ocupacional passou a ser dividida em Terapia Ocupacional física, vinculada à Fisiatria, Ortopedia e Neurologia, e Terapia Ocupacional mental, ligada à Psiquiatria.

a) Formação Profissional:

Segundo referencial teórico de Magalhães (1989), os programas de ensino de Terapia Ocupacional implementados nos Estados Unidos desde 1923, definiam dois alicerces para a formação: conhecimentos superficiais sobre Fisiologia, Patologia e Psicologia; e atividades manuais e recreação.

Os primeiros professores dos cursos de Terapia Ocupacional eram artesãos voluntários. Aos poucos os recém-formados foram assumindo as tarefas dos antigos mestres e por volta de 1930 o ensino já era ministrado por terapeutas graduados. Claro, nas matérias referentes à ocupação e à recreação. Os aspectos médicos sempre estiveram sobre o controle de especialistas e à medida que se iam expandindo os serviços de Terapia Ocupacional iam ampliando-se as disciplinas ministradas: Ortopedia, Psiquiatria, Reumatologia, Cardiologia. (Magalhães, 1989, p. 116)

Na década de 50, a Organização das Nações Unidas – ONU, implantou os cursos de Terapia Ocupacional nos países “em desenvolvimento” com o mesmo modelo curricular dos Estados Unidos, Canadá e Europa.

Segundo Soares (1991), os primeiros cursos de formação em nível universitário de Terapia Ocupacional no Brasil surgiram nesses moldes e, portanto fortemente influenciados pelo movimento de reabilitação. Em 1956, teve início o curso de formação para Terapia Ocupacional e Fisioterapia no Rio de Janeiro promovido pela Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação, quando a primeira turma se formou em dois anos e as próximas em três. Os cursos paulistas iniciaram-se um ano depois. Minas Gerais, Pernambuco e Bahia tiveram seus cursos iniciados em 1960 e o de Belo Horizonte começou a vigorar em 1962.

Os terapeutas ocupacionais formados nestas primeiras escolas eram fortemente ligados à reabilitação física e à direção médica; o aprendizado sobre o atendimento de doentes mentais era restrito à teoria ou a casos associados à deficiência física. Alguns anos depois teve início o estágio curricular supervisionado em unidades psiquiátricas. (Soares, 1991, p. 156)

Soares relata que, em fins de 1963 a Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro encaminhou ao Conselho Nacional de Educação o processo de constituição do currículo

mínimo dos cursos de Terapia Ocupacional e Fisioterapia. Este foi aprovado com 2.160 horas, para três anos letivos de duração e em nível universitário.

Já em 1969, o Decreto – lei 938, reconheceu os Terapeutas Ocupacionais e os Fisioterapeutas, formados pelas escolas e cursos reconhecidos pelo MEC, como profissionais de nível superior, e em seu artigo 4º (7), tornou exclusiva a execução de métodos e técnicas específicas a cada categoria:

Esse artigo se propõe tornar privativa a aplicação de métodos e técnicas terapêuticas e recreacionais dirigidas à capacidade mental do paciente. Ele não cita o uso de atividade, não explicita o que é método ou técnica terapêutica, nem inclui no objetivo da intervenção a capacidade física/motora, que, por sua vez, foi relacionada aos métodos e técnicas fisioterápicas e tornada privativa do fisioterapeuta. Consta ainda neste decreto que a direção dos respectivos serviços, a assessoria técnica, o magistério nas disciplinas de formação básica ou profissional e a supervisão de profissionais e alunos da área serão realizados pelos terapeutas ocupacionais com diplomas reconhecidos. (Soares, 1991, p. 158)

Entretanto, segundo Soares a regulamentação da profissão e a definição do currículo mínimo, ou seja, os avanços legislativos não foram encaminhados pelo conjunto da categoria fato que não proporcionou o reconhecimento das práticas alternativas ou marginais ao ensino oficial, o que acabou por vetar o exercício profissional de diversos profissionais.

A categoria médica iniciou um confronto frente ao reconhecimento legal das profissões de reabilitação, pois buscava manter sua hegemonia e o controle nesta área. Em 70 a Sociedade Brasileira de Medicina Física e Reabilitação chegou a contestar juridicamente as profissões de Terapia Ocupacional e Fisioterapia alegando que estas eram “hipertrofias de atividades” em relação à Medicina. Com isso objetivava garantir ao médico o diagnóstico clínico, bem como a seleção, indicação, aplicação e acompanhamento periódicos da aplicação das técnicas da Terapia Ocupacional e principalmente da Fisioterapia.

(7) Artigo 4º. :“É atividade privativa do terapeuta ocupacional executar métodos e técnicas terapêuticas e recreacionais com a finalidade de restaurar, desenvolver e conservar a capacidade mental do paciente.

Juntamente com esses impasses na disputa das categorias, “os limites orçamentários de uma política social burocrática, privatizante e elitista” (Soares, 1991, p. 161) favoreceram a desativação do Instituto de Reabilitação da USP, considerado como modelo brasileiro de trabalho multidisciplinar integrado, sem a predominância médica. Assim, as profissões da saúde perderam esse modelo e passaram a se manter “por vezes, à mingua, no espaço institucional controlado pela visão médica restritiva” (Soares, 1991, p. 162).

O modelo integrado de assistência multidisciplinar resistiu em escala reduzida na Clínica Ortopédica e Traumatológica do HC, mas os cursos de terapia ocupacional e fisioterapia, transferidos à Faculdade, sem espaço físico e verbas adequadas, passaram a ser ministrados por alguns professores contratados e pela colaboração voluntária e, conseqüentemente, assistemática de profissionais vinculados às instituições da cidade. (Soares, 1991, p. 162)

Embora o exemplo supra citado refira-se aos cursos de Estado de São Paulo, as dificuldades financeiras e as pressões da categoria médica permearam todo o país.

Entre a década de 70 a 80, a existência de cursos de graduação em Terapia Ocupacional passou de cinco para treze, sendo que destes, quatro são de instituições públicas e nove do ensino particular. Esses dados esclarecem a instabilidade da formação que passa a ficar diretamente ligada a questão da lucratividade.

Frente ao processo de movimentos sociais e ressurgimento das entidades representativas, os Terapeutas Ocupacionais se associaram aos Fisioterapeutas criando os Conselhos Federal e Regionais das categorias (COFFITO e CREFITOS), bem como a associação pré-sindical em São Paulo.

O Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (e respectivos auxiliares) – COFFITO – veio normatizar as atribuições específicas de cada uma das categorias e estabelecer o Código de Ética profissional; os Conselhos Regionais se encarregaram do credenciamento e fiscalização de entidades mantenedoras dos serviços e profissionais habilitados ao exercício profissional. Estes mecanismos vieram ampliar as garantias no mercado de trabalho, ainda que a participação nas políticas de saúde estivessem bloqueadas. As entidades de caráter pré-sindicais fundadas em outros estados buscaram definir piso salarial, mecanismos de progressão funcional e estabilidade empregatícia face à recessão econômica e às condições deficitárias das instituições de saúde. (Soares, 1991, p. 164)

Quanto à formação acadêmica da Terapia Ocupacional, em 1980 foi enviado ao MEC um novo projeto que, ao ser aprovado em 1982, trouxe significativas alterações para a formação, a saber: os cursos passaram de 2.160 para 3.240 horas, de três para quatro anos de duração e de um modelo de formação clínico-biológica para outro que associasse o enfoque psicológico e social ao biológico sendo a atuação prevista desde a prevenção até a reabilitação.

O “novo” currículo, que até hoje não foi inteiramente implantado em várias escolas avançava na direção de reduzir o absoluto domínio das matérias biológicas que chegavam a ocupar até 50 % dos cursos. Essas matérias, ministradas geralmente por médicos e outros profissionais ligados a concepção organicista (biológica) de Saúde-doença, garantiam o controle da formação do modelo médico. Exatamente por isso que o currículo “novo” encontrou tantas resistências. Dentro e fora da corporação profissional. (Magalhães, 1989, p. 124)

A partir de 1994, o Brasil passou a ser integrante oficial da Federação Mundial de Terapia Ocupacional (WFOT) sendo que, o currículo mínimo vigente da USP (tabela 2, pág. 79) serviu de base para essa filiação, pois preenchia os requisitos básicos necessários. As outras escolas deveriam adequar-se aos moldes desse currículo para favorecer que seus formandos pudessem obter reconhecimento de sua formação junto aos demais países.

Em 1998, durante o VI Congresso de Docentes de Terapia Ocupacional, em Gramado, foi aprovada em plenária, para ser encaminhada ao MEC, uma nova Proposta de Normatização de Diretrizes Curriculares para os Cursos de Terapia Ocupacional. Esta propõe carga horária mínima de 3.600 horas divididas em, pelo menos, quatro anos. Sua estrutura curricular compreende dois núcleos de conhecimentos e aquisição de habilidades, sendo: Núcleo de Conhecimentos Básicos (com 20% da carga horária mínima) e Núcleo de Conhecimentos Específicos (com 80% da carga horária mínima).

Mesmo antes de ser aprovada oficialmente pelo MEC, essa proposta serviu de referência para elaboração de novos cursos, bem como de reestruturação de outros já existentes.

Em dezenove de fevereiro de 2002 foi aprovada a resolução CNE/CES 6/2002 (Anexo I) que define a diretriz curricular dos cursos de Terapia Ocupacional. Ao analisar a diretriz curricular aprovada vale salientar a vitória da categoria ao superar os paradigmas

do ensino de Terapia Ocupacional anteriormente embasado em teorias anatomopatológicas essencialmente organicistas.

b) Campo de Atuação:

Outro processo de transformação na profissão está vinculado com a inserção no mercado de trabalho. Este, não ficou desvinculado da lógica capitalista que trata a saúde também numa perspectiva de mercadoria. O campo de atuação de terapeutas ocupacionais teve influencia das Portarias elaboradas pelos Ministérios da Previdência e Assistência Social e da Saúde já que as instituições de trabalho em geral eram beneficentes e/ou conveniadas ao sistema de saúde.

Na assistência à doença mental a Terapia Ocupacional estava vinculada aos dois Ministérios citados, que constituíam uma rede de hospitais particulares, estatais e beneficentes conveniados ao INAMPS ou às Secretarias de Saúde. Para os hospitais conveniados previam-se pontos frente a recursos humanos e instalações que os classificavam e definiam sua remuneração hospitalar.

...o RECLAC- inserido na Portaria SAMES 8/74 (cf. Cerqueira – 1984:153-4). Por esta classificação, o padrão mais elevado de assistência e portanto de remuneração seria de um hospital que contasse com uma equipe de psiquiatras (um para cada quarenta pacientes agudos ou sessenta pacientes crônicos), um assistente social, um psicólogo e um terapeuta ocupacional, cada um dos três últimos responsáveis individualmente pelo atendimento de cinquenta pacientes, em uma jornada de vinte horas por semana. Por esse cálculo, enquanto o número de psiquiatras variava segundo o número total de pacientes, os demais profissionais permaneciam fixos, ou seja para um hospital com 250 leitos, os profissionais não-médicos poderiam dispor, separadamente, de cerca de cinco minutos semanais para cada doente. (Soares, 1991, p. 168)

É evidente que o pagamento efetuado valorizava a intervenção farmacológica em relação à terapêutica, seguindo a corrente organicista da psiquiatria. Nesse percurso observa-se uma tendência de eleição de laborterapia com base nos princípios do tratamento moral e, em menor escala, de uma proposta de Terapia Ocupacional que valorize o indivíduo, sua livre escolha, a relação terapêutica, as atividades grupais e a avaliação

contínua do processo de tratamento que são características embasadas pelas correntes de pensamento: fenomenológica, sociocultural e psicanalítica.

Outro campo de atuação da Terapia Ocupacional refere-se às entidades que assistiam ao menor deficiente mental ou físico. Tiveram um aumento importante na década de 80, principalmente as destinadas à educação especial para portadores de deficiências mentais.

As verbas estipuladas pelo MEC/MPAS em seus convênios estabeleceram uma escala de classificação dos recursos humanos correspondendo ao tipo da patologia e volume da clientela. Assim, para o atendimento de quarenta clientes entre deficientes mentais e deficientes físicos leves (trinta em período parcial e dez, integral) foi previsto um Terapeuta ocupacional para uma jornada de quarenta horas semanais e vinte horas para os demais técnicos. Para o atendimento de quarenta cliente (em mesmo esquema, parcial e integral) deficientes mentais e deficientes físicos moderados e graves além do terapeuta ocupacional também foi previsto um fisioterapeuta por quarenta horas, permanecendo inalterada a jornada dos outros técnicos. (Soares, 1991, p. 172)

Essas normas evidenciam a distinção feita pelo Decreto – Lei 938 de 1989 artigo 4 (ver página 51) que diferencia a atuação do Terapeuta Ocupacional e do Fisioterapeuta, onde o primeiro é responsável pela capacidade mental, enquanto que o segundo cuida da capacidade física.

Frente às necessidades do Estado de mascaramento da realidade social caracterizado pela “... parcela da população pauperizada, frutos da monopolização da economia sem adoção maciça de políticas sociais saneadoras do processo de destruição das forças produtivas, dissolução do núcleo familiar e marginalidade econômica e sociocultural” (Soares, 1991, p. 173-174); surgem, nos anos 70, medidas assistencialistas anunciadas como alternativas para minimizar a violência. Foram criadas instituições fechadas para realizar o atendimento do menor (carente e/ou infrator) e do idoso, estas se tornam mais um local de trabalho para o Terapeuta Ocupacional. A atuação em geral, foi evidenciada pelo caráter assistencial do programa e da lógica institucional.

Nos padrões classificatórios do INAMPS, LBA, CENESP foi previsto a contratação de uma terapeuta ocupacional (ou assistente social, ou psicólogo) basicamente para ser responsável por um grupo de quarenta a cinquenta, em média, sejam deficientes mentais, físicos ou pacientes

psiquiátricos. Por este parâmetro, a política social já previa uma atuação mais genérica e, às vezes superficial sobre os sintomas e a problemática principal da clientela. Acrescenta-se, ainda, o fato de que cada instituição tem, em média, no mínimo, 150 clientes. Ora, a instituição que contratar um profissional de cada tipo, que se responsabilizasse por um grupo de cinquenta pacientes, obtinha o maior nível classificatório; desta maneira, da clientela total, somente uma parcela (ao redor de trinta clientes por setor profissional) receberiam tratamento diferenciado do padrão. (Soares, 1991, p. 175)

Como se pode observar a Terapia Ocupacional foi ampliando seu campo de atuação em diversas áreas, talvez não atingindo uma posição profissional desejável, mas estruturando novos modelos de intervenção a partir do modelo clínico da saúde, onde a medicina se apresentava como hegemônica.

Ao nível mais geral, a terapia ocupacional juntamente com as demais práticas de saúde veio reforçar o caráter assistencialista do Estado, em sua face democrática e humanitária em relação às populações marginais (cf. Quijano in Pereira, 1978: 184). Ao mesmo tempo as demandas sociais, ao se tornarem objeto de intervenção multiprofissional, têm suas determinações sociais sobre saúde/doença obscurecidas no interior deste processo de atendimento. Desta maneira é que as práticas de saúde assumem seu caráter ideológico, cimentando a hegemonia burguesa sobre as camadas sociais. (Soares, 1991, p. 198)

Assim a Terapia Ocupacional que iniciou com proposta de reabilitar um exército produtivo para a indústria assume novas funções de caráter político ideológico e portanto também favorável ao capitalismo.

Segundo Medeiros (2000, p. 67) “as ciências não são neutras: são atreladas a um tipo de poder, se configuram e se legitimam a partir dele ao mesmo tempo em que o justifica e o fortalece.”

Na história da consolidação da profissão observamos suas funções vinculadas ao caráter reabilitador e disciplinador, onde inúmeras vezes a consciência das reais necessidades da clientela são suplantadas pelas exigências das instituições, das políticas públicas ou mesmo para o mascaramento ideológico da realidade.

Na escolha ou na proposição de um modelo para a Terapia Ocupacional, estão implicadas uma decisão e uma escolha por uma visão de Mundo e de Homem e por um modelo político, e aí já estão implicados nossos companheiros. Essa escolha não é óbvia. É necessário que superemos a crença da existência de um “homem puro”, de uma “natureza ativa” do

homem, de um conhecimento neutro, tradutor da verdade. (Medeiros, 2000, p. 67)

A reflexão frente ao papel da Terapia Ocupacional na sociedade em diferentes momentos históricos nos remete ao problema central dessa pesquisa que aborda a formação do terapeuta ocupacional na contemporaneidade e fortalece nosso questionamento: Esse profissional tem uma formação crítica e reflexiva (exigência atual visualizada inclusive na Resolução das Diretrizes curriculares Nacionais, Anexo I) para entender e atuar diante dessa realidade? O futuro profissional tem consciência do papel social que irá desempenhar? Neste momento onde o homem idealizado cultiva o corpo perfeito, o higienismo e o consumismo (vide página 33) e vivencia a era da evitação da dor e do conflito (vide página 34) qual é a posição ocupada pelos nossos clientes? Que proposta de intervenção terá o terapeuta ocupacional? Novamente de reabilitador e adaptador?

Concordamos com Soares (1991) que defende a necessidade de transformação da Terapia Ocupacional tradicional, baseada no modelo reducionista com técnicas disciplinares e excludentes. Entendemos que “a terapia ocupacional deve buscar a vinculação entre o caráter subjetivo da atividade – de expressão de impulsos e de habilidades humanas ao caráter subjetivo – de inserção do sujeito em sua realidade sociocultural, permeado pelas varias concepções do mundo.” (Soares, 1991, p. 201)

2.2 Representação Social:

Desde o nosso primeiro contato com a Terapia Ocupacional enquanto estudante de vestibular, depois aluna do curso de Terapia Ocupacional, já formada como profissional e hoje, docente na Universidade de Sorocaba nos defrontamos com perguntas, como: Terapia Ocupacional? O que é isso? Ah, você ocupa as pessoas?....

No campo de trabalho as dificuldades vivenciadas estão voltadas para a conquista de um espaço físico adequado, aquisição de material necessário, reconhecimento de outros profissionais da equipe, cobrança da instituição contratante frente a uma produtividade do setor de Terapia Ocupacional, entre outros.

Nesse processo utilizamos diversas formas, na tentativa de delinear para a sociedade a profissão de Terapia Ocupacional, os objetivos terapêuticos e os referenciais teóricos que a norteia. Não pretendemos nesse trabalho lançar queixas referente a pequena representação da profissão na sociedade, mas sim elaborar uma reflexão crítica dessa situação.

Obviamente a leitura histórica da criação e manutenção da Terapia Ocupacional na sociedade capitalista já nos fornece alguns indicativos. Na tentativa de aprofundar questões significativas compartilhamos das idéias pontuadas pela Terapeuta Ocupacional Sandra Maria Galheigo em sua dissertação de mestrado intitulada “Terapia Ocupacional: A Produção do Conhecimento e o Cotidiano das Práticas sob o Poder Disciplinar- Em Busca de um Depoimento Coletivo”.

O sistema capitalista promoveu a divisão e hierarquização do trabalho conforme a importância dada aos valores de troca produzidos. Outro dado evidenciado neste sistema é caracterização da sociedade patriarcal onde há subordinação da mulher e discriminação das profissões por ela ocupada.

A mulher, que talvez por falta de opções de escolhas profissionais, acaba atuando na área da saúde e assumindo um duplo papel (produtora e reprodutora) e uma dupla jornada de trabalho (trabalho externo e organização familiar), convive com uma sobrecarga de trabalho.

Transferem para o domínio do trabalho funções que as relações de produção e reprodução lhes atribuiu. Sendo assim, à mulher cabe os papéis de socialização e cuidado com as crianças e doentes, assim como manter as normas básicas da família. Ao homem cabe a responsabilidade por sua manutenção. A docilidade, adaptabilidade e paciência; a expressividade, afeto e irracionalidade são características identificadas como femininas. As dicotomias razão-emoção, qualificação-intuição, trabalho intelectual-trabalho manual são esgotadas ao máximo para sexualizar as ocupações fundamentando o trabalho dito masculino e feminino, como se houvesse uma “mística feminina” ou um caráter tipicamente masculino. (Galheigo, 1988, p. 16)

No caso da Terapia Ocupacional, a utilização de atividades humanas como instrumento de tratamento: as artesanais, as artísticas, as lúdicas, as de auto-manutenção e as doméstico-sociais, contribuem para o reconhecimento social do “caráter feminino” e conseqüentemente de sua desvalorização.

Frente aos conceitos vigentes no sistema capitalista, principalmente ao que se refere aos avanços da tecnologia e busca do sujeito eficaz e produtivo, encontramos uma falta de interesse pelas atividades realizadas na Terapia Ocupacional, bem como as características da clientela, que nem sempre condizem com as normas estabelecidas.

Poder-se-ia especular se o que não se perdoa à Terapia Ocupacional é o fato dela possibilitar a re-organização interna e coletiva, a expressão e a participação social dos excluídos pela ordem institucionalizada. Qualquer produto da criação humana que se desvie ou se contraponha à norma e à estética dominante tem por destino sua própria marginalização. Isso se dá principalmente se manifestar conteúdos inconscientes, políticos e sociais, ameaçando a produção disciplinada/disciplinadora, cristalizada/estagnadora de nossa sociedade. Acredito que a marginalização da Terapia Ocupacional se deve em parte ao fato dela aceitar suas “limitadas” capacidades de criação e produção. As realizações dos pacientes em Terapia Ocupacional – artísticas, culinárias, artesanais, lúdicas, etc. – podem estar inscritas em posturas de resistência, conformismo ou inconformismo. Entretanto, poucos estudos têm sido realizados neste sentido.(Galheigo, 1988, p. 55)

A tendência da nossa sociedade ao tratamento medicamentoso com proposta de dominante também estimula a marginalização de qualquer outra prática alternativa.

Um estudo superficial sobre o fluxo dos recursos financeiros é suficiente para se perceber a priorização da contratação dos serviços médicos em relação às outras profissões da área. Estes encontram dificuldades em pertencer aos quadros técnicos seja nos serviços estatais ou nos repasses de recursos públicos para programas privados ou assistenciais. Ressalta-se que tais recursos são destinados a implementação de uma medicina curativa de base farmacoterápica. Uma medicina em que a formação generalista cedeu à especialista e onde a atenção sanitária, educativa, sistemática e profilática, a atenção aos pacientes ditos crônicos e às terapias não-médicas lutam politicamente por um espaço. (Galheigo, 1988, p. 20)

As normalizações da saúde giram em torno da técnica e das especialidades que acabam por compartimentalizar e disciplinar toda a equipe multiprofissional e, em especial, o sujeito atendido por ela. Nessas relações, entre os profissionais e destes com a clientela, estruturam-se formas de poder.

Foi inclusive, a proposta de disciplinar internos de hospitais para tuberculosos e doentes mentais através do uso do trabalho, que proporcionou a existência da Terapia Ocupacional no Brasil. Esta prática se manteve em maior ou menor uso, de acordo com as condições políticas e econômicas nacionais e internacionais. Mesmo após conquistas e mudanças da profissão percebemos, infelizmente, que traços do tempo da ocupação e da disciplinarização nas instituições asilares permanecem sutilmente na compreensão que se tem da prática atual e da constituição de seus serviços.

A associação da Terapia Ocupacional com a perspectiva de moralização da sociedade ainda é uma constante; igualmente a constatação de discursos que atribuem minoridade à Terapia Ocupacional, dando-lhe pouca importância e desconsiderando sua competência técnico-científica.” (Galheigo, 1988, p. 42)

Assim, os estigmas da profissão continuam e podem ser identificados nas condutas de diversas instituições que oferecem ao setor de Terapia Ocupacional espaços improvisados, poucos recursos materiais que dificultam a realização do trabalho terapêutico com base na importância do vínculo e do sigilo.

Uma hipótese é de que a postura da maioria dos terapeutas ocupacionais de romper com as diferenças e distanciamento entre terapeuta - cliente, minimizando a forma de poder institucional possa contribuir incisivamente para a sua própria segregação. Portanto vale lembrar que os terapeutas ocupacionais também têm sua parcela de responsabilidade nesse processo, principalmente frente à falta de propostas metodológicas e de formação teórica, consequências das poucas pesquisas e publicações realizadas na área.

Como já foi pontuado, a base teórica inicial da Terapia Ocupacional esteve voltada ao pensamento positivista e humanista, onde as “atividades analisadas e propostas” aos clientes tinham objetivo de minimizar sintomas. Observa-se nessas práticas um caráter a-histórico.

Novamente compactuando com as idéias de Galheigo, para atingirmos uma prática transformadora “precisamos compreender e elaborar o conflito, que se estabelece entre a (re) construção de sua teoria e a crítica de sua prática, que o terapeuta ocupacional poderá assumir-se verdadeiramente enquanto agente sanitário e político.”(1988, p. 80)

2.3 A Imagem dos Alunos:

Após o percurso de reconstrução do processo de consolidação da Terapia Ocupacional e de formação deste profissional, faz-se necessário ao nosso ver, uma pesquisa que aponte para o olhar que o aluno do curso tem frente a profissão.

Tendo como referência teórica a Terapia Ocupacional psicodinâmica (8), defendida por diversos autores entre eles Rui Chamone Jorge, é possível definir que o homem ao criar o mundo busca conhecer-se. Na ação e por ela, constrói espelhos que o permitem colocar-se como objetos e portanto, conhecer de si; ao modificar o mundo o homem tenta modificar-se.

Assim a atuação da Terapia Ocupacional, nesta corrente metodológica, visa a busca de auto conhecimento dado pela decodificação dos símbolos (9) que expressam os materiais internos (pensamentos, vivências, sentimentos, desejos...) nos materiais externos (objetos e ações concretas). Essa correspondência entre os objetos internos e externos é nomeada por Jorge de sinonímia.

A função do terapeuta ocupacional é de possibilitar, no setting terapêutico (10) a construção do conhecimento singular do homem através do movimento gerado pela coexistência dos opostos como o fazer / pensar, subjetivo / objetivo, universal / particular.

Dialeticamente, gera-se o movimento capaz de construir a consciência-de.

(8) A Terapia Ocupacional psicodinâmica é caracterizada pela observação, expressão e compreensão da dinâmica estabelecida entre realidade interna e externa do cliente capaz de abrir-lhe caminhos para novas ações e aprendizados.

(9) Carvalho realiza em sua pesquisa de Mestrado um interessante estudo sobre o símbolo como fundamento da Terapia Ocupacional. Adverte que através do símbolo é possível perceber que a ação do homem tem um sentido, um significado capaz de restaurar a comunicação humana. Conclui ainda que o símbolo pode ser compreendido como um método em Terapia Ocupacional que permite uma visão do homem no que diz respeito a sua existência, ao seu racional e ao seu psicológico, ou seja, considerá-lo em sua totalidade, holisticamente.

(10) Setting terapêutico refere-se a questão temporal e espacial que deve favorecer um ambiente protegido onde se compõe a relação terapeuta - cliente - atividade.

O objeto que o paciente faz é muito mais do que um objeto concreto. O objeto reforça o que o paciente disse ou nega-o complementa a informação dada, introduz novos elementos na conversação e eterniza o sentimento de concretude e, aí, congela o momento, facilitando futuras e novas interpretações. (Jorge, 1997, p. 47)

Segundo Jorge, a utilização dos cinco elementos indispensáveis na relação terapêutica ocupacional (paciente, terapeuta, ferramenta, material e objeto concreto) para a elaborar atividades de forma livre e criativa possibilita a criação de espelhos, ou seja, de caracterizar no mundo externo questões do mundo interno. Estas podem ser revistas por diversos ângulos, refletidas e transformadas.

Com o propósito de possibilitar ao aluno uma vivência de realização de atividade e portanto criação de espelho frente à construção da imagem da profissão escolhida foi sugerida a elaboração de um mosaico. Entendemos que através deste estaremos utilizando a linguagem da Terapia Ocupacional vinculada ao símbolo como decorrente da manifestação do mundo interno sobre o mundo externo, portanto oposto ao uso símbolo caracterizado na condição pós-moderna enquanto esvaziado de seu próprio significado e a serviço da massificação do sujeito (ver página 23).

Supõe-se que, a atividade de mosaico realizada de forma livre será uma produção concreta capaz de espelhar os conceitos conscientes e inconscientes que seu criador possui em relação a profissão.

Participaram desta atividade alunos do primeiro, segundo e terceiro períodos. O tema apresentado foi: o que é Terapia Ocupacional para você neste momento? A técnica de mosaico, descrita pelo terapeuta ocupacional Rui Chamone Jorge (1995) e caracterizada enquanto recurso terapêutico, promove condições para estudar a dimensão simbólica implícita na construção do conhecimento de si e do outro, e no entendimento do processo grupal.

A cultura é a construção simbólica e se impõe irremediavelmente a todos os homens. Daí a importância de estudar a dinâmica e a linguagem simbólica, a origem, a evolução dos símbolos e a construção do conhecimento. (Jorge, 1997, p. 189)

Para a coleta do material simbólico individual e coletivo, foi solicitada a elaboração de um mosaico a ser realizado como tarefa extra-classe. Sua técnica foi assim explicada:

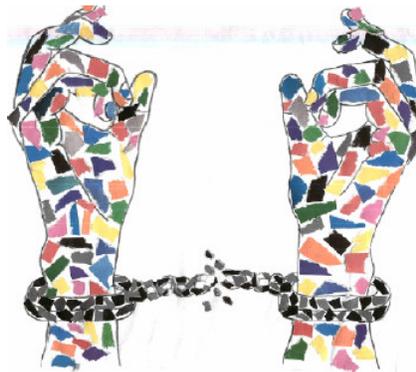
- a) tipo e tamanho do papel a critério do aluno,
- b) elaboração de imagem concreta ou abstrata,
- c) colagem sobre o desenho de retalhos de papéis coloridos picados à mão,
- d) relatório no verso do mosaico explicando a idéia que inspirou a elaboração do trabalho.

Na data de entrega prevista os alunos apresentaram suas produções ao grupo, podendo rever conceitos, identificar sensações, perceber convergências e/ ou divergências entre os trabalhos, além de discutir o processo e as sensações ao realizar a desconstrução (picar papel) para uma posterior construção (elaborar o mosaico).

Embora todos os alunos do primeiro, segundo e terceiro períodos tenham realizado o mosaico e participado da discussão, essa investigação frente as imagens dos alunos, foi realizada com uma amostra de cinco produções de cada turma. A escolha dos trabalhos ficou voltada aos primeiros alunos interessados em doar seu trabalho para fins de pesquisa. Como resultado obtivemos os seguintes símbolos e esclarecimentos:

Primeiro período:

- Mãos com algemas



Fragments do relato: quebra dos modelos impostos pela sociedade (...) o terapeuta ocupacional via trabalhar a diferença utilizando-se sempre da análise da atividade (...) mostrando que há vários caminhos, que o diferente existe e que é possível a convivência.

- Árvore



Fragments do relato: (...) ajudar as pessoas a ver a vida com mais amor.

- Coração



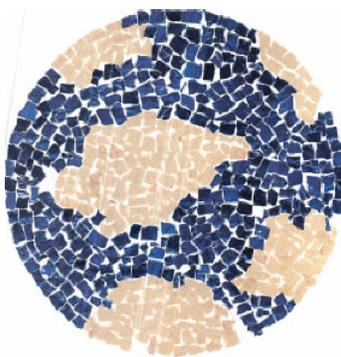
Fragments do relato: (...) ajudar alguém que pode ser feliz como eu.

- Mão



Fragments do relato: (...) a ajuda que o terapeuta pode dar, através das diferentes atividades. Com o objetivo de tratar problemas de origem física, mental, social e de desenvolvimento nas diferentes faixas etárias.

- Mundo



Fragments do relato: (...) trabalha o ser humano como um todo, abrangendo todas as áreas (...) um terapeuta ocupacional ocupando-se em cuidar de diferentes mundos.

Segundo período:

- Mãos próximas



Fragments do relato: (...) ajudar a pessoa necessitada, com sua patologia física ou não, a ter ao máximo uma vida normal.

- Mãos se tocando



Fragments do relato: (...) profissão da área da saúde que trabalha na forma de reabilitação física e psicológica, através da atividade, visando a qualidade de vida.

- Mãos se tocando



Fragments do relato: (...) poder fazer alguém feliz (...) dando ao paciente auxílio para ele poder fazer algo sozinho (...) é reabilitação para todos que precisam.

- Peixe no oceano



Fragments do relato: (...) cada vez que nos aprofundamos descobrimos belas áreas de atuação (...) como: pediatria, geriatria, indústria, presídio, creches, etc...

- Coração com uma pessoa dentro e interrogações fora.



Fragmentos do relato: (...) trabalha com a reabilitação física e psicológica, procura ver o indivíduo como um todo (...) tudo em prol de uma melhor qualidade de vida.

Terceiro período:

- Caixa de surpresa



Fragmentos do relato: (...) facilitador do processo de reabilitação, que tanto pode ser físico como social e emocional. Através da análise da atividade descobre-se sentimentos internalizados (...) e para que estas se abram é indispensável o vínculo (...) buscando uma melhor qualidade de vida.

- Caminho



Fragmentos do relato: (...) é muito útil para a melhoria da qualidade de vida do ser humano, sendo este debilitado ou não (...) através destes anos todos o T.O. foi estudando, aprimorando suas técnicas de trabalho, se informando e adicionando recursos diferentes para se trabalhar com as pessoas, conquistando com isso cada vez mais horizontes.

- Borboleta próxima a flor



Fragments do relato: (...) processo de esforço, dificuldade, mas de grandes descobertas, vitórias, resumindo crescendo para poder voar.

- Mulher e menina de mãos dadas



Fragments do relato: (...) através deste contato passa-se e recebe-se energia e, muitas vezes, é nele que sentimos segurança para irmos além.

- Rosto de palhaço



Fragmentos do relato:... visa a melhoria da qualidade de vida do ser humano que dela necessita... o profissional tenta transmitir tranquilidade, segurança... apesar de muito gratificante aparentemente, trabalha frequentemente com casos tristes.

Os vários fragmentos de relatos revelam que a expressão simbólica está voltada para o momento individual (caracterizado pela história de vida e escolha pessoal de cada aluno), porém também manifesta o processo coletivo de construção de conhecimento dos grupos em cada período.

Tendo em vista que o interesse desta pesquisa está mais direcionado para o processo de formação do papel profissional estaremos priorizando categorizar as diferenças grupais percebidas entre os períodos.

Num primeiro momento vale salientar que, observando as imagens no aspecto figura/fundo constatamos que, os alunos do primeiro período apresentaram todas as imagens com fundo branco, logo preencheram com retalhos de papéis picados a figura elaborada e não o fundo do desenho. Já os alunos do segundo período, têm apenas uma imagem em fundo branco. No terceiro período os alunos apresentam uma imagem com fundo branco e duas imagens sem colagem, porém com outra cor de fundo (rosa e técnica de marmorização). Esses dados nos levam a refletir sobre a contextualização do entendimento simbólico da Terapia Ocupacional na vida do aluno: as primeiras imagens isoladas vão no decorrer do curso interagindo na relação figura/fundo para a construção da paisagem.

Ainda com relação as imagens, no primeiro período temos, com exceção das “mãos rompendo as algemas”, figuras sem movimentos como o coração, a árvore, a mão, o mundo. No segundo, temos imagens que transmitem a noção da interação com: mãos se tocando (duas vezes), mãos próximas, peixe no oceano e coração com uma pessoa dentro e interrogações fora. Já o terceiro demonstra possibilidades de ação: abrir a caixa de surpresa, andar pelo caminho, dar as mãos, voar em direção a flor, sorrir.

Quanto aos fragmentos dos relatos escritos nos versos dos trabalhos, podem dizer que no primeiro período a atenção está mais centrada na “ajuda ao próximo”, na delimitação dos campos de atuação e clientela elegíveis para o terapeuta ocupacional, e na utilização da atividade. No segundo período inicia-se a reprodução de termos mais específicos como reabilitação, qualidade de vida e patologias. O terceiro período introduz o conceito de vínculo terapêutico e a possibilidade do trabalho preventivo (...qualidade de

vida do ser humano, debilitado ou não), citam o processo de transformação (...crescendo para poder voar) e o início da conscientização dos limites e impotência (...processo de esforços, dificuldade, mas de grandes vitórias... e ...tenta transmitir tranquilidade, segurança... trabalha freqüentemente com casos tristes.)

Percebemos que o aluno iniciante do curso ainda demonstra uma imagem da profissão voltada ao caráter assistencialista tão fortemente apresentado na história da Terapia Ocupacional, do qual consideramos prudente nos distanciar. Com o decorrer dos períodos essa temática se torna menos evidente. O caráter reabilitador também considerado marco histórico da profissão aparece com intensidade principalmente no segundo período, porém o trabalho preventivo também é citado mesmo que em menor intensidade. Já o caráter disciplinador referendado na história da profissão não está explicitado nos trabalhos dos alunos, observamos inclusive uma crítica a esse sistema apresentada por uma aluna do primeiro período (...quebra dos modelos impostos pela sociedade). O uso da técnica e a necessidade de trabalhar o indivíduo como um todo, formam um contraponto para o questionamento da postura do terapeuta ao atuar com a clientela (ver páginas 57 e 84). A percepção do terapeuta ocupacional diante da inserção do sujeito em sua realidade sociocultural defendida por nós como necessária a profissão na atualidade (vide página 57) aparece em duas imagens (...modelos impostos a sociedade - ...ocupando-se em cuidar de diferentes mundos).

A atividade possibilita ao paciente fazer mudanças reais e concretas, por meio da manipulação dos materiais e ferramentas na construção do objeto. Esse movimento permite que a idéia tome forma, volume e peso. O objeto externo, concreto pode então ser analisado. A idéia poderá ser negada, reconhecida ou ainda ser vista como uma nova idéia....Realizá-la no mundo externo, permite ao sujeito revê-la sob vários ângulos, facilita o trabalho de reflexão sobre si mesmo em diferentes momentos. (Dias, 1999; p. 21)

CAPITULO 3: QUAL É O PAPEL DA UNIVERSIDADE?

Durante a presente pesquisa, procuramos abordar a formação do profissional de Terapia Ocupacional na condição pós-moderna tendo como universo de pesquisa a Universidade de Sorocaba. Após contextualizar a atualidade, identificar o percurso da profissão faz-se necessário uma reflexão quanto ao papel da Universidade no mundo contemporâneo. Para tanto faremos uso das idéias defendidas por Boaventura de Souza Santos apresentadas em seu livro: “Pela Mão de Alice - o social e o político na pós-modernidade” (1996).

Santos afirma que estamos num momento de mudanças de paradigma, pois o projeto da modernidade desenvolvido nos três períodos do capitalismo chega na atualidade - o terceiro período – ao capitalismo desorganizado com a conscientização que existe um déficit irreparável nesse projeto.

O paradigma cultural da modernidade constituiu-se antes de o modo de produção capitalista se ter tornado dominante e extinguir-se-á antes de este último deixar de ser dominante. A sua extinção é complexa porque é em parte um processo de superação e em parte um processo de obsolescência. É superação na medida em que a modernidade cumpriu algumas das suas promessas e, de resto, cumpriu-as em excesso. É obsolescência na medida em que a modernidade está irremediavelmente incapacitada de cumprir outras das suas promessas. Tanto o excesso de cumprimento de algumas promessas como o déficit no cumprimento de outras são responsáveis pela situação presente, que se apresenta superficialmente como de vazio ou de crise, mas que é, a nível mais profundo, uma situação de transição. Como todas as transições são simultaneamente semicegas e semi-invisíveis, não é possível nomear adequadamente a presente situação. Por essa razão lhe tem sido dado o nome inadequado de pós-modernidade. Mas, à falta de melhor, é um nome autentico na sua inadequação. (Santos, 1996, p. 76-77)

Para Santos o projeto sócio-cultural da modernidade é muito complexo e está baseado em dois princípios o da regulação e o da emancipação. Cada pilar é constituído de três outros princípios. O primeiro é formado pelos princípios do Estado (elaborado por Hobbes), do mercado (elaborado teoricamente por Locke) e da comunidade (baseado na filosofia política de Rousseau). Já o segundo é constituído por três lógicas: a racionalidade estético – expressiva da arte e da literatura, a racionalidade moral – prática da ética e do

direito e a racionalidade cognitiva – instrumental da ciência e da técnica. Como construção, os pilares de regulação e de emancipação com seus respectivos princípios e lógicas estão ligados por cálculos de correspondência.

Assim, embora as lógicas da emancipação racional visem, no seu conjunto, orientar a vida prática dos cidadãos, cada uma delas tem um modo de inserção privilegiado no pilar da regulação. A racionalidade estético – expressiva articula-se privilegiadamente com o princípio da comunidade, porque é nela que se condensam as idéias de identidade e de comunhão sem as quais não é possível a contemplação estética. A racionalidade moral – prática liga-se preferencialmente ao princípio do Estado a medida em que a este compete definir e fazer cumprir um mínimo ético para o que é dotado do monopólio da produção e da distribuição do direito. Finalmente, a racionalidade cognitiva – instrumental tem uma correspondência específica com o princípio do mercado, não só porque nele se condensam as idéias da individualidade e da concorrência, centrais ao desenvolvimento da ciência e da técnica, como também porque já no século XVIII são visíveis os sinais de conversão da ciência numa força produtiva. (Santos, 1996, p. 77)

Vincular os dois pilares entre eles e ambos entre a concretização de objetivos práticos de racionalização global da vida coletiva e da vida individual constitui-se o projeto da modernidade que coincide com a emergência do capitalismo. Na síntese do autor, “ um projeto ambicioso e revolucionário. As suas possibilidades são infinitas mas, por o serem, contemplam tanto o excesso das promessas como o déficit do seu cumprimento” (Santos, 1996, p. 78)

Segundo o autor os dilemas do capitalismo desorganizado são: os valores da modernidade tais como autonomia e subjetividade hoje cada vez mais distantes das práticas políticas e do nosso cotidiano, apesar de parecerem estar ao nosso alcance inúmeras escolhas; a regulamentação jurídica da vida social consolidada de forma hermenêutica que impede o cidadão de utilizar o senso comum ou o bom senso como fez a burguesia no século XVIII; a ética individualista que impossibilita questionamentos de ordem global como catástrofes nucleares ou ecológicas.

Frente a esses dilemas, Santos caracteriza o momento presente como de transição para o surgimento de uma complexa condição pós-moderna.

A relação entre o moderno e o pós-moderno é, pois, uma relação contraditória. Não é de ruptura total como querem alguns, nem de linear continuidade como querem outros. É uma situação de transição em que há momentos de rupturas e momentos de continuidade. A combinação específica entre estes pode mesmo variar de período para período ou de país para país. (Santos, 1996, p. 103)

Para ele, a pós-modernidade não deve ser entendida como a lógica da fragmentação absoluta, mas como uma lógica que revela a fragmentação do capitalismo desorganizado.

Isto significa que a totalidade abstrata das lógicas da racionalidade acabou por se fragmentar em miniracionalidades múltiplas que vivem à sombra duma irracionalidade global e que, como tal, não são capazes de ver. Esta situação deve-nos precaver contra a tentação de caracterizar a pós-modernidade como cultura da fragmentação. A fragmentação maior e mais destrutiva foi-nos legada pela modernidade. A tarefa é agora a de, a partir dela, reconstruir um arquipélago de racionalidades locais, nem mínimas nem máximas, mas tão-só adequadas às necessidades locais, quer existentes quer potenciais, e na medida em que elas forem democraticamente formuladas pelas comunidades interpretativas. (Santos, 1996, p. 110)

Diferentemente de Kujawski e Harvey que apresentam o panorama atual de maneira depressiva e melancólica, Santos além de contextualizar o cenário da condição pós-moderna nos aponta propostas interessantes para superação do fracasso da modernidade.

Segundo Santos, para a constituição plena de uma pós-modernidade é necessário que o capitalismo seja superado e em seu lugar se coloque o socialismo, definido pelo autor como uma sociedade que amplia, em todos os níveis a democracia.

Mas, enquanto futuro, o socialismo não será nunca mais do que uma qualidade ausente. Isto é, será um princípio que regula a transformação emancipatória do que existe sem, nunca se transformar em algo existente. Dada a acumulação dos riscos insocializáveis e inseguráveis, da catástrofe nuclear à catástrofe ecológica, a transformação emancipatória será cada vez mais investida de negatividade. Nestas condições, a emancipação não é mais um conjunto de lutas processuais, sem fim definido. O que a distingue de outros conjuntos de lutas é o sentido político da processualidade das lutas. Esse sentido é, para o campo social da emancipação, a ampliação e o aprofundamento das lutas democráticas em todos os espaços estruturais da prática social conforme estabelecido

na nova teoria democrática acima abordada. O socialismo é a democracia sem fim. (Santos, 1996, p. 277)

Por ser uma “qualidade ausente”, o socialismo poderá ser tão adjetivado quanto preciso frente às lutas democráticas. Neste momento, “o socialismo será ecológico, feminista, antiprodutivista, pacifista e anti-racista.” (Santos, 1996, p. 277)

Para atingir essa condição pós-moderna denominada por Santos de pós-modernidade da resistência, a tarefa da teoria crítica pós-moderna deverá ser, diferentemente da crítica moderna fracassada, capaz de reconstruir o conceito e a teoria nova para democracia, cidadania, subjetividade e emancipação.

A nova teoria democrática deverá proceder à repolitização global da prática social e o campo político imenso que daí resultará permitirá desocultar formas novas de opressão e de dominação, ao mesmo tempo que criará novas oportunidades para o exercício de novas formas de democracia e de cidadania. Esse novo campo político não, é contudo, um campo amorfo. Politizar significa identificar relações de poder e imaginar formas práticas de as transformar em relações de autoridade partilhada. As diferenças entre as relações de poder são o princípio da diferenciação e estratificação do político. Enquanto tarefa analítica e pressuposto de ação prática, é tão importante a globalização do político como a sua diferenciação. (Santos, 1996, p. 271)

A democracia liberal da modernidade deverá se transformar em democracia eco-socialista da pós-modernidade ultrapassando todas as limitações da democracia autoritária que, calcada na concepção de Estado moderno, restringe-se ao poder econômico. Assim, a democratização deverá se estender para os quatro espaços políticos estruturais: o espaço da cidadania, o espaço doméstico, o espaço da produção e o espaço mundial. Cada um desses espaços suscita uma luta democrática específica para transformar as relações de poder nas relações de autoridade partilhada.

Essa proposta descentraliza o Estado e o princípio do Estado e se constitui tanto na obrigação política vertical entre cidadãos e Estado, como na horizontal entre cidadãos. Neste sentido, “revaloriza-se o princípio da comunidade e, com ele, a idéia de igualdade sem mesmidade, a idéia de autonomia e a idéia de solidariedade.” (Santos, 1996, p. 278)

Após uma exposição sintética das idéias defendidas por Boaventura de Souza Santos para a pós-modernidade podemos nos direcionar para o tema central desse capítulo, o papel da Universidade.

Em “Pela Mão de Alice”, Santos dedica o oitavo capítulo à Universidade. O autor inicia o texto com a apresentação histórica das funções que a universidade foi adquirindo e conclui que atualmente existem contradições entre essas funções e, portanto um campo de tensão tanto no relacionamento das universidades com o Estado e a sociedade, como no interior das próprias universidades. Visto a impossibilidade de superar essas contradições, o papel das reformas na universidade tem sido para manter-se sob controle através da gestão das tensões que as contradições provocam.

Segundo o autor, a crise da universidade se dá no âmbito da hegemonia, da legitimidade e da instituição.

Crise de hegemonia é a manifestação da contradição entre conhecimentos exemplares e conhecimentos funcionais. A medida que a universidade não consegue desempenhar cabalmente funções contraditórias, os grupos sociais mais atingidos pela sua incapacidade funcional ou o Estado em nome deles procura outros meios alternativos para atingir seus objetivos. Assim a universidade deixa de ser considerada necessária, única e exclusiva.

A crise de legitimidade se caracteriza pela contradição entre hierarquização e democratização. Essa crise se torna evidente quando a falência dos objetivos coletivamente assumidos fica explícita.

Já a crise institucional é expressa pela contradição entre autonomia institucional e produtividade social. A universidade vivencia essa crise por não garantir a manutenção de uma condição social estável e auto sustentada, sua especificidade organizativa passa a receber imposições de outros modelos de organizações vigentes em outras instituições tidas como eficientes.

Para Santos, a gestão das contradições não deve vigorar por muito tempo, pois a tensão institucional deverá absorver a comunidade acadêmica desviando-a de suas principais tarefas intelectuais e sociais para se dedicar a tarefas organizativas e institucionais. Essa crise institucional terá como consequência a crise de hegemonia

marcada pela crescente descaracterização intelectual da universidade e a crise de legitimidade expressa pela crescente desvalorização dos diplomas universitários.

Sendo assim, o autor apresenta onze teses, “que devem servir de bússola” numa atuação universitária “ativa”, autônoma e estrategicamente orientada a médio e longo prazo. A saber:

- 1- A crise da universidade moderna só será resolvida no contexto da resolução do paradigma da modernidade.
- 2- A universidade constituiu-se de um saber único produzido pelos saberes das três racionalidades da modernidade: a racionalidade cognitivo-instrumental das ciências, a racionalidade moral-política do direito e da ética e a racionalidade estético-expressiva das artes e da literatura. Porém a idéia do saber unificado foi sendo substituída, no paradigma da ciência moderna, pelo domínio da racionalidade cognitivo-instrumental. A crise desse paradigma espelha-se na universidade moderna.
- 3- Considerando a fase de transição da ciência moderna para a ciência pós-moderna, a universidade só sobreviverá se assumir essa condição.
- 4- A universidade enquanto ciência pós-moderna deverá: priorizar racionalidade moral-prática e estético-expressiva sobre a racionalidade cognitiva-instrumental; criar um novo senso comum com aplicação da ciência no seio de comunidades interpretativas.
- 5- O entendimento da natureza enquanto um fenômeno social e a formação de uma “personalidade de base” socializada nos princípios das racionalidades: moral-prática, estético-expressiva e cognitivo-instrumental deve ser a função prioritária da universidade.
- 6- A ciência moderna constituiu-se na contra mão do senso comum, o que possibilitou o desenvolvimento científico mas “expropriou a pessoa humana da capacidade de participar, enquanto atividade cívica, no desvendamento do mundo e na construção de regras praticas para viver sabiamente.” (Santos,1996, p. 224) Deve-se aproveitar os benefícios da ciência moderna, mas elaborar um novo senso comum; refletir sobre os custos da ciência moderna para as comunidades sociais. Prioriza-se a promoção do reconhecimento de outras formas de saber e o confronto

comunicativo entre elas. Neste sentido a universidade deve ser um local de encontro desses saberes.

- 7- A universidade deve criar outros saberes não científicos, para isso é necessário subordinar o modelo técnico ao modelo ético e compromissar a “comunidade científica existencial, ética e profissionalmente com o impacto da aplicação.” (Santos,1996, p. 224) Assim a universidade configura-se enquanto local para congregar os cidadãos e universitários em comunidades interpretativas permitindo a estes o entendimento de sua realidade social.
- 8- A universidade é hoje, a única instituição capaz de congrega e proliferar comunidades interpretativas. A democratização da universidade será realmente caracterizada quando as atividades atuais de extensão deixarem de existir como tal e fizerem parte integrante das atividades de investigação e ensino.
- 9- “As novas gerações de tecnologias não podem pensadas em separado das novas gerações de práticas e imaginários sociais. Por isso, a universidade, ao aumentar a sua capacidade de resposta, não pode perder a sua capacidade de questionamento.” (Santos,1996, p. 225)
- 10- A universidade deve reivindicar autonomia institucional e a especificidade organizacional, criar comunidades interpretativas em seu interior congregando docentes, estudantes e funcionários, ser uma anarquia organizada feita de hierarquias suaves e nunca sobrepostas.
- 11- A universidade deve fortalecer suas funções simbólicas para compensar o declínio das funções materiais. “Numa sociedade de classes, a universidade deve promover transgressões interclassistas. Numa sociedade à beira do desastre ecológico, a universidade deve desenvolver uma apurada consciência ecológica ... O verdadeiro mercado para o saber universitário reside sempre no futuro.” (Santos, 1996, p. 226)

Esse material servirá de referencia para análise do plano de ensino do curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba realizada no quarto capítulo onde nosso problema se caracteriza na integra: o curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba contribui para a formação de profissionais cientes da realidade humana na condição pós-moderna?

CAPÍTULO 4: O CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL NA UNIVERSIDADE DE SOROCABA - Uniso

O presente capítulo será dedicado ao curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba, universo de nossa pesquisa. Num primeiro momento, pontuaremos questões específicas que efetivaram implantação do curso de Terapia Ocupacional, a construção do projeto pedagógico atual e uma análise comparativa das propostas apresentadas no projeto do curso com as defendidas por Boaventura Souza Santos frente ao papel da Universidade. No segundo momento, apresentaremos os resultados de um questionário elaborado para os alunos do quarto ano do curso, ou seja, em fase de conclusão da graduação com a seguinte questão: Qual (ais) o (s) papel (is) que a Universidade desempenhou em sua vida?

1- A Implantação do Curso

O curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba teve início em 1998, com proposta de ser desenvolvido em quatro anos ou oito períodos letivos, à noite, das 19 às 22 horas. Seu primeiro Projeto de Estrutura Curricular apresentava a distribuição de carga horária mínima obrigatória (rever esse dado na página 53) bem como a proposta elaborada pela Universidade, a saber:

Tabela – 2 Distribuição da carga horária mínima obrigatória:

I Ciclo de Matérias Biológicas (CMB)	10%	324 h
II Ciclo de Matérias de Formação Geral (CMFG)	10%	324 h
III Ciclo de Matérias Pré- Profissionalizantes (CMPP)	20%	648 h
IV Ciclo de Matérias Profissionalizantes	40%	1296 h
Prática Supervisionada (CMP)	20%	648 h
TOTAL	100%	3.240 h

Tabela – 3 Primeira proposta de distribuição de carga horária do curso de Terapia Ocupacional na Uniso:

I Ciclo de Matérias Biológicas (CMB)	10%	400 h
II Ciclo de Matérias de Formação Geral (CMFG)	8%	320 h
III Ciclo de Matérias Pré- Profissionalizantes (CMPP)	17%	680 h
IV Ciclo de Matérias Profissionalizantes	37%	1480 h
Disciplinas Institucionais: UNISO	6%	240 h
Disciplina Complementar Obrigatória	2%	80 h
Prática Supervisionada (CMP)	20%	800 h
TOTAL	100%	3.240 h

Observações:

1 Metodologia (MTC I e II) e Ética (E I e II) coincidentemente compõe o Currículo mínimo obrigatório Federal e constituem componentes curriculares obrigatórios da UNISO.

2 A diminuição dos percentuais obrigatórios previstos para os ciclos II, III e IV é aparente, porque as disciplinas institucionais da UNISO (6%) e a disciplina complementar obrigatória: Administração dos Serviços de Saúde (2%) alocam-se perfeitamente nesses citados ciclos.

Assim as disciplinas foram distribuídas da seguinte maneira:

I Ciclo de Matérias Biológicas (CMB): Biologia, Anatomia Humana, Histologia, Bioquímica, Fisiologia, Biofísica, Patologia Geral e Patologia de Órgãos e Sistemas.

II Ciclo de Matérias de Formação Geral (CMFG): Introdução ao Pensamento Teológico, Antropologia Filosófica, Metodologia do Trabalho Científico I e II, Psicologia,

Sociologia, Introdução à Saúde Humana e Saúde Pública, Métodos e Técnicas de Pesquisa em TO (Bioestatística), Ética e Legislação I, Ética e Deontologia.

III Ciclo de Matérias Pré- Profissionalizantes (CMPP): Análise de Atividades I, II e III, História da Terapia Ocupacional, Cinesiologia, Atividades e Recursos Terapêuticos I, II, III e IV, Cinesioterapia e Reeducação Funcional, Métodos e Técnicas de Avaliação em TO I e II,

IV Ciclo de Matérias Profissionalizantes (CMP)

- Disciplinas Institucionais, UNISO: Introdução ao Pensamento Teológico II, Métodos e Técnicas de Pesquisa II, Trabalho de Conclusão de Curso I e II.
- Disciplina Complementar Obrigatória: Administração em Serviço de Saúde I e II.
- Prática Supervisionada: Prática Supervisionada I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII, Terapia Ocupacional Aplicada à Infância e Adolescência I e II, Terapia Ocupacional Aplicada à Dermatologia, Terapia Ocupacional Aplicada à Ortopedia e Traumatologia I, II e III, Terapia Ocupacional Preventiva e Social, Terapia Ocupacional Aplicada às Deficiências Sensoriais e Mentais, Terapia Ocupacional Aplicada à Neuropsiquiatria da Criança e Adolescência, Terapia Ocupacional Aplicada à Geriatria e Gerontologia I, II e III, Terapia Ocupacional Aplicada à Clínica Geral e Cirúrgica, , Terapia Ocupacional Aplicada à Saúde Coletiva e do Trabalhador, , Terapia Ocupacional Aplicada à Neurologia e Pediatria, , Terapia Ocupacional Aplicada à Psiquiatria, Arteterapia, Recreação e Lazer Aplicado à, Terapia Ocupacional, Terapia Ocupacional Aplicado à Reumatologia, , Terapia Ocupacional Aplicada à Saúde Mental e Reinserção Social.

Após um ano de funcionamento, ou seja, em final de 1998, sob a coordenação da terapeuta ocupacional Rita de Cássia Gianola, o Projeto Pedagógico foi revisto e reestruturado para vigorar a partir de 1999, com base na Proposta de Normatização de Diretrizes Curriculares para os Cursos de Terapia Ocupacional conduzida pela Comissão de Especialistas de Ensino de Terapia Ocupacional do MEC e pelos respectivos Conselho Regionais de Terapia Ocupacional, com a colaboração das escolas de formação, e

obedecendo a recomendações da Federação Mundial para possibilitar sua atuação profissional globalizada.

A duração do curso ficou prevista para 8 semestres, no período diurno e com um total de 3.600 horas aulas, (incluídas às 1000 horas obrigatórias de prática supervisionada prevista pela Federação Mundial dos Terapeutas Ocupacionais –WFOT).

Desde então o projeto vem sendo revisado anualmente com uma variação pequena de carga horária sendo em: 2000 para 3.680 horas aulas, 2001 para de 3.600 horas aulas e 2002 para 3600 horas aulas.(Anexo II - trechos extraídos do Projeto Político Pedagógico)

A constituição do corpo docente atualmente consta com a participação de 19 profissionais graduados em Terapia Ocupacional, alguns inclusive ministrando disciplinas do Núcleo de Conhecimentos Básicos como Patologia, Ética e Metodologia do Trabalho Científico e da Pesquisa. A determinação de que as aulas de responsabilidade dos docentes – terapeutas ocupacionais eram exclusivamente as de funções técnicas passam a fazer parte do passado.

Frente ao processo de capacitação desses docentes constatamos que todos estão inseridos em projetos de pesquisa, sendo 1 com titulação de especialista, 8 de Mestrandos, 6 de Mestres, 2 de Doutorandos e 2 de Doutores.

O curso recebeu a comissão do MEC por duas vezes e em 2001 o parecer final desta comissão define o reconhecimento com nota A, durante cinco anos. Este dado sem dúvida dimensiona a qualidade do curso, porém de imediato não responde o nosso problema: : o curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba contribui para a formação de profissionais cientes da realidade humana na condição pós-moderna?

Frente a nossa questão continuamos a pesquisa analisando agora os dados apresentados no Projeto Pedagógico do curso.

A partir do item Fins e objetivos do curso existente no Projeto atual (vide Anexo II) vale ressaltar suas propostas:

...inserir suas práticas, em um modelo de assistência à saúde e educação que busca fortalecer o processo de transformação política e social, oferecendo à população um atendimento público de qualidade capaz de atender suas necessidades básicas.

Segundo o Projeto Pedagógico, através das disciplinas teórico - práticas que permeiam todo o curso é oferecido concomitantemente para população o atendimento enquanto que para o aluno a “... compreensão das políticas sociais, da concepção saúde/doença e do desenvolvimento humano”, além de “... favorecer o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva”.

Quanto às capacidades que o curso deve assegurar aos alunos inscritas no Projeto, destacamos:

- reconhecimento do contexto social, cultural e político (local e mundial) compreendendo as relações saúde-sociedade e inclusão – exclusão que permeiam as mudanças contemporâneas;
- percepção das necessidades e prioridades da clientela com objetivo geral de favorecer a emancipação e autonomia da clientela atendida;
- inserção na implementação das políticas sociais, bem como nos diferentes níveis de atenção a saúde e educação;
- utilização do raciocínio terapêutico ocupacional para realizar diagnóstico, intervenção e avaliação dos resultados obtidos;
- compreensão do processo de construção do fazer humano, isto é como o homem realiza suas escolhas ocupacionais, utiliza e desenvolve suas habilidades, se reconhece e reconhece a sua ação.

No Perfil Profissiográfico o Projeto Pedagógico contempla uma formação geral atenta à qualidade de vida da sociedade brasileira e da comunidade regional.

A formação generalista, deve contemplar de forma equilibrada conhecimentos gerais nas áreas biológicas e humanas, conhecimentos específicos no campo da Terapia Ocupacional além de atividades de complexidade crescente que envolvam a observação, a prática autônoma supervisionada nas diferentes áreas, equipamentos e níveis de atuação, proporcionando desta forma, condições para o desenvolvimento de um profissional crítico e reflexivo, capaz de atuar nas áreas clássicas da terapia ocupacional ou sob novas perspectivas, como agente transformador da realidade local. O ensino de graduação deve ser entendido como uma etapa inicial de um processo de formação continuada e permanente.

Assim das propostas descritas por Santos - apresentadas no terceiro capítulo - podemos destacar a necessidade de compreensão do momento atual, denominado por ele de transição da modernidade para uma complexa condição pós-moderna. Neste sentido, pela análise do Projeto Pedagógico constatamos que em diversos itens como: Fins e objetivos do curso, Perfil Profissiográfico; é citada a necessidade de contextualizar a atualidade em que o homem está inserido. Porém, quando investigamos o ementário das disciplinas (vide pág. 98) contido no Projeto Pedagógico apenas dez (11) das quarenta e oito disciplinas abordam sobre a atualidade. Esse dado não define claramente que a atualidade esteja sendo pouco abordada nas diferentes disciplinas, mas possibilita questionar: porque a atualidade não tem destaque no ementário?

Outro tema abordado por Santos está baseado na repolitização global através de desocultar formas novas de opressão e de dominação. Novamente o Projeto Pedagógico no item: Fins e objetivos do curso apresenta o tema na categoria de inclusão – exclusão, porém no ementário apenas duas (12) disciplinas das quarenta e oito totais abordam essa temática o que nos leva a questionar como está sendo trabalhado esse tema?

A necessidade de se manter em constante questionamento pontuado por Santos aparece com ênfase no Projeto Pedagógico vinculado aos termos profissional crítico e reflexivo. Nas ementas encontramos dez (13) disciplinas que atentam para o questionamento e a reflexão.

Santos propõe que as relações de poder existentes no capitalismo sejam transformadas em relações de autoridade partilhada na busca da democracia, subjetividade, cidadania e emancipação. O Projeto pedagógico cita que o profissional deve ser agente de transformação local com objetivo geral de favorecer a emancipação e autonomia da clientela atendida. Assim podemos concluir que as propostas estão em sintonia. Quanto ao

(11) A saber: Administração em Serviços de Saúde, Antropologia Filosófica, Atividades Expressivas e Recursos Terapêutico, Desenvolvimento Adulto, Fundamentos e História da Terapia Ocupacional, Introdução ao Pensamento Teológico, Terapia Ocupacional na Infância e Adolescência II, Sociologia, Terapia Ocupacional em Saúde Mental I e Terapia Ocupacional em Saúde do Trabalhador.

(12) A saber: Terapia Ocupacional na Infância e Adolescência II e Terapia Ocupacional em Saúde Mental I.

(13) A saber: Antropologia Filosófica, Atividades Expressivas e Recursos Terapêutico, Dinâmica e Atividade Grupal, Estágio Profissional em Terapia Ocupacional Modulo A, Estágio Profissional em Terapia Ocupacional Modulo B , Estágio Profissional em Terapia Ocupacional Modulo CI, Estágio Profissional em Terapia Ocupacional Modulo CII, Formação e Desenvolvimento Profissional, Introdução ao Pensamento Teológico e Seminários em Terapia Ocupacional.

ementário uma disciplina (14) cita a socialização do saber.

O princípio de “comunidades interpretativas” onde a Universidade se concretiza num local de encontro do saber científicos com o do senso comum, defendido por Santos, não aparece de forma explícita no Projeto Pedagógico do curso. Porém os aspectos éticos necessários para a realização das comunidades interpretativas estão pontuados no ementário de seis (15) das quarenta e oito disciplinas.

Outro tema bastante valorizado por Santos frente ao papel da Universidade é de promover a formação de uma “personalidade de base” socializada nos princípios da racionalidade moral-prática, estético-expressivo e cognitivo-instrumental. Talvez esse item seja o mais difícil de localizar na análise do Projeto Pedagógico, porém arriscamos afirmar que existe uma tensão entre a formação do aluno com base na racionalidade cognitiva-instrumental caracterizada pela informação da técnica e a formação com ênfase nas racionalidades estético-expressiva e moral-prática que não se limita ao técnico, mas também ao formativo.

Com a intenção de intensificar o paralelo traçado entre a teoria proposta por Santos e o curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba até então analisado através do Projeto Pedagógico achamos prudente coletar mais dados através da ótica dos alunos. Para essa coleta solicitamos aos alunos do oitavo período que respondessem a seguinte questão: Qual (ais) o (s) papel (is) que a Universidade desempenhou em sua vida?

Trinta e sete alunos participaram dessa pesquisa realizada no final do período e, portanto próximo da conclusão do curso. As respostas foram categorizadas nos tópicos:

(14) A saber: Sociologia.

(15) Estágio Profissional em Terapia Ocupacional módulo A, Estágio Profissional em Terapia Ocupacional módulo B, Estágio Profissional em Terapia Ocupacional módulo C I, Estágio Profissional em Terapia Ocupacional módulo C II, Ética e Introdução ao Pensamento Teológico.

Categorias:**No. de alunos:****Caracterização da Universidade:**

Lugar de pensar,	1
Meio,	1
Mediadora de ensino,	1
Espaço.	1

Universidade proporciona frente à pós-graduação:

Interesse em dar continuidade em aperfeiçoamento profissional,	2
Interesse em dar continuidade à pesquisa,	1
Preparação para aplicação de conhecimentos,	1
Se tornar um Terapeuta Ocupacional,	1
Um futuro a ser construído, um momento a ser conquistado e uma profissão a ser defendida.	1

Universidade proporciona frente a questões relacionais:

Relacionamentos com diversos tipos de pessoas,	4
Integração social,	3
Melhora nas relações coletivas,	1
Conhecimento do outro na sua integridade e subjetividade humana,	1
Humanização e respeito com a saúde e bem estar de todas as pessoas,	2
Tolerância e aceitação das diferenças,	3
Espaço de trocas, vínculos e afetividade,	2
Acolhimento,	1
Contato com a clientela,	1
Trabalho em grupo,	1
Aprender a cuidar do outro.	1

Universidade proporciona frente às questões pessoais:

Auto-estima,	1
Conquistar,	1
Abertura para o novo,	2
Segurança,	1
Trabalhar com as emoções,	3
Interesse em buscar terapia,	1
Auto-avaliação,	1

Auto-conhecimento,	2
Sensibilidade,	1
Desafio,	1
Maturidade,	10
Crescimento Pessoal,	17
Aumento de confiança em si mesmo,	1
Desejo de vencer,	1
Promover transformações.	4

Universidade proporciona frente às questões profissionais:

Formação profissional,	22
Responsabilidade,	4
Ética,	5
Formação acadêmica,	3
Conhecimento científico,	1
Conhecimento do processo de Terapia Ocupacional,	1
Reflexão,	6
Conhecimento,	8
Senso crítico,	5
Experiência,	3
Conhecimento da profissão,	5
Respeito pelos demais profissionais,	1
Técnicas específicas,	3
Preparação,	1
Aprendizado,	2
Descobertas,	2
Expansão,	1
Construção de conhecimento,	1
Pesquisa,	1
Estudos,	1
Reconstrução,	1
Orienta,	1
Desempenho,	1
Reflexão do mundo atual, da sociedade e dos seres humanos que compõe esse Sistema.	4

Assim retomando os temas analisados observamos que apenas quatro alunos apontam a reflexão sobre a atualidade e portanto constatamos que este tema não está mesmo em destaque nas disciplinas.

Na categoria Universidade proporciona frente a questões relacionais podem ser exemplos de sensibilização para o tema de repolitização global através de desocultar formas novas de opressão e de dominação, abordado por Santos. Porém as relações de poder não foram explicitadas pelos alunos.

Considerando todas as categorias elaboradas podemos perceber que as funções da Universidade, sob a ótica dos alunos não se encerram com a racionalidade cognitiva - instrumental, pois apesar da ciência e da técnica terem sido citadas como contribuições fornecidas pela Universidade, observamos também o valor dado pelos alunos aos aspectos da racionalidade moral – prática do direito e da ética, demonstrados em temas como: ética, conhecimento do outro na sua integridade e subjetividade humana, humanização e respeito com a saúde e bem estar de todas as pessoas, tolerância e aceitação das diferenças.

Também ficou evidente a racionalidade estético-expressiva da arte e da literatura em alguns temas como: sensibilidade, trabalhar com as emoções, reflexão da atualidade, da sociedade e dos seres humanos que compõe esse sistema, entre outros; os quais suscitam a possibilidade de contato do aluno com esse plano da comunidade.

Embora as racionalidades: moral-prática, estético-expressiva e cognitivo-instrumental não tenham sido citadas de forma igualitária pudemos detectá-las. Esse fator sugere a possibilidade do aluno estar começando a formar uma “personalidade de base” socializada nos princípios das três racionalidades. Situação essa que, segundo Santos, deve ser a função prioritária da Universidade.

Outro fator significativo demonstrado pelos alunos diz respeito à elaboração de senso crítico, responsabilidade e reflexão que a Universidade proporciona frente às questões profissionais.

Nesse sentido a categoria: Universidade proporciona frente à pós-graduação também demonstra consciência da necessidade de dar continuidade ao processo formativo do papel profissional.

A conscientização da mudança de paradigma e a configuração da Universidade enquanto local para congregar os cidadãos e universitários em comunidades interpretativas

não foram pontuadas pelos alunos e talvez possam ser consideradas como diretrizes para novos trabalhos na Universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O questionamento frente a formação do terapeuta ocupacional na condição pós-moderna nos proporcionou um mergulho, talvez ousado e portanto inacabado, à diferentes temas e autores que foram constituindo esta pesquisa.

Encontramos no Projeto Político Pedagógico do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba e na Resolução CNE/CEs no.6/2002 das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional temas que indicam a necessidade de garantir na formação aspectos direcionados a crítica, a reflexão e a consciência do papel do terapeuta ocupacional enquanto agente facilitador, transformador e integrador junto à comunidades e agrupamentos sociais.

Neste sentido, fez-se necessário no primeiro capítulo realizar uma pesquisa teórica na busca do entendimento da modernidade, de sua crise e da transição para a condição pós-moderna, ou seja, a apropriação de como se caracteriza a atualidade e quais as conseqüências desta para a personalidade do sujeito e sua rotina de vida, temas centrais para a atuação do terapeuta ocupacional. Nessa pesquisa encontramos autores com Kujawsky e Harvey que descrevem um panorama onde o domínio do capitalismo discrimina a comunidade e exclui seus membros que não correspondem ao ideal de produtividade, consumismo e estética.

Segundo as psicanalistas Roudinesco e Kristeva, as mudanças sociais massificam a sociedade e proporcionam a era da evitação dos conflitos. Assim, a noção de sujeito com subjetividade é substituída pela pessoa patrimonial detentora de bens e posições sociais. Novamente nos deparamos com as idéias de individualidade e de exclusão.

Sendo assim, para o aluno desempenhar o papel de agente transformador na atualidade torna-se fundamental sua conscientização quanto a realidade e suas conseqüências para os sujeitos em geral e principalmente para os excluídos, muitos dos quais se identificam como a clientela elegível para a Terapia Ocupacional.

Em se tratando do papel do terapeuta ocupacional acreditamos que a consolidação da profissão também recebeu influências das transformações históricas geradas pelo capitalismo. Com os estudos de Soares, Magalhães e Medeiros, descritos no segundo capítulo, constatamos que as funções na origem da profissão estão vinculadas ao caráter

reabilitador e disciplinador, onde inúmeras vezes a consciência das reais necessidades da clientela foram e são suplantadas pelas exigências das instituições, das políticas públicas ou mesmo para o mascaramento ideológico da realidade. Segundo as autoras citadas devemos perceber essa realidade de forma crítica a fim de rever o papel do terapeuta ocupacional retomando a idéia do agente transformador.

Entendemos que a consciência e a revisão do papel do terapeuta ocupacional deve ser tratada com muita ênfase no processo de graduação do profissional e por isso estruturamos nossa pesquisa na Universidade de Sorocaba.

Todas as vivências realizadas no decorrer do trabalho com os alunos tiveram uma dupla intenção servindo de instrumento para analisar como os alunos estão percebendo os temas tratados (atualidade, imagem da Terapia Ocupacional e papel da Universidade) bem como para mobilizar nos alunos a reflexão e a crítica desses temas.

As vivências foram elaboradas com a mesma proposta das atividades utilizadas com caráter terapêutico na abordagem psicodinâmica onde os símbolos expressos no fazer reproduzem o mundo interno consciente e inconsciente do sujeito.

Ao analisar os resultados das vivências contatamos vantagens quanto ao seu uso no decorrer do processo de ensino e aprendizagem que não se encerra na transmissão da técnica, mas também no ato formativo do terapeuta ocupacional, situação esta exigida no Projeto Político Pedagógico do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba e na Resolução CNE/CEs no.6/2002 das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional.

Para ampliar os estudos quanto a formação do terapeuta ocupacional fez-se necessário uma reflexão quanto ao papel da Universidade. Nessa fase da pesquisa encontramos Boaventura Sousa Santos, apresentado no terceiro capítulo, que descreve o cenário da atualidade dedicando uma parte de sua pesquisa para refletir sobre as funções da Universidade e sua crise no âmbito da hegemonia, legitimidade e da instituição.

Além da descrição da situação atual da Universidade, Santos apresenta onze teses “que devem servir de bússola” para a revisão da atuação universitária. Essas idéias viabilizaram uma rota de análise para o nosso objeto de estudo, caracterizado pela formação do terapeuta ocupacional na Universidade de Sorocaba.

O quarto capítulo apresenta a descrição e análise do curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba realizada através dos dados encontrados no Projeto Político Pedagógico e do questionário aplicado aos alunos do último ano do curso.

Nessa análise observamos que o Projeto Político Pedagógico propõe uma formação com emancipação, crítica e autonomia capaz de perceber a real necessidade da clientela e atuar como agente transformador da realidade.

Nas ementas das disciplinas e nas respostas dos questionários realizadas pelos alunos encontramos ênfase na importância da crítica, do uso da ética e da necessidade em dar continuidade ao processo de formação profissional. Porém os temas descritos no projeto como atualidade e exclusão social aparecem com pouca ênfase nas respostas dos alunos. Com esses dados temos por hipótese que esses temas estão explícitos no Projeto Pedagógico, mas talvez pouco incorporados na prática da Universidade.

Quanto a formação de uma “personalidade de base” socializada nos princípios das racionalidades: moral-prática, estético-expressiva e cognitivo-instrumental percebemos indícios de que existe uma tensão entre a formação do aluno com base na racionalidade cognitivo-instrumental caracterizada pela informação da técnica e a formação com ênfase nas racionalidades estético-expressiva e moral-prática que não se limita ao técnico, mas também ao formativo.

A proposta de Santos em que Universidade seja um local capaz de congrega os cidadãos e universitários em comunidades interpretativas permitindo a estes o entendimento de sua realidade social e promovendo as transgressões interclassistas; vêm de encontro com a proposta de felicidade descrita por Kristeva que propõem a retomada da idéia da revolta no sentido do retorno a subversão, a mutação.

Essas idéias não aparecem de forma direta na análise do Projeto Político Pedagógico do curso e nem mesmo nos depoimentos dos alunos, porém entendemos que podem ser consideradas como metas a serem desenvolvidas, favorecendo inclusive a efetivação da missão da Universidade que proclama a integração do ensino, pesquisa e extensão.

REFERÊNCIAS:

- BOGDAN, R. SARI, B. **Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à teoria e aos métodos.** Portugal. Porto Editora Lda., 1994.
- BUARQUE, C. **A Cortina de Ouro – os sustos do final do século e um sonho para o próximo.** 2ª Edição. São Paulo. Paz e Terra, 1995.
- CARVALHO, F. B. **O símbolo em Cassirer, Freud e Ricoeur como fundamentos para a terapia ocupacional.** Dissertação de Mestrado elaborada na Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- CONNOR, S. **Cultura Pós-Moderna. Introdução às Teorias do Contemporâneo.** 2ª. ed., São Paulo, Edições Loyola, 1993.
- DIAS, L. C. **Avaliação em Terapia Ocupacional.** In: Cadernos de Terapia Ocupacional. Ano XI- no.1- setembro/99.
- DRUMMOND, A. F. **O incentivo à produção: desafios da formação do terapeuta ocupacional.** Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v.11, n.1, p.1-6, jan./abr., 2000.
- GALHEIGO, S. **Terapia Ocupacional: A Produção do Conhecimento e o Cotidiano das Práticas sob o Poder Disciplinar- Em Busca de um Depoimento Coletivo.** Dissertação de Mestrado elaborada na Unicamp, 1988.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade** / tradução: Tomas Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 4ª edição – Rio de Janeiro. DP&A, 2000.
- HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna.** 6ª. ed. Rio de Janeiro. Editora Loyola, 1996.
- JORGE, R. C. **Psicoterapia Ocupacional (História de um Desenvolvimento).** Belo Horizonte. Gesto, 1995.
- _____ **Museu Didático de Imagens Livres** Professor Rui Chamone Jorge: Mostra “Corpo Grupal”/ Rui Chamone Jorge. Belo Horizonte. GES.TO, 1997.
- KRISTEVA, J. **Sentido e contra- senso da revolta. Poderes e limites da psicanálise I /** Tradução: Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro. Rocco, 2000.
- KUJAWSKI, G. M. **A Crise do Século XX.** 2ª ed. São Paulo. Ed. Ática, 1991.
- MAGALHÃES, L. V. **Os Terapeutas Ocupacionais no Brasil: sob o signo da Contradição.** Dissertação de Mestrado elaborada na Unicamp, 1989.
- MEDEIROS, M. H. R. **A Terapia Ocupacional em relação à produção de conhecimento.** In: Caderno de Terapia Ocupacional. UFSCar, 2000, V. 8, n.1.
- PEIXOTO, M. G. **A condição política na pós-modernidade: a questão da democracia.** São Paulo: EDUC, 1998.
- PFEIFER, L.I. **Trabalhando a formação de terapeutas ocupacionais reflexivos.** In Caderno de Terapia Ocupacional UFSCar, 2000, V.8, n.2.
- ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** / Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2000.
- SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade.** 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SOARES, L.B.T. **Terapia Ocupacional – lógica do capital ou do Trabalho?** São Paulo. Editora Hucitec, 1991.

SYLVESTER, D. **Entrevistas com Francis Bacon. A brutalidade dos fatos.** / Tradução: Maria Teresa Resende Costa. Cosac & Naify Edições Ltda., 1995.

TRIVINHO, E. R. **Estética da Cultura, Comunicação e Pós-Modernidade.** Dissertação de Mestrado elaborada na Universidade de São Paulo, 1992.

ANEXO I

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MINUTA DE RESOLUÇÃO

Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do
Curso de Graduação em Terapia Ocupacional

O Presidente da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, tendo em vista o disposto no Art. 9º, do § 2º, alínea “C”, da Lei nº 9.131, de 25 de novembro de 1995, e com fundamento no Parecer CES/2001, de.....dede 2001, peça indispensável do conjunto das presentes Diretrizes Curriculares Nacionais, homologado pelo Sr. Ministro da Educação em ___ de 2001,

RESOLVE:

Art. 1º - A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional, a serem observadas na organização curricular das Instituições do Sistema de Educação Superior do País.

Art. 2º - As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Graduação em Terapia Ocupacional definem os princípios, fundamentos, condições e procedimentos da formação de terapeutas ocupacionais, estabelecidas pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, para aplicação em âmbito nacional na organização, desenvolvimento e avaliação dos projetos pedagógicos dos Cursos de Graduação em Terapia Ocupacional das Instituições do Sistema de Ensino Superior.

Art. 3º - O Curso de Graduação em Terapia Ocupacional tem como perfil do formando egresso/profissional o Terapeuta Ocupacional, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Capacitado ao exercício profissional, pautado em princípios éticos, no campo clínico-terapêutico e preventivo das práticas de Terapia Ocupacional. Conhece os fundamentos históricos, filosóficos e metodológicos da Terapia Ocupacional e seus diferentes modelos de intervenção e atua com base no rigor científico e intelectual.

Art. 4º - A formação do terapeuta ocupacional tem por objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades gerais:

- I. **Atenção à saúde:** os profissionais de saúde, dentro de seu âmbito profissional, devem estar aptos a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo. Cada profissional deve assegurar que sua prática seja realizada de forma integrada e contínua com as demais instâncias do sistema de saúde. Sendo capaz de pensar criticamente, de analisar os problemas da sociedade e de procurar soluções para os mesmos. Os profissionais devem realizar seus serviços dentro dos mais altos padrões de qualidade e dos princípios da ética/bioética, tendo em conta que a responsabilidade da atenção à saúde não se encerra com o ato técnico, mas sim, com a resolução do problema de saúde, tanto em nível individual como coletivo;
- II. **Tomada de decisões:** o trabalho dos profissionais de saúde deve estar fundamentado na capacidade de tomar decisões visando o uso apropriado, eficácia e custo-efetividade, da força de trabalho, de medicamentos, de equipamentos, de procedimentos e de práticas. Para este fim, os mesmos devem possuir competências e habilidades para avaliar, sistematizar e decidir as condutas mais adequadas, baseadas em evidências científicas;
- III. **Comunicação:** os profissionais de saúde devem ser acessíveis e devem manter a confidencialidade das informações a eles confiadas, na interação com outros profissionais de saúde e o público em geral. A comunicação envolve comunicação verbal, não verbal e habilidades de escrita e leitura; o domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira e de tecnologias de comunicação e informação;
- IV. **Liderança:** no trabalho em equipe multiprofissional, os profissionais de saúde deverão estar aptos a assumirem posições de liderança, sempre tendo em vista o bem estar da comunidade. A liderança envolve compromisso, responsabilidade, empatia, habilidade para tomada de decisões, comunicação e gerenciamento de forma efetiva e eficaz;
- V. **Administração e gerenciamento:** os profissionais devem estar aptos a tomar iniciativas, fazer o gerenciamento e administração tanto da força de trabalho, dos recursos físicos e materiais e de informação, da mesma forma que devem estar aptos a serem empreendedores, gestores, empregadores ou lideranças na equipe de saúde;
- VI. **Educação permanente:** os profissionais devem ser capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática. Desta forma, os profissionais de saúde devem aprender a aprender e ter responsabilidade e compromisso com a sua educação e o treinamento/estágios das futuras gerações de profissionais, mas proporcionando condições para que haja benefício mútuo entre os futuros profissionais e os profissionais dos serviços, inclusive, estimulando e desenvolvendo a mobilidade acadêmico/profissional, a formação e a cooperação através de redes nacionais e internacionais.

Art. 5º - A formação do terapeuta ocupacional tem por objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades específicas:

- I. relacionar a problemática específica da população com a qual trabalhará, com os seus processos sociais, culturais e políticos e perceber que a emancipação e a autonomia da população atendida são os principais objetivos a serem atingidos pelos planos de ação e tratamento;
- II. considerar as realidades regionais no que diz respeito ao perfil de morbimortalidade da população e as prioridades assistenciais por ele colocadas;

- III. compreender as relações saúde-sociedade como também as relações de exclusão-inclusão social, bem como participar da formulação e implementação das políticas sociais, sejam estas setoriais (políticas de saúde, infância e adolescência, educação, trabalho, promoção social, , etc) ou intersetoriais;
- IV. reconhecer as intensas modificações nas relações societárias, de trabalho e comunicação em âmbito mundial assim como entender os desafios que tais mudanças contemporâneas virão a trazer;
- V. reconhecer a saúde como direito e atuar de forma a garantir a integralidade da assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema;
- VI. inserir-se profissionalmente nos diversos níveis de atenção à saúde, atuando em programas de promoção, prevenção, proteção e recuperação da saúde, assim como em programas de promoção e inclusão social, educação e reabilitação;
- VII. explorar recursos pessoais, técnicos e profissionais para a condução de processos terapêuticos numa perspectiva interdisciplinar;
- VIII. compreender o processo de construção do fazer humano, isto é, de como o homem realiza suas escolhas ocupacionais, utiliza e desenvolve suas habilidades, se reconhece e reconhece a sua ação;
- IX. identificar, entender, analisar e interpretar as desordens da dimensão ocupacional do ser humano e a utilizar, como instrumento de intervenção, as diferentes atividades humanas quais sejam as artes, o trabalho, o lazer, a cultura, as atividades artesanais, o auto-cuidado, as atividades cotidianas e sociais, dentre outras;
- X. utilizar o raciocínio terapêutico ocupacional para realizar a análise da situação na qual se propõe a intervir, o diagnóstico clínico e/ou institucional, a intervenção propriamente dita, a escolha da abordagem terapêutica apropriada e a avaliação dos resultados alcançados.
- XI. desempenhar atividades de assistência, ensino, pesquisa, planejamento e gestão de serviços e de políticas, de assessoria e consultoria de projetos, empresas e organizações.
- XII. conhecer os fatores sociais, econômicos, culturais e políticos da vida do país, fundamentais à cidadania e a prática profissional;
- XIII. conhecer o processo saúde-doença, nas suas múltiplas determinações contemplando a integração dos aspectos biológicos, sociais, psíquicos, culturais e a percepção do valor dessa integração para a vida de relação e produção;
- XIV. conhecer e analisar a estrutura conjuntural da sociedade brasileira em relação ao perfil de produção e da ocupação dos diferentes indivíduos que a compõe;
- XV. conhecer a formulação das políticas sociais (de saúde, educação, trabalho, promoção social e, infância e adolescência) e a inserção do terapeuta ocupacional nesse processo;
- XVI. conhecer e correlacionar as realidades regionais no que diz respeito ao perfil de morbi-mortalidade e as prioridades assistenciais por ele colocada com a formulação de estratégias de intervenção em Terapia Ocupacional;

- XVII. conhecer a problemática das populações que apresentam dificuldades temporárias ou permanentes de inserção e participação na vida social;
- XVIII. conhecer a influência das diferentes dinâmicas culturais nos processos de inclusão, exclusão e estigmatização;
- XIX. conhecer os fundamentos históricos, filosóficos e metodológicos da Terapia Ocupacional e seus diferentes modelos de intervenção;
- XX. conhecer métodos e técnicas de investigação e elaboração de trabalhos acadêmicos e científicos;
- XXI. conhecer os princípios éticos que norteiam os terapeutas ocupacionais em relação as suas atividades de pesquisa, à prática profissional, à participação em equipes interprofissionais, bem como às relações terapeuta-paciente;
- XXII. conhecer a atuação inter, multi e transdisciplinar e transcultural pautada pelo profissionalismo, ética e equidade de papéis;
- XXIII. conhecer os principais métodos de avaliação e registro, formulação de objetivos, estratégias de intervenção e verificação da eficácia das ações propostas em Terapia Ocupacional;
- XXIV. conhecer os principais procedimentos e intervenções terapêuticas utilizados tais como: atendimentos individuais, grupais, familiares, institucionais, coletivos e comunitários;
- XXV. desenvolver habilidades pessoais e atitudes necessárias para a prática profissional, a saber: consciência das próprias potencialidades e limitações, adaptabilidade e flexibilidade, equilíbrio emocional, empatia, criticidade, autonomia intelectual e exercício da comunicação verbal e não verbal;
- XXVI. desenvolver capacidade de atuar enquanto agente facilitador, transformador e integrador junto às comunidades e agrupamentos sociais através de atitudes permeadas pela noção de complementaridade e inclusão;
- XXVII. conhecer, experimentar, analisar, utilizar e avaliar a estrutura e dinâmica das atividades e trabalho humano, tais como: atividades artesanais, artísticas, corporais, lúdicas, lazer, cotidianas, sociais e culturais;
- XXVIII. conhecer as bases conceituais das terapias pelo movimento: neuro-evolutivas, neuro-fisiológicas e biomecânicas, psicocorporais, cinesioterápicas entre outras;
- XXIX. conhecer a tecnologia assistiva e acessibilidade, através da indicação, confecção e treinamento de dispositivos, adaptações, órteses, próteses e software;
- XXX. desenvolver atividades profissionais nos diferentes níveis de atenção à saúde, sejam eles programas de proteção, promoção, recuperação da saúde ou programas de promoção e inclusão social, educação, habilitação e reabilitação;
- XXXI. vivenciar atividades profissionais nos diferentes equipamentos sociais e de saúde, sejam hospitais, unidades básicas de saúde, comunidades, instituições em regime aberto ou fechado, creches, centros de referência, convivência e de reabilitação, cooperativas, oficinas, instituições abrigadas e empresas, dentre outros;
- XXXII. desenvolver atividades profissionais com diferentes grupos populacionais em situação de risco e ou alteração nos aspectos: físico, sensorial, percepto-cognitivo, mental, psíquico e social;
- XXXIII. desenvolver atividades de planejamento e gerenciamento de serviços de Terapia Ocupacional.

Parágrafo Único - A formação do terapeuta ocupacional deverá atender ao sistema de saúde vigente no país, a atenção integral da saúde no sistema regionalizado e hierarquizado de referência e contra-referência e o trabalho em equipe.

Art. 6º - Os conteúdos essenciais para o Curso de Graduação em Terapia Ocupacional devem estar relacionados com todo o processo saúde-doença do cidadão, da família e da comunidade, integrado à realidade epidemiológica e profissional, proporcionando a integralidade das ações do cuidar em nutrição. Os conteúdos devem contemplar:

- **Ciências Biológicas e da Saúde** – incluem-se os conteúdos (teóricos e práticos) de base moleculares e celulares dos processos normais e alterados, da estrutura e função dos tecidos, órgãos, sistemas e aparelhos.
- **Ciências Sociais e Humanas** – inclui-se a compreensão dos determinantes sociais, culturais, econômicos, comportamentais, psicológicos, ecológicos, éticos e legais, a comunicação nos níveis individual e coletivo, do processo saúde-doença.
- **Ciências da Terapia Ocupacional** - incluem-se os fundamentos de Terapia Ocupacional, das atividades e recursos terapêuticos, de cinesiologia, cinesioterapia e de ergonomia, dos processos saúde-doença e de planejamento e gestão de serviços, de estudos de grupos e instituições e de terapia ocupacional em diferentes áreas de atuação.

Art. 7º - A formação do terapeuta ocupacional deve garantir o desenvolvimento de estágios curriculares, sob supervisão docente. A carga horária mínima do estágio curricular supervisionado deverá atingir 20% da carga horária total do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional proposto, com base no Parecer/Resolução específico da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação.

Art. 8º- O projeto pedagógico do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional deverá contemplar atividades complementares e as Instituições de Ensino Superior deverão criar mecanismos de aproveitamento de conhecimentos, adquiridos pelo estudante, através de estudos e práticas independentes presenciais e/ou a distância, a saber: monitorias e estágios; programas de iniciação científica; programas de extensão; estudos complementares e cursos realizados em outras áreas afins.

Art. 9º- O Curso de Graduação em Terapia Ocupacional deve ter um projeto pedagógico, construído coletivamente, centrado no aluno como sujeito da aprendizagem e apoiado no professor como facilitador e mediador do processo ensino-aprendizagem. Este projeto pedagógico deverá buscar a formação integral e adequada do estudante através de uma articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão/assistência.

Art. 10 - As Diretrizes Curriculares e o Projeto Pedagógico devem orientar o Currículo do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional para um perfil acadêmico e profissional do egresso. Este currículo deverá contribuir, também, para a compreensão, interpretação, preservação, reforço, fomento e difusão das culturas nacionais e regionais, internacionais e históricas, em um contexto de pluralismo e diversidade cultural.

Parágrafo 1º - As diretrizes curriculares do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional deverão contribuir para a inovação e a qualidade do projeto pedagógico do curso.

Parágrafo 2º - O Currículo do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional poderá incluir aspectos complementares de perfil, habilidades, competências e conteúdos, de forma a considerar a inserção institucional do curso, a flexibilidade individual de estudos e os requerimentos, demandas e expectativas de desenvolvimento do setor saúde na região.

Art. 11 - A organização do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional deverá ser definida pelo respectivo colegiado do curso, que indicará a modalidade: seriada anual, seriada semestral, sistema de créditos ou modular.

Art. 12 - Para conclusão do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional, o aluno deverá elaborar um trabalho sob orientação docente.

Art. 13 - A estrutura do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional deverá assegurar que:

- I. as atividades práticas específicas da Terapia Ocupacional deverão ser desenvolvidas gradualmente desde o início do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional, devendo possuir complexidade crescente, desde a observação até a prática assistida.
- II. estas atividades práticas, que antecedem ao estágio curricular, deverão ser realizadas na Instituição de Ensino Superior ou em instituições conveniadas e sob a responsabilidade de docente terapeuta ocupacional.
- III. as Instituições de Ensino Superior possam flexibilizar e otimizar as suas propostas curriculares para enriquecê-las e complementá-las, a fim de permitir ao profissional a manipulação da tecnologia, o acesso a novas informações, considerando os valores, os direitos e a realidade sócio-econômica. Os conteúdos curriculares poderão ser diversificados, mas deverá ser assegurado o conhecimento equilibrado de diferentes áreas, níveis de atuação e recursos terapêuticos para assegurar a formação generalista.

Art. 14 - A implantação e desenvolvimento das diretrizes curriculares devem orientar e propiciar concepções curriculares ao Curso de Graduação em Terapia Ocupacional que deverão ser acompanhadas e permanentemente avaliadas, a fim de permitir os ajustes que se fizerem necessários ao seu aperfeiçoamento.

Parágrafo 1º - As avaliações dos alunos deverão basear-se nas competências, habilidades e conteúdos curriculares desenvolvidos tendo como referência as Diretrizes Curriculares.

Parágrafo 2º O Curso de Graduação em Terapia Ocupacional deverá utilizar metodologias e critérios para acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem e do próprio curso, em consonância com o sistema de avaliação e a dinâmica curricular definidos pela IES à qual pertence.

Art. 15 – Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, DF, de de 2001.

Arthur Roquete de Macedo
Presidente da CES/CNE

ANEXO II

Trechos extraídos do Projeto Político Pedagógico da Universidade de Sorocaba/2002

Fins e objetivos do curso são:

“As atuais condições da comunidade regional caracterizam-se por uma crescente industrialização que, com conseqüente crescimento desordenado impõe precárias condições de vida, em especial, à população de baixa renda que depende exclusivamente dos serviços públicos essenciais.

Do ponto de vista das políticas públicas, na área da saúde, embora o discurso de administração do município esteja voltado para garantir o desenvolvimento do modelo de atuação comunitária, o que ainda predomina são as iniciativas assistenciais e a privatização dos serviços, evidenciados nessa região, pelo elevado número de leitos psiquiátricos em instituições tradicionais, pela existência de asilos, pelo enfoque na reabilitação em prejuízo de ações preventivas, com um único serviço de referência de hospital geral público para atender a demanda do município e região.

Nesse contexto, o curso de Terapia Ocupacional pretende inserir suas práticas, em um modelo de assistência à saúde e educação que busca fortalecer o processo de transformação política e social, oferecendo à população um atendimento público de qualidade capaz de atender suas necessidades básicas.

A proposta de funcionamento das disciplinas teórico-práticas direciona o aluno para a compreensão das políticas sociais, da concepção saúde/doença e do desenvolvimento humano, de forma que possibilite vivenciar o cotidiano da clientela passível de atendimento pela terapia ocupacional, gradativamente desde o primeiro semestre.

A forma de organização das disciplinas práticas objetiva ampliar os campos de atuação da terapia ocupacional, estruturando serviços por tempo pré-estabelecido em diversas áreas, promovendo a compreensão do papel desse profissional e buscando que as próprias instituições venham assumir a manutenção desses serviços.

Do ponto de vista pedagógico, o curso pretende favorecer ao aluno o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva, através da articulação teórico-prática e de ações pedagógicas integradas à pesquisa que privilegiem as relações do processo ensino-aprendizagem.

Pela especificidade da profissão, objetiva-se otimizar a capacidade do aluno de analisar as atividades humanas e saber adequá-las às diferentes clientelas com finalidades terapêuticas e de melhoria de qualidade de vida dos cidadãos .

Este curso deve assegurar a formação de Terapeutas Ocupacionais com capacidade para:

- relacionar a problemática específica da população com a qual trabalhará com os seus processos sociais, culturais e políticos e perceber que a emancipação e a autonomia da população atendida são os principais objetivos a serem atingidos pelos planos de ação e tratamento;

- considerar as realidades regionais no que diz respeito ao perfil morbimortalidade da população e as prioridades assistenciais por ele colocadas;
- compreender as relações saúde-sociedade como também as relações de exclusão-inclusão social, bem como participar da formação implementação das políticas sociais, sejam estas setoriais (saúde, educação, trabalho, promoção social, infância e adolescência, etc.) ou intersetoriais;
- reconhecer as intensas modificações nas relações societárias, de trabalho e comunicação em âmbito mundial assim como entender os desafios que tais mudanças contemporâneas virão a trazer;
- inserir-se profissionalmente nos diversos níveis de atenção a saúde, atuando em programas de promoção, prevenção, proteção e recuperação da saúde, assim como em programas de promoção, inclusão social, educação e reabilitação;
- dispor de recursos pessoais, técnicos e profissionais para a condução de processos terapêuticos numa perspectiva interdisciplinar;
- compreender o processo de construção do fazer humano, isto é, de como o homem realiza suas escolhas ocupacionais, utiliza e desenvolve suas habilidades, se reconhece e reconhece a sua ação;
- identificar, entender, analisar e interpretar as desordens da dimensão ocupacional do ser humano e a utilizar, como instrumento de intervenção, nas diferentes atividades humanas quais sejam as artes, o trabalho, o lazer, a cultura, o auto-cuidado, as atividades cotidianas, sociais, artesanais e outras;
- utilizar o raciocínio terapêutico ocupacional para realizar a análise da situação na qual se propõe a intervir, o diagnóstico clínico e/ou institucional, a intervenção propriamente dita, a escolha da abordagem terapêutica apropriada e a avaliação dos resultados alcançados;
- desempenhar atividades de assistência, ensino, pesquisa, planejamento, gestão de serviços e de políticas, de assessoria e consultoria de projetos, empresas e organizações.”

Quanto ao **Perfil Profissiográfico** o Projeto contempla:

“O perfil que o curso de Terapia Ocupacional propõe tem seu direcionamento voltado para um profissional com uma formação geral, atenta à qualidade de vida da sociedade brasileira e da comunidade regional.

A formação generalista, deve contemplar de forma equilibrada conhecimentos gerais nas áreas biológicas e humanas, conhecimentos específicos no campo da Terapia Ocupacional além de atividades de complexidade crescente que envolvam a observação, a prática autônoma supervisionada nas diferentes áreas, equipamentos e níveis de atuação, proporcionando desta forma, condições para o desenvolvimento de um profissional crítico e reflexivo, capaz de atuar nas áreas clássicas da terapia ocupacional ou sob novas perspectivas, como agente transformador da realidade local. O ensino de graduação deve ser entendido como uma etapa inicial de um processo de formação continuada e permanente.”

Este Projeto Pedagógico contém uma **Matriz Curricular** que compreende dois núcleos de conhecimento e aquisição de habilidades a saber:

a) Núcleo de Conhecimentos Básicos

“Este núcleo deve ser subdividido em duas grandes áreas:

Área Biológica, compreendendo estudos de Biologia Humana, Anatomia, Fisiologia, Fundamentos de Patologia e Patologia Aplicada.

Área de Humanas, compreendendo estudos de Sociologia, Antropologia, Psicologia Geral, da Personalidade, do Desenvolvimento, Metodologia do Trabalho Científico e da Pesquisa, Filosofia, e Ética.

b) Núcleo de Conhecimentos Específicos

Este núcleo deve ser ministrado ao longo de todo curso de graduação e ser subdividido nas áreas abaixo relacionadas:

Área de Formação Específica: compreendendo estudos de Fundamentos de Terapia Ocupacional, das Atividade e Recursos Terapêuticos, de Cinesiologia, Cinesioterapia, Ergonomia, de Clínicas Médicas, Saúde Coletiva, de Terapia Ocupacional em diferentes áreas de atuação, Grupos e Instituições, Planejamento e Gestão de Serviços.

Área de Formação em Serviço: compreendendo o ensino em serviços de Terapia Ocupacional (que deverão corresponder a 1000 horas no mínimo).

OBSERVAÇÃO: O curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba propõe-se a oferecer disciplinas optativas e/ou a possibilidade do aluno cursar algumas de seu interesse oferecidas por outros cursos durante o seu processo de formação.”

Ementa das disciplinas do Projeto Pedagógico aprovado em 2001 pelo MEC

DISCIPLINA: Administração em Serviços de Saúde – 04 créditos – 80 horas
<i>Ementário:</i> Noções de administração de serviços de saúde em hospitais, clínicas e ambulatórios. Planejamento e gerenciamento de serviços de saúde. História da assistência à saúde no Brasil. Estrutura e funcionamento das Instituições de saúde. Políticas de saúde no Brasil. Conceitos de saúde – doença. Conceitos de prevenção em saúde e epidemiologia.

DISCIPLINA: Anatomia Humana – 06 créditos – 120 horas
<i>Ementário:</i> Noções básicas sobre nomenclaturas anatômica, eixos e planos de construção e delimitação das estruturas constituintes dos sistemas ósseo, articular, juntamente com os aspectos gerais de miologia, angiologia, respiratório, digestório, urogenital masculino e feminino, sistema nervoso (neuroanatomia), endócrino e órgãos sensoriais.

DISCIPLINA: Antropologia Filosófica – 02 créditos – 40 horas
<i>Ementário:</i> Conceito de Antropologia Filosófica: indagação do homem sobre si mesmo. Organização dos campos dessa indagação – diferença entre pensamento religioso e filosófico. Estudo de diferentes olhares filosóficos sobre o homem, a cultura e a sociedade. Reflexão da relação homem-natureza.

DISCIPLINA: Atividades Expressivas e Recursos Terapêuticos (AERT)- 04 créditos – 80 horas
<i>Ementário:</i> Tarefas criativas. Questionamento social, questionamento da auto-imagem, questionamento do conhecimento consciente e do inconsciente. Reconhecimento do outro. Empatia. O trabalho corporal e os aspectos nele envolvidos. Expressão corporal, dança, música, teatro. Brinquedos e brincadeiras. Jogos e lazer em terapia ocupacional.

DISCIPLINA: Atividades Plásticas e Recursos Terapêuticos (ART)- 04 créditos- 80 horas
<i>Ementário:</i> O potencial terapêutico da linguagem simbólica e práxica. Conceito de atividade terapêutica e estudos de diferentes roteiros de análise de atividade. Atividades práticas em Ateliê: desenho e pintura, artesanato e modelagem

DISCIPLINA: Atividades Tecnológicas e Recursos Terapêuticos (ATRT) - 04 créditos – 80 horas
<i>Ementário:</i> Atividades Tecnológicas: Rádio, VT, fotografia, informática. Do limite do treinamento às possibilidades do cotidiano: Atividades da Vida Diária (AVDs) e Atividade da Vida Prática (AVPs). Atividades práticas em oficinas: tecelagem e tapeçaria, marcenaria e cutelaria.
DISCIPLINA: Biofísica e Bioquímica – 02 créditos- 40 horas
<i>Ementário:</i> Bioquímica dos nutrientes, equilíbrio ácido-básico, regulamentação metabólica e mecanismos bioquímicos da contração muscular e condução nervosa. Membrana, excitabilidade celular, potenciais de membrana, sinapse e contração muscular. Sistemas de alavancas.
DISCIPLINA: Biologia - 04 créditos – 80 horas
<i>Ementário:</i> Genética Molecular, Citogenética, Doenças Genéticas e genética Mendeliana. Teratologia, aconselhamento genético. Citologia básica. Histologia dos sistemas. Desenvolvimento embrionário humano.
DISCIPLINA: Cinesiologia – 04 créditos – 80 horas
<i>Ementário:</i> Mobilidade Articular. Ação muscular e avaliação dos movimentos humanos. Equilíbrio, coordenação motora. Análise Segmentar dos movimentos - MMSS e MMII. Provas musculares e goniometria.
DISCIPLINA: Cinesioterapia – 02 créditos – 40 horas
<i>Ementário:</i> Postura, educação e reeducação neuro-muscular (introdução ao exercício terapêutico), noções cinesioterápicas na reeducação funcional (AVD) Reeducação funcional. As diferentes abordagens terapêuticas e atuação de terapia ocupacional. Introdução as técnicas de manuseio: Método Bobath e Kabath . avaliação de sensibilidade.
DISCIPLINA: Desenvolvimento Infantil – 02 créditos – 40 horas
<i>Ementário:</i> Etapas do desenvolvimento infanto-juvenil. Desenvolvimento Motor, cognitivo e emocional.
DISCIPLINA: Desenvolvimento Adulto – 02 créditos – 40 horas
<i>Ementário:</i> Compreensão do ser humano numa visão biopsicossocial. Passagens previsíveis da vida adulta Interferência da condição pós-moderna na qualidade de vida do adulto. Dor e Stress.
DISCIPLINA: Dinâmica e Atividade Grupal – 02 créditos – 40 horas
<i>Ementário:</i> Conceitos de grupo. Modalidades de grupo. Grupo terapêutico. Principais modelos teóricos e técnicas para abordagem grupal. O trabalho grupal em Terapia Ocupacional. Vivência e reflexão do processo grupal
DISCIPLINA: Estágio Profissional em Terapia Ocupacional Módulo A. – 12 créditos- 240 horas
<i>Ementário:</i> Relação estagiário-instituição. Reflexão sobre a atuação profissional e entendimento da relação terapêutica. Observação de atendimentos e discussão de casos. O atendimento supervisionado em terapia ocupacional: utilização de métodos e técnicas de avaliação, planejamento, acompanhamento e registro do processo terapêutico. Desenvolvimento da postura profissional no que se refere aos aspectos éticos, emocionais, técnicos e culturais. Ênfase em Saúde Física ou Saúde Mental.
DISCIPLINA: Estágio Profissional em Terapia Ocupacional Módulo B. – 12 créditos- 240 horas
<i>Ementário:</i> Relação estagiário-instituição. Reflexão sobre a atuação profissional e entendimento da relação terapêutica. Observação de atendimentos e discussão de casos. O atendimento supervisionado em terapia ocupacional: utilização de métodos e técnicas de avaliação, planejamento, acompanhamento e registro do processo terapêutico. Desenvolvimento da postura profissional no que se refere aos aspectos éticos, emocionais, técnicos e culturais. Ênfase em Saúde Física ou Saúde Mental.
DISCIPLINA: Estágio Profissional em Terapia Ocupacional Módulo C I. – 05 créditos – 100 horas
<i>Ementário:</i> Relação estagiário-instituição. Reflexão sobre a atuação profissional e entendimento da relação terapêutica. Observação de atendimentos e discussão de casos. O atendimento supervisionado em terapia ocupacional: utilização de métodos e técnicas de avaliação, planejamento, acompanhamento e registro do processo terapêutico. Desenvolvimento da postura profissional no que se refere aos aspectos éticos, emocionais, técnicos e culturais. Ênfase em áreas de atuação da Terapia Ocupacional com exceção de Saúde Física e Saúde Mental.

DISCIPLINA: Estágio Profissional em Terapia Ocupacional Módulo C II. – 06créditos – 120 horas

Ementário: Relação estagiário-instituição. Reflexão sobre a atuação profissional e entendimento da relação terapêutica. Observação de atendimentos e discussão de casos. O atendimento supervisionado em terapia ocupacional: utilização de métodos e técnicas de avaliação, planejamento, acompanhamento e registro do processo terapêutico. Desenvolvimento da postura profissional no que se refere aos aspectos éticos, emocionais, técnicos e culturais. Ênfase em áreas de atuação da Terapia Ocupacional com exceção de Saúde Física e Saúde Mental.

DISCIPLINA: Ética – 04 créditos – 80 horas

Ementário: Noções e conceitos filosóficos da ética e da moral como objetivo de compreender a relação existente entre a ética e as diferentes ações da saúde. Código de ética e legislação específica da Terapia Ocupacional.

DISCIPLINA: Fisiologia Humana- 04 créditos – 80 horas

Ementário: Fisiologia dos diversos sistemas orgânicos, ressaltando os aspectos de integração desses sistemas no organismo íntegro.

DISCIPLINA: Formação e Desenvolvimento Profissional- 02 créditos – 40 horas

Ementário: Retomada crítica das dificuldades encontradas pelos alunos durante a realização dos estágios profissionais. Entidade de Classe. Papel Profissional. Discussão de Casos. Relação Estagiário x Instituição.

DISCIPLINA: Fundamentos e História da Terapia Ocupacional – 04 créditos – 80 horas

Ementário: História, evolução filosófica e científica da terapia ocupacional. Bases sociais; objetivo e especificidade da Terapia Ocupacional. A atividade na formação do terapeuta ocupacional: sua importância, seu papel e seu significado da atividade profissional. O Fazer do Homem. Significado do trabalho. O trabalho, a ocupação e a atividade enquanto uma forma de intervenção na saúde.. O trabalho e a força de trabalho na forma capitalista de produção e na vida de uma cultura ligada à natureza.

DISCIPLINA: Fundamentos de Patologia – 02 créditos – 40 horas

Ementário: Patogenia, anatomia patológica e fisiopatologia das alterações mais comuns que ocorrem nos tecidos e órgãos humanos. Noções de farmacologia.

DISCIPLINA: Introdução ao Pensamento Teológico – 04 créditos – 80 horas

Ementário: Reflexão sobre o sentido da vida humana em seu contexto histórico e social. Reflexão sobre a dimensão ética, através da temática da liberdade e da utopia.

DISCIPLINA: Metodologia do Trabalho Científico- 04 créditos – 80 horas

Ementário: Orientações sobre leitura, estudo e interpretação escrita, bem como complementação bibliográfica. Base para elaboração de relatórios de aulas prática, trabalhos científicos e monografias

DISCIPLINA: Métodos e Técnicas de Pesquisa- 02 créditos – 40 horas

Ementário: Pesquisa qualitativa e quantitativa. Elaboração de projeto de pesquisa; tema, objetivos, metodologia e desenvolvimento. Estudos de observação e estudo de caso.

DISCIPLINA: Métodos e Técnicas de Pesquisa em Terapia Ocupacional- 02 créditos – 40 horas

Ementário: Base para elaboração e pesquisa em terapia ocupacional. Pesquisa qualitativa, quantitativa, Participante. Utilização de entrevistas e questionários. Tópicos da elaboração de projeto de pesquisa; tema, objetivos, metodologia e desenvolvimento.

DISCIPLINA: Métodos, Técnicas e Procedimentos de Intervenção em T.O.- 04 créditos - 80 horas

Ementário: Evolução histórica dos métodos utilizados em terapia ocupacional; correlação com as principais correntes do pensamento científico contemporâneo. Seleção da ação do terapeuta ocupacional nas concepções: funcionalista, humanista e materialista-histórica. Métodos utilizados em terapia ocupacional nas disfunções físicas, psicoeducacionais e de saúde mental. Anamnese e Avaliações em terapia ocupacional. Atividades de Vida Diária e Atividades de Vida Prática. Relação terapeuta-paciente-família e comunidade.

DISCIPLINA: Patologia Aplicada - 04 créditos – 80 horas <i>Ementário:</i> Os conceitos básicos da patologia sobre órgãos e sistemas específicos, onde através da análise patológica pode-se aprender sobre o diagnóstico
DISCIPLINA: Prática em Terapia Ocupacional I – 02 créditos – 40 horas <i>Ementário:</i> Os campos de atuação da Terapia Ocupacional e a dinâmica de atuação em TO. O conhecimento das áreas de atuação da Terapia Ocupacional e suas respectivas clientela, através de observação. Organização e estruturação dos serviços de Terapia Ocupacional. Visitas a Instituições.
DISCIPLINA: Prática em Terapia Ocupacional II - 03 créditos – 60 horas <i>Ementário:</i> Instituições assistenciais , educacionais e corretivas. Análise institucional. Programas de atenção à saúde : os três níveis. A inserção da TO nos programas de saúde.
DISCIPLINA: Prática em Terapia Ocupacional III - 04 créditos – 80 horas <i>Ementário:</i> Observação e participação em programas de atividades com clientela atendida em terapia ocupacional (ênfase em análise de atividade).
DISCIPLINA: Prática em Terapia Ocupacional IV – 04 créditos – 80 horas <i>Ementário:</i> Observação e participação em programas de atividades com clientela atendida em terapia ocupacional (ênfase em formação de vínculo).
DISCIPLINA: Próteses, Órteses e Adaptações - 04 créditos – 80 horas <i>Ementário.</i> Tecnologia Assistiva: avaliação, indicação e orientação da utilização dos diferentes equipamentos, instrumentos e dispositivos (próteses órteses e adaptações). Treinar e orientar a utilização dos dispositivos nas atividades da vida diária e prática.. O papel do Terapeuta Ocupacional. Confecção de órteses e apresentação dos diferentes tipos de materiais existentes no mercado.
DISCIPLINA: Psicologia - -2 créditos – 40 horas <i>Ementário:</i> Conceitos básicos do desenvolvimento humano, abordando as diversas etapas evolutivas (infância, adolescência, idade adulta e velhice) sob a ótica de diversas teorias, Desenvolvimentista, Psicodinâmica, Gestalt, Comportamental .
DISCIPLINA: Psicomotricidade - 02 créditos – 40 horas <i>Ementário:</i> Introdução à Psicomotricidade. Conceitos psicomotores e desenvolvimento psicomotor. Práticas psicomotoras. Transtornos psicomotores. Avaliação psicomotora.
DISCIPLINA: Saúde Ocupacional - 04 créditos – 80 horas <i>Ementário:</i> A relação Homem-Trabalho e a carga psíquica do trabalho. Trabalho e Saúde Mental: psicopatologia do trabalho. Stress e trabalho. Qualidade de vida e trabalho. Ergonomia: Conceito, abrangência. Análise ergonômica do trabalho. O trabalho: seu ambiente, sua organização e a saúde. O trabalho, a ocupação e a atividade enquanto uma forma de intervenção na Saúde.
DISCIPLINA: Seminários em Terapia Ocupacional – 02 créditos – 40 horas <i>Ementário:</i> Reflexão sobre o papel profissional do terapeuta ocupacional em relação às diferentes dinâmicas institucionais e/ou modelos assistenciais em saúde, bem como em relação aos diferentes modelos de intervenção da terapia ocupacional junto às diversas clientela. Papel profissional. Discussão de Casos. Relação Estagiário x Instituição.
DISCIPLINA: Sociologia – 02 créditos – 40 horas <i>Ementário:</i> definição de sociologia e contextualização histórica do seu surgimento enquanto ciência. Objetos e métodos sociológicos clássicos. A área de saúde e sua abordagem sociológica. As concepções de saúde na sociedade contemporânea. A socialização do saber
DISCIPLINA: Terapia Ocupacional em Disfunções Sensoriais - 04 créditos – 80 horas <i>Ementário:</i> O enfoque da Terapia Ocupacional com Deficientes Auditivos, Deficientes Visuais e Deficientes Mentais. Patologias e atuação profissional.

DISCIPLINA: Terapia Ocupacional em Geriatria e Gerontologia- 04 créditos – 80 horas

Ementário: Envelhecimento. Distúrbios mentais, orgânicos e afetivos do idoso. Memória. Atividades individuais e grupais de Terapia Ocupacional na terceira idade. A família e o idoso. Redescobrir a vida na terceira idade.

DISCIPLINA: Terapia Ocupacional na Infância e Adolescência I-04 créditos – 80 horas

Ementário: Atuação da T.O. com crianças e adolescentes. Principais alterações no desenvolvimento e a atuação da terapia ocupacional: limitações e incapacidades motoras. O papel da família. Bebê de risco. Problemas pré, peri e pós natais. Anamnese, avaliação e procedimentos em Terapia Ocupacional. Atividades da vida diária e prática (AVD e AVP). Programas interdisciplinares. Hospitalização, institucionalização e possibilidades educativas.

DISCIPLINA: Terapia Ocupacional na Infância e Adolescência II-04 créditos – 80 horas

Ementário: Atuação do T.O. com crianças e adolescentes. Principais alterações no desenvolvimento e a atuação da terapia ocupacional: limitações da atividade cognitiva e emocional. Importância do meio no desenvolvimento: condições sócio econômicas, privação cultural, marginalização. Construção da identidade e da independência. Responsabilidades familiares e sociais.. Anamnese, avaliação e procedimentos em Terapia Ocupacional. Atividades da vida diária e prática (AVD e AVP). Programas interdisciplinares Hospitalização, institucionalização e possibilidades educativas.

DISCIPLINA: Terapia Ocupacional em Saúde Física I-04 créditos – 80 horas

Ementário: A atuação do terapeuta ocupacional nas principais patologias ortopédicas, reumatológicas, lesões traumáticas e queimaduras. Avaliação reabilitação funcional e adaptações. Atividades da vida diária e prática (AVD e AVP).

DISCIPLINA: Terapia Ocupacional em Saúde Física II-04 créditos – 80 horas

Ementário: A atuação do terapeuta ocupacional nas principais doenças crônico-degenerativas e lesões do Sistema Nervoso Central. Processo incapacitante. Atividades da vida diária e prática (AVD e AVP). Desenvolvimento do campo da reabilitação da pessoa com deficiência. Modelos comunitários de reabilitação e inserção das pessoas com deficiência no trabalho.

DISCIPLINA: Terapia Ocupacional em Saúde Mental I-04 créditos – 80 horas

Ementário: Desenvolvimento histórico da terapia ocupacional na área da saúde mental. Processos de marginalização e de exclusão social. Psicopatologia: Transtornos Mentais e de Comportamento. Atendimento de T.O . na área de S. Mental: Hospitais psiquiátricos.

DISCIPLINA: Terapia Ocupacional em Saúde Mental II-04 créditos – 80 horas

Ementário: Métodos e Técnicas terapêutico-ocupacionais na saúde mental . Tipos de atendimento de T.O . na área de S. Mental: Hospital-dia, Ambulatórios de Saúde Mental, Centro de Atenção Psicossocial, Oficina Terapêutica, Centro de Convivência.

DISCIPLINA: Terapia Ocupacional em Saúde do Trabalhador- 04 créditos – 80 horas

Ementário: O mundo do trabalho no panorama atual e a Saúde do Trabalhador. Desgastes provocados pelo trabalho. Prevenção de problemas posturais, psicológicos e emocionais no ambiente de trabalho. Atuação da Terapia Ocupacional nas patologias do trabalho, principalmente em LER/DORT. Medidas preventivas e de promoção de saúde no ambiente de trabalho. Acidentes de trabalho. A terapia ocupacional na Readaptação Profissional, Habilitação e Reabilitação Profissional devido a incapacidade parcial ou total para o trabalho. Laudo terapêutico-ocupacional.

DISCIPLINA: Trabalho de Conclusão de Curso-06 créditos – 120 horas

Ementário: Definição e Elaboração do Projeto de Pesquisa. Levantamento bibliográfico e preparação da metodologia de coleta de dados. Coleta e análise de dados do TCC. Redação final e defesa perante uma banca composta por três professores.